POEMAS DO SUL EM CINCO CANTOS.**ed. da autora**, 2009-2014 [selecção]

Edição de autora, de um total de 20 livros, organizada em 5 volumes-Cantos (contendo cada Canto 4 livros-*Andamentos* + 2 poemas gravados/CD)|
Os volumes-Cantos I e II – abrangendo 8 livros de poesia e dois poemas em gravação CD) foram editados em 2014|
Os restantes 3 volumes-Cantos, abrangendo 12 livros-*Andamentos* inéditos, nunca foram editados|

Nesta Antologia, na selecção de poemas de todos os Cantos, deu-se realce especial aos Cantos inéditos (III, IV, V)|
A data de referência é 2014, variando as datas de escrita (entre parêntesis rectos).

CANTO I – Da Terra | 2014a **1.º ANDAMENTO. *Dos Musgos*** [2010-2011]
https://www.youtube.com/playlist?list=PLqGANiRSJyat_C-xebWZztNi69hWah6-I

Dos Musgos

o alcatrão tem gretas
cinzentas
e, aqui e ali, poças de
tempos a chover sem parar.
as bermas desapareceram
com a espécie de levadas
escorregadias
ladeando a estrada.
o alcatrão tem gretas
umas, cinzentas
outras, brancas.
e a estrada parece um
corpo enorme
esquelético estreito
por onde escorrem as lágrimas do inverno.
todas as coisas choram
os salgueiros quase desabam
na aliança com a água
os plátanos, só de aparência ilesos,
fincam os troncos pernas
e pés na lama
as oliveiras inclinam-se
solícitas

para os carvalhos secos bem vestidos
e, claro, os chorões
como lhes compete
choram.
o alcatrão tem gretas
abre-se em brechas
ranhuras faltas falhas
ausências
como, por vezes, as encostas.
a terra, essa, cala fundo
tanta tristeza.
quieta. calada. paciente
acolhe as águas enquanto pode
até ao limite da desfiguração
da lama encavalitada
mole.
a terra, amolecida
de chorar, aguarda.

as pessoas têm gretas
falhas faltas
ausências
até ao limite da desfiguração.
calam, fundo, tanta tristeza
aparentam alegrias infantes
menineiras
esperanças
o alcatrão, as encostas
as pessoas
todos, amolecidos, choram.
enquanto a terra / amolecida
aguarda sabiamente
pelo céu azul
friorento como seco.

aguarda pelo rumo de ventos
rasos
atempados na sua missão
de ajudar lamas a gerar
musgos.

a terra, aguarda, em gestação.
sabe, a terra,
que o seu primeiro fruto
não virá pendurado de galhos
confortados por folhas.
sabe, a terra,
que o seu primeiro parto
é verde
brilhante aos raios, sob o azul
manto suave, amolecido, pelas mágoas renascido das águas do choro
outonal.
sabe, a terra,
que o seu primeiro fruto
se destina ao ritual do nascimento
de um menino simples
escorraçado, mas amado
que deve nascer
aconchegado pelos que cuidam de si,
da terra.
alcatrão
encostas
árvores e pessoas
rasgam-se em gretas, brechas, falhas e
ranhuras
têm faltas, ausências
medos e desolação.
mas não a terra
— que se sabe em gestação —

e aguarda pelo seu primeiro
fruto verde:
os musgos brilhantes
que, pela mão de meninos,
farão a magia do presépio. / da consolação.

https://youtu.be/_OjW3X8Foac

---

tríptico

1.

a mãe
desce as escadas com a bébé
ao colo
a mais velha
brinca no tapetão de ovelha
acamado sobre os ladrilhos vermelhos
boneca de trapos
cavalinho de madeira
meadas de lã
gato e gata
— uma harmonia perfeita
de inocência e candura
uma inteira brincadeira.
apesar dos fios enleados
apesar dos lios
dos pêlos de felinos e
da desarrumação às cores
por baixo de mesa
e cadeiras.
a mãe
com a bébé ao colo
sorri.
aproxima-se
— a mãe com a bébé ao colo —

e senta-se, cuidadosa,
ao lado da mais velha.
a barriga do gato
depois de uma cambalhota
roça-lhe, de propósito,
o joelho.
a mais velha
embora já ande bem
gatinha, melosa,
para vir dar colo à bébé.
assim se inicia
a época do Natal
enquanto o pai não chega
das compras-surpresa
para todas.
assim se vive
o espírito do Natal.
que maior harmonia
pode
alguém na vida
desejar?

2.
astrais
enormes
os olhos das meninas
saboreiam as prendas.

abraçadas às bonecas
ao papel e aos laços
brilhantes dourados
as meninas estão felizes.
são elas
as nossas guias

pela esperança.
e o mundo inteiro
abraça, grato,
a estas e todas
as meninas
brilhantes
com olhos e coração
enormes. astrais.

3.
pela vida fora
levaremos
o tinir
dos sininhos
de imaginárias renas
de improváveis Magos
de impossíveis barbas
brancas
pontuais ao minuto,
a descer pela chaminé.
pela vida fora: levaremos?
trazemos.
ou não fora
esta a época
do nascimento do real menino
nascido em palhinhas fabulosas
para governar
o mundo
real
do Bem e do Mal.

https://youtu.be/-7gL6tbT-kY

RAIZ 1. do Amor

1.

amo-te por dentro deste sentimento alegre e ácido
sabor a pele derramado em condimentos.
amo-te assim sem jeito nem leito onde pousemos juntos plenos unos.
amo-te em contratempo
sem corrimão em contramão
sem alpendre nem rede para amenizar
o furor de ambas as asas com que me casas
à tua mão à tua boca ao teu sorriso de pão.
amo-te fora de horas
quando as horas avisam, a luz alumia
imprevista e o amor palpita em meu colo
em meus seios acesos
no meu dorso
em ânsias doces inapeláveis
inalcançáveis. amorais, pois puras
do pleno sentir.
amo-te como há tanto nem tanto
amo-te como há muito não muito
amo-te. como o olhar cala a lágrima
    como o gesto resguarda a mão
    como o trilho inverte o passo
amo-te sem queixas,
    dolorosamente atenta ao que não dizes
    amorosamente intensa porque não calas
    loucamente sã do obscuro ciclo das falhas
amo-te com a palavra por dizer
no verso travesso a escapar-me
    entre os dedos
    entre os veios da ungida carne que me honra
amo-te destemidamente aquietada

pela distância
(nunca tal lonjura tão perto me habitara)
e amo-te
ainda e sobretudo
sem razão nenhuma
sem motivo nem esperança
de que algum dia
também, tu, me ames
meu amor. (...)

RAIZ 2. do Homem-Árvore

era uma árvore.
de passada intensa
de intenso passado.
à medida que se erguia
alongavam-se os braços
ou ramos
e as raízes, frutíferas,
abarcavam cada vez mais
terra. céu. o mundo.
castanha. / possante. /
e só.
à sua volta
desejaria flores, gentes de riso
visão todos sentidos
pequenos seres esvoaçantes
uns quase voláteis
maiores seres, outros
— felinos fiéis e audazes —
ágeis seres puros
selvagens por natureza
seres seres seres seres:
mas era uma árvore,

só.
caminhava firme
como só uma árvore o faz
como só as árvores
sabem o que é caminhar
caminhava indo e vindo
sempre constante
na intensa busca
do universo.
a árvore, firme e mutante
possante e leve
auspiciava as marés e as quatro estações.
era, aliás, com a árvore
que as quatro estações ainda nasciam:
à medida do seu passar
com voz altiva
anunciava o libertar das folhas,
a purificação
do secar, ao frio, rebentos indispensáveis à floração ritual
do renascer destinado ao ócio, e ao ocioso estio do sol.
auspiciava as estações em todo o lado.
tanto trabalho tinha pelos hemisférios que
às vezes
pensava em desistir da vida de árvore
pois, pontualmente, unia
à tarefa das estações,
a de pastorear o recreio das marés:
de manhãzinha, cedo, chamava-as para a costa.
à tardinha, terna levava-as para casa.
ninguém imagina
os cansaços e o amor sentidos pela árvore.
ninguém saberá
os encantos e o amor gemidos pela árvore.
confesso ser eu, agora,

a que não sabe do paradeiro
dessa árvore castanha e possante,
firme e constante caminheira,
como só as árvores sabem,
dos caminhos.
se alguém a vir
que me diga por onde pára
para poder ir lá abraçar
esse homem-árvore.
imponente
na intensa causa da vida
na recriação da luz no mundo.
abraçar essa imponente árvore.
e só.

https://youtu.be/zRBCrn5uklo

RAIZ 5. do Encantamento

no meu coração de andorinha fizeste tu, ó árvore, o ninho.

pousaste devagar de mansinho
com a polpa dos frutos que guardas
entre longos ramos elementais.
antes, roçaste a minha gravata
assim como a pedir licença
de passagem
logo voaste regressando à terra e
esperaste a hora de musgos e pirilampos.
uma vez os teus íntimos líquidos amorosos
confundidos com a geada, refrescada
ganhaste coragem para erguer
árvore ao alto, '*vozes ao alto'*, ramos ao alto,
e coragem, até, para cantares:
'*unidos como os dedos da mão/*
havemos de chegar ao fim da estrada')*

— assim teu desejo do universal.
há muito vinhas sonhando
com a viagem.
olhando para o ocidente
enfeitiçada
ondeaste, eras a fio, com o mar.
rodando-te para sul
assobiaste
com as areias
morenas desertas mouras
durante imensos tempos
com as areias
foste amornando o teu ser
modo de ser.
com os lamentos encantadores
do leste
limaste os requebros
afinaste todas as cordas
agora melodiosas.
fadadas
também as folhas te cingem
ao ritmo flamenco.
por fim, a índiga neve
enfrentaste
ao norte
de onde aprendeste
refracções da luz em cores.

no meu coração de andorinha fizeste um poiso, ó árvore, maravilhoso.

poisaste-te em poiso ao te aninhares.
seguimos, pois, eternos
viajantes
seres no voo de ser amantes.

* Estes dois versos são do poema 'Jornada' de José Gomes Ferreira, musicado pelo maestro Fernando Lopes Graça e que resultou numa das canções fortemente identificadas com o espírito e a esperança da revolução dos cravos - o 25 de Abril de 1974 – em Portugal. O leitor pode conhecer a canção seguindo o link: https://youtu.be/moSoliByFVQ

Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia... pp.58-59

RAIZ 6. do Encontro

os encontros com as árvores são raridades
pérolas poucas escassas pelos caminhos.
tão livres são, ágeis e esguias
tão leves ao deslizar / e acolhedoras
no peito aberto em ramos
que há gentes que passam os passos,
do berço à cal
na pressa indiferente gerada por vazios.
os verdadeiros encontros não estão
na dobra do cansaço ou da ressaca.
no aquário de luzes induzidas
à ponta da seringa ou na deglutição.
excessivos ou contidos
retidos ou extravasados
induzidos — facturados —
os horizontes, fáceis, de grandeza
as falácias de potências ou evasão
sepultam e enterram, sempre, o sangue quente.

os verdadeiros encontros são horizontais.

fazem-se no olhar de frente e lado a lado
tecem-se nos tempos de incerteza
na aceitação de a vida não ser promessa
de a vida ser caminho abertura implicação
incompleta, enraizada
incompleta abertura emergente do chão.
os encontros verdadeiros
horizontais

(sem as entrelinhas nem os asteriscos de outro poema)
despontam sem avisar
a contratempo
antecipam-se muitas vezes
às previsões
dos baços destinos meteorológicos.
os verdadeiros encontros exigem tronco
desprendimento
múltiplo
ramos
abertos
e por abrir
sorrisos gaiatos, / esgares simultâneos
cascas acamadas sobre cascas
protecção de memórias e da coragem.
exigem? não!
pedem e contêm
dependem pressupõem e são
são a variável inerente
à estremecida pausa / estremecida
no passar e no olhar / estremecidos
no face a face com o profundíssimo
altivo e simples porte enraizado,
— profundíssimo / estremecido — /
no movimento inquieto do chão ao cosmos.

sei do que falo.
levo, dentro do peito esmerado, um ninho de árvore.

nunca mais serei
o opaco espelho vertical
da aquietação.

[Coimbra, Casa Verde, Café Infante, Galerias Santa Clara: Julho / 2011]

«Mata-me!», diz ele

«Destruir, diz ela», Marguerite Duras

1

pelo caminho cor de terra e folhas
chegas,
pensou.

horas
algumas
depois de acordares com a luz do sol
preguiçosa e fresca.
ao contacto do chão
o pé estremece-te com cócegas
preguiçosas
até à taça das tangerinas
frescas,
pensou.

gomo após gomo
ficam-te as mãos doces
como lábios
(doce acordar de lábios, esse, teu)
sonhou.

ao lado da banheira há uma toalha
e alecrim, algum,
seco
antes do banho.
tempo depois
algum
estás desperta
para o roupeiro:
primeiro, a saia

de malha
de xadrez
depois, a blusa
de malha
e o casaco
azuis
depois,
imaginou.

é pelo caminho castanho
primeiro, só de terra
mais à frente, de galhos e folhas
de outono
que avanças, preguiçosa e fresca,
em pegadas de botas que só ao vento cabe apagar,
supôs.

chegas, pensou, por esse caminho.

nada que, antes, ambos não soubéssemos.
desde há dias.
alguns.

2

é claro que esse caminho nem existe,
(diz em voz alta para logo se calar no café da baixa onde os clientes o olham por momentos.)
é claro que
esse caminho
não existe, pensou,
sobretudo agora que deixaste esta cidade
já lá vai tempo.
algum.
alguns anos
uns dez anos,

recordou.
e é provável que até já nem vistas saias
de malha de xadrez
casacos ou blusas
azuis.
que até já não faças, tu, a roupa
convertida à comodidade
do pronto-a-vestir.
e é evidente que também te poderás ter cansado
do branco nas toalhas
do alecrim no banho
das tangerinas e de tudo o mais
que leve a memória até nós,
pensou.
por certo é isso mesmo que acontece.
talvez verdes,
azuis-turqueza,
côr-de-laranja?
talvez toalhas de xadrez
com bordados, aplicações ou poemas do Pessoa?
talvez até só um duche
rápido
catárctico
e sabonete de glicerina defensivo
inócuo
— natural em série — ?
talvez de pinho
uns ridículos rectângulos
pendurados do lado de dentro da sanita?
ou, talvez apenas,
jasmim,
lembrou,
o jasmim que nunca consentiste que eu partilhasse.

chá de jasmim, arroz, de jasmim, incenso. de jasmim. poesia de. jas-
mim.

"é o limite da miiiiiiinha identidade", repetias-me
"com o jasmim sei que existo. independente
mente de ti. de nós.", repetias,
lembrou.

3

não!, não ias acreditar! mas nestes dez anos foi o meu consolo.
o jasmim, claro!
primeiro, em pau de incenso
pouco a pouco,
foi-se tornando minha companhia
diária
no banho no perfume na comida
até que comecei a fumar.
jasmim.
pois, não ias mesmo acreditar,
pensou,
apesar de ser a primeira verdade que te digo
inteira
ao fim deste, algum, tempo.
deste tempo de jasmim.
porquê?
é que — sabes? —
só o jasmim me tem mantido
acordado e de pé
pessoa reles — confesso —
e, hesitou, — sabes? —
neste tempo de jasmim
houve mais silêncio tecto e aranhiços
caminhando-me
do que palavras,

mais ódio raiva ira e
ganas de morrer,
tantas, que nem seria justo chamar este tempo
de tempo,
disse.
um vácuo
incolor
precipício enorme sem eco nem pedrinhas que resvalem,
sem riacho a correr lá em baixo no cenário,
sem oxigénio nem gravidade
vivos.

como vejo agora a tolice da urgência e da avidez
do domínio rude
desse estado frio,
prévio à minha humanidade
que só tu tocaste
sem que eu quisesse
sem que tu quisesses
sem que o quiséssemos
— desígneos do jasmim —, chego a pensar,
lembrou.
como vejo
agora
que, afinal, todo eu era medo.
nem rebeldia
nem liberdade
— medo de abrir as mãos devagar
    de abraçar o silêncio, o consolo
    de encostar-me a teu ombro
    recostar-me em teu colo
    e ficar.
    inteiro,
disse.

estas tolices todas que para aqui estou falando
— e esse caminho que nem existe,
disse.

mas que importa?
ao menos, deixo-me
uma vez
esperar-te.
ternurento.
amável.
deixo-me, uma vez, nesta vida que me tramei,
habitar e viciar pelo halo da compaixão
pelo laço do sossego
pelo abraço da consolação,
disse.
deixo-me, repetiu.
deixo-me, uma vez, nesta trama que me fiz,
ser inacabado
imperfeito
carente.
— amável —, repetiu.
deixo-me saber que, sem nunca te amar,
foi o Amor que te me trouxe
e te me levou
deixando um verso de jasmim.

sim, que importa, agora?
sei bem que estamos de acordo quanto a isto.
até sorris
com os olhos baixos
e voltas a cara lá para fora
para eu não te entrar na alma.

4

bem o sei, Amor.

e sei, sobretudo,
que chegas por esse caminho castanho
lenta e vagarosa
pois acolheste o meu pedido:
«Mata-me!,
com a polpa da língua
esses minúsculos génios que degelam
o meu lívido lábio inferior.

Mata-me!» - ouviste e vieste.

porque só tu ainda sabes
passado este, algum, tempo
que só os teus graves ângulos obtusos
de seiva
lambida seiva
podem estremecer-me o peito de pedra.

«Mata-me!»,
lembra ele,
«de vez
com o pulsante ardor do sangue que entregas
frescas ramagens de louro e palma
no dorso enferrujado que carrego.

«Mata-me!»
relembra ele
«de ardor leve
com tuas coxas
ronda-me os joelhos e os tornozelos hirtos
por auto-comiseração, hirtos

enlouquecidos pela solitária vitória de meu ventre.

Mata-me!», lembra ele,
«com cerejas e amoras
intumescidas horas, fermentação de soros
e sara-me
a costura da esperança que só habito pelo jasmim.

encarecidamente,
Mata-me!»
lembra ele
«a ira o ódio e o horror
em que converti a Dádiva
de jasmim.».

[Coimbra, Novalmedina Estádio; e Aveiro, Restaurante Centenário, Abril e Maio / 2007]

CANTO I – Da Terra | 201c **3.º ANDAMENTO.** ***e tudo o mais que é o Alentejo a ser.*** [2012]

Sólo vinimos a soñar / Así lo dejó dicho Tochihuitzin, / así lo dejó dicho Coyolchiuhqui: /
De pronto salimos del sueño, / sólo vinimos a soñar, /
no es cierto, no es cierto / que vinimos a vivir sobre la tierra.
Como yerba en primavera / es nuestro ser. / Nuestro corazón hace nacer, / germinan flores de nuestra carne.
Algunas abren sus corolas, / luego se secan. / Así lo dejó dicho Tochihuitzin. /
Tochihuitzin Coyolchiuhqui

a preparar a morte vimos,
convictos da glória de isolamento e desespero.
esquecemo-nos, ao toque do pó,
onde nos cabe semear, discretamente,
o laço vivente, as acções
palavras emoções e frutos.

vimos preparar a morte para mais logo.

a cada um, uma mãozinha de sementes,
um molhozinho de todas as raízes,
para cada um, as ferramentas
que há-de ensaiar, aprender e convergir

com a sua herança herdada como habilidade:
a destreza é herança que o tempo traz.
a verdade é resultado das estações,
dá-se ao ritmo da poda e das colheitas
pois todo o semeado nasce e cresce para, mais tarde, cumprir seu morrer de húmus.
cabe-nos, semeadores, escolher a terra,
amiudar-lhe qualidade e humidade,
o esforço confiante
a espera exacta
a rega suave
o braço a dar.
cabe-nos, semeadores, joeirar os grãos
escolher, do joio, a luz que fermenta
e, sobretudo, sentar ao fim do dia
contemplando a obra com gratidão.
aos semeadores cabem inovações / recusas
iniciativas. a meditação. / E a esperança.
se nada está criado de antemão
o ofício é vivificar o gerado
a aguardar pela paciência artesã ao longo dos trilhos amealhada.
a preparar a morte somos chamados
e correspondemos, distraídos alheados
alheados e distraídos no agora
no eterno agora do que somos.
de trovoadas e secas consta o presente
o aprender da sede, do raio, do medo
dar valor a águas e outras memórias,
vencer a hesitação e o desconsolo.
vimos preparar a morte para mais logo.
por isso, honremos corpos e seivas
e todas as emoções do encantamento.

Where I belong

eis a terra o sol o ar e o frio a que pertenço.

esta distância solidariamente infinda.

este cálice de oferendas morenas / de poejos, sal e o que mais compete.

a terra o sol o frio a que pertenço
alojaram-se-me, desde sempre, nas veias
e pulsam-me à direcção sul. ar.
o frio a terra o sol / a que pertenço / onde pertenço / *where I belong*
vai-se mantendo intacta no horizonte
de onde, ao chegar, se continua em terra e sol.
o frio — passageiro, duro, seco —
surge para confirmar aos campos
a iminência da mudança
verde em branco
a possível conversão da aridez
numa manta húmida de promessas.
o frio — duro, seco e passageiro —
importa tanto como a terra e o sol:
consagra a comunhão das diferenças
reforça os contrastes a distância
e, a par, acentua a saudade
da calidez dos corpos e da cal.
o sol a terra o frio *where I belong*
alojaram-se-me, desde sempre,
tango no canto / a entoar-me na vibração sular.
fado saias flamenco comoção.
estes o sol o frio e a terra
a que pertenço
este o requebro de minha voz solar.

https://youtube.com/shorts/rHVxgK9hSLk?feature=share

do monte...

do monte.
tanto havia para dizer.
estou a apontar para o monte em frente
posto, agora mesmo, defronte
da mão a deslizar no papel.
perfeita curvatura meio visível
a fazer o ovo com a oculta curvatura
por dentro da terra, a par do riacho.
tufos de arbustos cordialmente espaçados
de modo a deixar ver o infinito
ostentam a fartura farta
da base onde calcamos ao andar.
chamariz de pássaros e passaritos
quebra na lisura da planície
potência de caminhos murchos
acelerar corações em invernos
mais solitários.
do monte e do tanto por dizer
consta, sobretudo, a oliveira.
pousada no lado da emoção
ao lado do que esvoaça e abala
a copa guarda o segredo da pausa
consagra a sombra em dias clamorosos
marca o sítio dos encontros aguados.
do monte, do tanto por dizer
registe-se no mapa com um X
a sua cama de erva acolchoada
para onde correremos os dois, desejosos
de mãos, arrepios de solfejos
na pele, e beijos de paixão.

Link víde

Nesse magnífico tempo de habitar o Amor

nesse magnífico tempo de habitar o Amor as manhãs eram sempre penosas.

pela obrigação do levantar cedo, entenda-se.

amantes e amorosos, sobretudo no inverno, o toque do despertador era aflitivo e quase depressivo. até que decidiram enganar o tempo, de forma muito simples: ele não sabia dançar (*'corpo grande, alma de pau'*, diz o povo e, ainda: *'homem pequenino, ou velhaco ou bailarino'*) ele era grande — alguns dos amigos ainda se lembram bem, pois, à data a que se escreve este texto, faz só um ano que ele morreu — e, como corpo grande e delgado que era, muito atazanado pra dançar e todo e qualquer controle motor, excluído o desejo e as artes de amar. grande e desengonçado, tinha uma pena enorme de não saber dançar... valsa nem tango. e, assim sendo, a coisa resolveu-se, *matando dois coelhos com uma cajadada*, salvo seja: o despertador passou a tocar meia hora mais cedo e faziam *meia hora de dança* antes de passarem aos gestos pré-laborais e de saírem a correr para apanhar o autocarro. *meia hora de dança*: ela colocava os pés em cima dos dele e movia-os devagar, primeiro sem música; depois, com música; e, só a seguir, ambos com os pés no chão, voavam. cada dia passou, assim, a ter um despertador poético e maravilhoso.

imagine o leitor como se sentiram ambos quando viram a cena final do filme *'a insustentável leveza do ser'*... olharam um para o outro e, por segundos, se estariam loucos. mas não! acontece é que a ficção imita a realidade. no caso, só no que respeita ao meigo colo, à dança — que nenhum desastre se sucedeu àquelas manhãs, nesse magnífico tempo de habitar o Amor.

... e dormia no quarto das visitas para conseguir repousar sem o cheiro dele intrometido na almofada nos lençóis edredão no cabelo nas pestanas unhas seios no umbigo na púbis na memória e na alma. abria a roupa — tinha sempre a cama feita de lavado para casos urgentes — deslizava-se de-va-gar desde a cintura até bem ao fundo, até ficar só com os olhos de fora e a franja a roçar os olhos arregalados da espertina do susto de ainda não ter conseguido dormir com aquele perfume intrusivo, mas agora ia dar ia conseguir agora, agora sim! inspirava. inodoro, o quarto. inspirava mais profundamente — inodoro.

inspirava fundooooooooooo e a pouco e pouco o oxigénio e a respiração ou o cansaço ou a saudade eram vencidos pelo sono. e dormia no quarto das visitas. serenada. até que ele regressava da viagem e voltavam a habitar o quarto grande a cama grande e os corações de ambos se fundiam grandes grandes grandes. / esse era um magnífico tempo de habitar o Amor.

---

fábula da grande frase

naquele tempo
em que os animais falavam
o lobo acomodou melhor a almofada sob os ombros, estendeu as pernas, estendendo-se,
surdo enorme e esguio
e começou a ler.
a fábula invocava figuras nítidas, puras, encantadas pela memória intacta,
encantadas figuras intactas
puras.
a fábula tinha sons e cheiros e ruídos do ambiente do interior e do íntimo
(que é um lugar ainda mais ao sul do interior)
e luzes.
a fábula gemia nos gonzos da língua doce do lobo
(doce lobo, ele também, sem que o soubesse)
descia em vapores suaves
erguia-se por entre o ar
e planava
intacta,
febril, mas intacta,
ao ritmo cadenciado do passo da figura mais pura:
a da avó.

a avó
mais do que uma avó
era a chave de tudo:
do enigma e do desencanto
do espanto e da descrença
da força e das franjas ralas
do vácuo
e do verbo
intacto / puro /
nascido entre abraços doces da avó.

o lobo falava, surdo.
surdo, o lobo lia, lia-se
à medida que as figuras, exaustas, se aconchegavam
rente ao ventre da que mereceu o arco do silêncio e do verbo
intactos, puros
rente aos seios da que mereceu
lamber o doce lábio do lobo ardente.

no fim?
no fim da fábula o fim não se deixa ouvir.

naquele tempo os animais falavam.

o lobo
enorme e esguio
começou a soletrar-se, surdo, na grande frase.

desde então
até hoje
a grande frase pôs-se a caminho ao encontro do verbo doce.
desde então
a grande frase cumpre o caminho
de fazer falar a doce língua do intacto surdo lobo.

---

da incandescência do olhar

1. ardem os olhos

ardem os olhos.
e quanto mais ardem melhor sabe a humidade mínima da chuva miudinha, passageira no mundo. ardem os olhos e nem sei de quem são se meus se de algum prisioneiro de alguma condenada de uma criança de mãos finas na faina dos diamantes ou de mão arqueada na metralhadora, de um velho de mão estendida ou de mão arqueada na metralhadora, de uma menina a estender roupa, de uma velha a passar a ferro, de um camponês, habitualmente suando e de olhos doridos — o ardor do suor nos olhos é menos discreto nas ruas e nas praias —

de um pescador grisalho, de um operário do betão, moreno
— como o camponês e o pescador —
ardem os olhos.
na cintura da casa onde pernoito as gotas, passageiras, depõem minúsculos códigos que só os loucos honestos podem traduzir. os loucos honestos respiram pelo nariz e, de quando em vez, pela boca, em profundas expirações movidas desde o ventre até aos ombros amorosos, disponíveis, nus. e traduzem muralha por amor. e ensinam a diferença entre a lágrima salgada e a lágrima doce. e avisam de como o aperto do coração desagua em abraços meigos, adiados.
na cintura da casa onde pernoito tu ainda não estás — os loucos honestos aguardam-te.
até as gotas miudinhas húmidas e passageiras sentem a tua falta e, por isso, deixam cair no chão da varanda uma rosa branca e um cacto de flor grená; querem, com estas flores, dar-te as boas-vindas e a protecção que teus olhos, ardentes, merecem.
(o ardor do suor nos olhos é menos discreto nas ruas e praias do que nos pousos dos corpos produtores).
na cintura da casa onde pernoito respiro pelo nariz e, de quando em vez, pela boca, em profundas expirações movidas desde o ventre até aos ombros amorosos, disponíveis, nus.
na casa na cintura e nos ombros — onde ainda não estás.
mas os olhos, ah, os olhos ardentes! os olhos por onde primeiro se acede às dimensionais rotas do viver.
os olhos onde, ao ardor, subsiste o
estreitamento alongado de emoção
em sorrisos e em sal. os olhos ardentes
— e nem sei de que é feito esse ardor: do suor da lágrima da atenção da teimosia em persistir ou da comoção inteira —
os olhos ardentes, esses, também te pertencem. teus e meus, olhos que nos irmanam com algum prisioneiro, alguma condenada, uma criança de mãos finas na faina dos diamantes ou de mão arqueada na metralhadora, um velho de mão estendida ou de mão arqueada na metralhadora. olhos arregalados de uma menina a estender roupa. olhos enrugados de uma velha a passar a ferro, de um camponês, habitualmente suando e de olhos doridos, de um pescador grisalho, de um operário do betão — morenos —.
ardem os olhos.
morenos.
e quanto mais ardem
melhor sabe a humidade mínima

da chuva miudinha
portadora de gratidão
e tradutora de cada aperto nos nossos corações
numa bátega suave de abraços meigos, quentes e
adiados
— cada abraço adiado:
uma estação de chuva miudinha e
brisa fresca
adiadas
neste mundo ardente.

(após vagabundear pela enésima vez com Maurice Merlau-Ponty
em *O Olho e o Espírito*. trad. Luís Manuel Bernardo. Lisboa, Vega-Passagens, 2000)

2. do olhar.

Do olho.
melhor: do Olhar.
desse pousar fugidio
ao correr do horizonte
ao passar das intermitentes luzinhas amarelas
do friso avermelhado, do outro, azul esverdeado
sob uma claraboia azulada antes do mar escuro
azul / até devir breu na noite avançada.
esta é a parte que não oferece grande resistência não levanta polémica
nem arrisca honras nem egos.
Do Olhar.
Da Incandescência volátil do Olhar.
a ortografia omite tudo,
a semântica pouco entende,
a estatística resvala na beleza sem alcançar as margens de erro,
e a fixação em imagem — pictórica, robustecida em volumes, ou lisa —
às vezes, ronda-a
pois só à poesia compete — digo: cabe —
o exercício de desassenhorear-se do alheio filtro ovalado.
cabe à poesia traduzir os filtros estrangeiros

na fala, volátil vibração.
a metáfora sabe o Olhar.
a poesia expande o Olhar
na exacta medida da sua imprecisão contenção e imprevisibilidade.
uma fenomenologia metafórica do Ser —
o que, em si mesmo, é redundante
dado a fenomenologia trabalhar
na revelação no desvelar do Ser, ontologia do Ser
indomável e imanente como inconcretizável
— assim as metáforas.
    aninhadas juntinho das composições musicais
    às metáforas da fala basta a vibração.
    apenas a vibração. /
    a subtil vibração /
    que, uma vez conseguida,
    institui o inconsciente estado de amor incondicional.
digo, melhor: a vibração em amor incondicional
pois, à semelhança das composições musicais
trata-se de um subtil fruir aderir e Ser amor / incondicional.
Imanente. / Indomável. / Concretizável.
este modo de Ser e esta ontologia
superam a arquitectura
contradizem as leis dos estados e da infantil física bi-cotómica.
Da incandescência volátil do Olhar
se ergueu este poema
e, agora e aqui a lego,
desde a mais pura ontologia.
incandescência volátil do Olhar, digo,
fenomenologia,
ou melhor: a prosa da vida acedendo à pura poesia.

3. da palpitação

Da incandescência do Olhar, a palpitação.
digo: a pálpebra palpitante onde se acolhem

impressões desbotadas da visão
grânulos imprecisos contornos figuras cores e traços
falsas cores a enganar a camuflar a sombra temporária
por onde alinhámos o passo, temporário dentro da certa
e luminosa promessa
a que voltaremos quando eternamente cumprida.
à incandescência volátil do Olhar pertence essa acolhedora pálpebra
palpitante nas refracções reflexões projecções
ínfimas, pois infinitas. / fundo. / enquadramento.
moldura. / base. / suporte. /
berço.
pavimento intáctil da matéria volátil
berço aninhado no seio bojudo do firmamento
no seio prenhe dos universos
onde o leite branco, cintilante, gera formas geométricas
e ovóides em seus cantos e recantos
de luz. coada luz no entreabrir e no perseverar
da pálpebra.
da palpitação da volátil incandescência do Olhar.
vejo agora, claramente visto, o holograma
por entre pestanas e o húmus das pupilas
que esta é a sábia palpitação restrita de quem se sente mero aprendiz.
vejo — agora: claramente visto —
a subtileza
o corpo intáctil vendo-se movendo-se incandescente
sobre drama dor abismos cerrados abusos herdados
e solidão — vejo os dedos da solidão
escondendo-se entre a vibração incandescente
omitindo-se e — o que não tem perdão —,
demitindo-se da promessa pura de devir ser e ser compassivo.
agora vejo claramente visto o timbre o diapasão.
vejo, sobretudo, o timbre e o diapasão. vejo.
já que as imagens rebolando-se, neuróticas,
não passam de mentiras holográficas da máquina da facturação.

vejo, sobretudo, o intáctil e sensitivo palpitar
recolhido sob a grande pálpebra do amor incondicional
pois — querido René! — quem diz incandescência volátil do olhar
diz essência amante
grande mãe do leite branco , cintilante
a gerar as geométricas formas, pois não há outras.
pois por geométricas, querido Descartes,
não se quer dizer a externalidade padronizada
nem o medo pegajoso onde se ancora todo o padrão corrente,
mas — por geométricas querem designar-se
as formas diversíssimas e perfeitas, pois geradas na mútua completude.
os geómetras que fostes — queridos Blaise e René —
ainda comigo caminham, lado a lado,
em cada passo da certa e luminosa promessa
comum destino final da nossa íntima amizade.
Da incandescência volátil do Olhar
a palpitação elejo,
agora,
eterno amor incondicional, intáctil
— única metáfora da impunidade.

3. da dilatação

Da incandescência volátil do Olhar, a dilatação.
o descerrar e unir de minúsculas pétalas/ irmanadas
pétalas solidárias a ser o duplo leque da visão
o leque duplo ostentado pela abertura do Olho
duplo distinto e distante dos leques acariciados à mão.
Da volátil incandescência do Olhar, a dilatação.
entreabrir proteger, expôr reter, abrir fechar
dilatação da menina mais atenta e curiosa
da mais conhecida menina em toda e qualquer parte
e, por isso mesmo também e sempre
irreconhecível menina na sua essência de pétalas raras
da flor do Olho, do vibrar do Ser.

a dilatação é a propriedade dos verbos de movimento.
a dilatação é a última palavra da silenciosa conjugação
dos verbos intransitivos sem pessoas, privados de ternura.
a dilatação é o compasso esquisito da cadência requebrada.
a dilatação é a cadência captada na ausência de ritmos e instrumentos.
a dilatação é o instrumento partilhado na aurora boreal
é a rotação dos pontos cardeais no horizonte / entre a luz e a noite.
entreabrir proteger, expôr reter, abrir fechar
se a dilatação guarda o grande segredo ela garante o horizonte
em cada entreabrir do Olho ao dia / incremento da luminosidade
em cada cerrar do Olho à noite / incremento da iluminação
pública, pois só o que emerge do interior é visível mesmo entre sombras
— que as sombras desconhecem o poder da dilatação
— que para as sombras o Olhar é um ponto técnico sem reversão
e, vai a ver-se e, afinal, o Olhar
conspira em cada dilatação da incandescência,
volátil fenomenologia, ou melhor:
a prosa da vida acedendo à pura poesia
ao intáctil e sensitivo palpitar do amor incondicional.

[Coimbra, Café Teatro TAGV. 13 Maio / 2014]

---

olhai os lírios da cidade

com o fascínio dos lírios me comovo e escuto-lhes a fina sinfonia.
andam dispersos mas firmes pelas cidades
os lírios do campo verdes e amarelos.
por decisão deles emigraram
para destinos improváveis onde
ao que os ignora e humilha no chão de terra
eles conquistam, de surpresa, no vazio urbano.
hoje. aqui. em toda a parte a tecer
a tecer a fluir a vida a esperança
por onde o brilho de cada lírio comum
vai encantar e seduzir os transeuntes.

amai, olhai os lírios das cidades
porque deles será o reino dos seus
amantes e cuidadores indignados.

https://youtu.be/cgtY9xT1r84
Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia...p. 55

Terra. O mar.

Este é o mar onde se planta a calma.

Semeado a eito pela canga de bestas
alinhadas à mão pelo grito humano
grito e mão alinhados pelo lastro da visão larga
comovida com a fartura prometida desde a raiz
este é o mar / este o pousio / a estufa / o restolho
maré mutante / espelho sob azul
ondas douradas, cheias
outras rasas, escuras / alagadas / torrões, /
mastros castanhos de vela esverdeada
ao cimo da âncora mergulhada na raiz.
este é o mar. / sem porto nem foral.
onde se refazem ovos e algas.
onde renascem troncos e conchas.
mar onde todos os oceanos se fazem / negros e vermelhos / do norte e do sul.
este é o mar sulado vida a vida. / sagrado.
multiplicação de conduto e alegrias. / milagre da partição das águas /
parábola dos que caminham descalços / compenetrados
em cada rego da anunciada fartura
linhos de bodas do pão com o vinho / temperos fortes ácidos cheirosos
cânfora de enxovais hortelã de sopas
caldos de que guardamos lãs entranhas leite
e o badalo
compenetrado sino a boiar entre as ondas deste mar temperado à mão

deste que é
mar bordejado pela pedra onde a pedra vem morrer / se não for cinza.
espuma dourada da colheita onde a colheita pousa / se não secar
baía lavrada a ferro forjada à mão e pelo grito humano
mãos e gritos deslumbrados e comovidos / se não forem escravos
extensa planura onde a visão sagrada vem morar / se não profanada
vasta planície onde o olival é pavio / varejado pavio de candeias fruto
em pratos e broas e na almotolia / se a fome não vier.

recobro da história

resguardo das vozes

rescaldo das secas

recanto das fugas

rebento das moças

roça da magnífica carne ensalivada entre carícias e coices
águas ribeiras
línguas revoltas desaguando saciadas sempre na calma
este é o mar
guardador da letra da revolta
lavrador da sílaba fêmea
o amante da casa materna
este
imensíssimo

ancestral
embalo do olhar onde se planta a calma
mãe das almas rubras
este
é
o mar.

https://on.soundcloud.com/LIpNfdcFA3be1Ckb0q

CANTO II – Das Marés | 2014f. **5.º ANDAMENTO. *à flor do sal.*** [2002, 2004, 2013]
https://www.youtube.com/playlist?list=PLqGANiRSJyaukC-DI0b8aKZXDsJhcGztl

flor de sal 1.

recentemente chegado da ausência eterna
recentemente chegado da eterna presença
deu-lhe as boas-vindas em espanto antigo
recebeu-o entre os seus traços e livros
nos recantos da vida nos vazios da voz —
no vacilar da voz com que tece bordados
bilros recados e fados. recentemente
chegado sem motivo outro, algum outro
que o cumprir do cosmo num breve instante.
recebido com sílabas cuidadosas
ponderadas entre o silêncio, a calma
e a longa madrugada onde pousam
os saberes maiores pelos quais milita.
recentemente chegado à planície
onde se recolhe e milernamente habita
rainha do ouro do *cante* e do pão do corpo
— seja qual for a metáfora o pão é sempre do corpo.
recentemente chegado ao latifúndio
ressoam estas e outras expressões
sem motivo nem destino algum outro
que o de cumprir o cosmo num breve instante.
a seiva e as sementes da fronteira

sabem das paisagens exteriores
coadas por areia e ondas de fortes sais.
recentemente chegado, homem dos sais,
pois é oriundo da gema dos brilhos todos
é conhecedor dos trilhos rudes e baços
no calcorrear de pavimentos raros.
os brilhos reconhecem esse estranho amigo
— reencontram-se, os brilhos, nesse desconhecido —
a flor do seu poema, ainda jovem,
já ostenta o vigor das árvores grandes
promessa de verbo impertinente
retempero de dias sonsos e vis.
recentemente chegado,
homem dos sais,
traz fulminantes asas cujo voo incendeia ainda mais a própria chama.
domador de quilómetros e sílabas
voador de vestígios e de azuis
reencontra-se, nesse desconhecido,
o inefável elemento da cor
o vermelho indizível da indignação.
sobrevoando, recentemente, essas paragens
assume, ora um adejar de gaivota,
ora um voo picado de milhafre
polvilhado pela fina garra felina
— o ímpeto predador, / se for o caso / verbo.
recentemente chegado,
ó amigo estranho!,
honras os mistérios sagrados da veneração
da vida,
da conversão maravilhosa de contrastes
e contrários em novos filamentos
e intenções.
recentemente chegado — sombrio e prateado
cintilante e radicalmente sólido —

sejam dadas as boas-vindas a teu poema
e à tua flor de sal em comoção.
recentemente chegado, tu, eterno ausente,
— habitante das imprecisas sincronias,
    marinheiro dos portos de abertas almas,
    navegador de elevados promontórios
    onde os milagres são a luta pelo trabalho,
    onde os milagres são esforçados, feitos à mão —
recentemente, esse — ó antigo amigo! —
recentemente — ó tão desconhecido! —,
na orla da horta,
no portão da quinta-
-feira, na borda do fontanário,
no muro
do monte.
disfarçadamente, mas cioso
dos mesteres da rega,
da lavra e de outros saberes
da mestria de arar e sachar fonemas
da alegria do poema a gerar as cores
recentemente, de improviso, quase cândido
— se a candura suporta a viva chaga do amor —
acercaste-te do novelo resguardado
onde subsistem todos os temas e motes
e resistem os mais generosos textos.
de improviso, disfarçadamente só,
criaste mais um limiar de fantasias
— se a fantasia arca com a dor cravada pela morte —.
recentemente, há um nome volante
um vocábulo sorridente e adiado
pois ninguém quer ver morrer
à sua porta
a andorinha trazida pela canícula
no fresco versículo da primavera.

recentemente — ó antigo amigo
hoje desconhecido!, futuro pó estrelar —
dar as boas-vindas a teu verso
irreverente
na comoção curiosa por teu meigo verbo.
sejamos francos:
paisagens tão distintas, irmanadas
pela palavra as quis a vida.
sejamos realistas
tanto quanto um poema o saiba:
de tão díspares caminhos por onde vogamos
guiam-nos os passos ao cruzamento da fala.
oriundo da brilhante gema
recentemente
— chegado por entre nomes vazios
    relíquias do momento e ilusões —
sagrem-se nos céus na terra corpos e almas
o repenicar do canto alentejano
e o despique do pregão tisnado.
Salvé! Maria, mãe terra e água
Salvé! a chama, o Anjo da Anunciação
Salvé!, aqui e agora, o verbo
recente oferta do homem dos sais à tua mão.

flor de sal 2.

dá-se a ver a rima fêmea.

de seios perfeitos e ventre virgem,
bojudas ancas,
flores delicadas nas faces luminosas,
janelas de azeitona buscando oiros,
mãos extremosas como teimosas, teimoso o passo
e a convicção de ter nascido para ser amor.

o relato voga na sua voz, nasce sob a sua vaga. o relato.
de onde proviriam as palavras senão de um ventre cálido e sereno
contendo todos os temas e grafias
ventre de toda a enunciação?
sob a vaga fêmea voga a palavra.
luzidia à tona das águas.
bateira obscura nas profundezas.
âncora tremeluzindo à distância,
livre firme na proximidade,
leal / a rima fêmea dispensa
passatempos e salamaleques,
ineficazes ornamentos do medo.
a rima fêmea é a casa da oralidade
o quarto incorruptível, a intimidade
da escrava da puta e da esposa / desconsoladas
de cores desmaiadas no rosto
pernas tortas
joelhos pesados,
ancas de parideira
peitos caídos como as rugas e a alegria.

a rima fêmea tudo isso acolhe e salva e recicla em água e fogos.

de cada vez que uma mulher se sabe
mulher seus passos encaminham-se
contra a submissa sina, guiados
por água e fogos da rima fêmea.
são dois hemisférios, espelhados,
os lugares onde também se esventram sina e rima,
dois hemisférios vivos
em rebelião
— onde cresce a sina, mais se fina a rima
    e o inverso vale também para o regozijo.
em tais hemisférios espelhados

reside o pomar da inocente alegria:
honrar mães filhas avós e irmãs.
trabalhadoras exaustas doridas,
encontram repouso nesse pomar
ficando livres da luta dicotómica.
aqueles de quem as mães ou tias
irmãs esposas filhas e amantes
são carinhosos laços e abraços
suavemente respiram a laranjeira
o limoeiro ou a pernada dos figos roxos.
os dois hemisférios vistos em espelho,
são zonas transitórias, de passagem
para quem acredite em *slogans* gastos,
cartazes da nua boçal idade,
em conselhos dos vis amigos perdidos
entre passos de machos programados,
em certezas das censuras e da pobreza
— pois a pobreza, sei-o bem, é semear
    muros e limites por suposições
    ou pavor ou imposição de estranhas vozes
    alheias à brisa pura da rima fêmea.
estranhas vozes colonizam nossos dias.
enfiadas em casacos de amigos fracos
disfarçadas de conselhos por cobiça
as vozes estranhas à rima fêmea sempre assinalam
a, dita, greta entre-pernas como a grande etiqueta
do ser, do que é ser-se mulher.
de fracos amigos e invejosos conselhos,
pouco mais se poderia esperar.
a menos que os livros lidos ficassem dentro a germinar.
a menos que as viagens sobrevivessem ao registo em foto.
a menos que vivências e diferenças tivessem calado
ficado e germinado fundo e dentro — na alma —
e não apenas no conta-orgasmos da infelicidade.

bateira, âncora, livre e leal.

a rima fêmea dispensa perder mais tempo
com boçais e tamanhas bestialidades.
de seios perfeitos e ventre virgem
ancas bojudas delicadas
faces floridas luminosas
olhos de azeitona abrindo-se em oiros
mãos extremosas delicadas e teimosas
como teimoso o passo e a convicção
de ser amor e sendo amor,
— ao ser amor —
amorosamente ser rima e consolação:
âncora livre, leal bateira
sentido do ser nascido mulher.

flor de sal 3.

do inesperado e da impossibilidade faz-se a matéria do poema.

incarnado pela inalação dos iodos,
integrado em
seus passos e esperas, gemendo
espumas
furiosas tentações e muitas outras
sensações
difíceis de traduzir na verdade do poema
a preto e branco, eis o horizonte:
Atlântico
todo o Oceano.
a ele entrego a minha
pura prece
para evitar, doutros olhares cobiçosos,

a contaminação da semente
que me coube
entre as partilhas amorosas do universo
em véspera do século da comoção.
é uma prenda, esta semente fresca?
é um sinal, este tremor jovial?
é uma escolha, este arrepio vivo?
de escolha prenda e sinal
tomo os direitos e os requisitos.
assomo-me ao Oceano cinquentenário de marés e emoções.
comovida e incrédula
— não desconfiada não temente
nem *desejante* dos reversos —
cumpre-me conter em discreto silêncio
o barulhar das ondas na rebentação.
ninguém o conseguiu nunca, jamais
mas cabe-me a mim esta tarefa
de lealdade para com os grãos de areia e
de amor com que, por ti, à noite, sou ungida.
incrédula e comovida — não desconfiada
nem temente ou *desejante* de outro desfecho —
aceito como serva que sou do amor
serva ungida pelo novo anjo:
eu, Maria, também eu sou a mãe
de Deus homem em Cristo.
também eu sou virgem puríssima e,
em meu coração / perturbado, contenho
uma dor. em mim, uma turbação /
boas dores, diga-se,
de arrepio e contracções sob os seios
desejantes do tal desfecho
— comovida e incrédula mas *desejante*.
eis o horizonte: Atlântico, a Ocidente
costa direita do meu país amado e empobrecido

poema a escrever com a mão direita,
comovida / com o verso a latejar no lado esquerdo
do meu amarelecido país.
eis o / horizonte: Atlântico,
onde resido em pleno alto-mar
emaranhado de peixes algas conchas
e poetas
da alma portuguesa. fundos poemas
floridos em jasmim e cravos rubros
floridos no latejar do lado esquerdo
do meu país querido, do meu corpo.
amo-te no alto-mar desta invenção.
faço-me ao alto-mar. sou-te promessa
espaçadamente túmida e ciosa.
serei
serenamente amorosa,
tua serei
eternamente serei o teu verso do sul
doirado seco mas esperançado
na lonjura
da seara atlântica onde resido,
em pleno alto-mar dos braços e do canto
comunitários,
— comunidades de vozes e suores
a Ocidente,
costa direita do meu país empobrecido.
tão amado. país. poema
a escrever com a mão direita, comovida
com o verso a latejar no lado esquerdo
do meu amarelecido país.
do meu país amado querido,
do meu corpo com que vos amo no alto-mar da invenção do sul.

flor de sal 4.

pelos astros, brindo.
pelos astros fogosos e cheios de mundos
por pousar o pé ou sentar num abraço antigo.
pelos astros e pelos baços planetas,
esquecidos ao lado do brilho, brindo
brindo com a minha taça de sangues
e leites.
ainda há vida nesta areia para aquecermos os passos.
ainda há veias nesta carne para reencontrarmos as mãos.

duplo soneto do verso, / reverso e anverso

deixo o verso a escrever-se
— o verso escreve-se por si
    como qualquer um que escreve sabe.

saio de casa quase sem bagagem
o casaco vestido, a chave no bolso
o coração inteiro, o corpo jubiloso.
deixo o verso a gemer
a germinar junto da água
doce e das bagas de *godji*
que espalhei à volta das tâmaras
minhas fadas de matar fomes
rodeadas por peras, por maçãs
por descorados morangos apolíticos
e frutos vermelhos de indignação.
deixo o verso e o reverso
juntinhos, a ver se se entendem.
já me bastam as lutas de classes de *status* e vagas virtuais
onde me retratam a preto e branco
onde me privam de cores e nome

para amansar os seios e enegrecer a aura luminosa por onde venho.
deixo o verso o reverso e o anverso
a descreverem-se e a inscreverem
tanta chama e luz quanto queiram
tanta calma e paz quanto possam.
mais logo faço a última leitura
e apagarei todos os erros derivados da prosa vã.

---

o dia da espiga [selecção]

só um Oceano, Atlântico, pode gerar ternura tanta
tanta doçura encantada no teu lábio no teu pulso
no teu braço no teu ombro
doces doces como o mel do mar
pois a natureza é mãe de todas as magias
e ofereceu ao mar essa colmeia intacta de poesia.
da colmeia da poesia, dos poemas que são beijos, falo. digo mesmo: do Oceano, o Atlântico,
como o enorme Oceano doce onde
os pescadores nossos marinheiros semeiam a febra
recolhem a febra a barbatana e a escama
geradas pela colmeia, oceânica, do mar.
falo desse esvoaçar de ondas-mestras, desse
laborar de mãos-mestras, arrastão subtil
da rede-mestra sob o sol unindo a todos
gemendo ternura tanta encantada doçura
sagrada por teu verso, teu lábio
e teu assombroso olhar dos fundos.
um assombroso olhar profundo, guardando o mel
da colmeia e da casa, arando o oceano,
arando a casa do mel
— ali, onde se esperariam
    sais e espinhas aguçadas,
    desbordam-se os dedos
    frementes do mel, fogosos da cera

ardendo em ondas-mestras, fogosas ondas
ternurentas e tão doces como o teu verso.

de um assombroso verbo doce falo.
coado ao som do pregão a puxar as redes
coado ao ritmo do pregão a juntar as falas as doces
ternurentas e amorosas falas do corpo
versos do corpo, assombrosos verbos até aos fundos.

aceito a maré.

aceito a maré e a sua entrega de papoilas (...)
a sua entrega de malmequeres agora vertidos
no ouro e na prata do rito de querer bem.
aceito a maré e sua entrega de luz, sob a forma da oliveira
da infância, da rica meninice de paz e mimos
— a entrega de mimos que aceito, agora,
entregues pela maré. aceito
a entrega da profunda alegria associada
ao licor e ao perfume dos vinhos inscritos no símbolo da videira.
aceito e desejo saúde e força com esta maré,
depois da baixa-mar de ondas frágeis. aceito.
e desejo, meu alecrim dedicado e presente,
aroma forte a guardar a casa da tormenta
a salvar a casa da desolação, meu alecrim do sim
e do pão neste dia festivo no alto-mar,
no oceano doce onde somos os marinheiros
agora, a semear a febra da poesia, do mel
da colmeia, da casa do mel doce
no teu olhar assombroso e profundo
agora, no dia da espiga erigida neste oceano
o meu corpo, também saboroso das doces marés de suis.
da impossibilidade e do inesperado refaz-se a matéria do poema.
se escutares a tua inspiração

a alinhar o teu arco com o do grande astro
alimentando o teu adejar interno, alinhado teu adejar
com o enxame em voo das gaivotas no horizonte
se a escutares, à tua inspiração, poderosa
a refazer tecidos fibras memórias consolações
— a reanimar, isso: energias neutras, prévias a educação e moral —
se escutares — pode dizer-se — a respiração
e, ao mesmo tempo, olhares o mar com respeito e amor
chegas à compreensão de um dos maiores mistérios
sagrados, humildes e ao alcance das tuas mãos:
somos todos um só pulsar, meu amor ausente,
recentemente vindo da eterna presença,
meu amor de sais e furiosos iodos
amor meu doce como o sal, o mel
amor meu inesperado, trono da impossibilidade
tronco onde emerge o arco do nosso mundo
o imenso cruzamento ordenado, onda a onda,
para o encontro sem ciúme nem mentira
para o eterno encontro resguardando
o ritmo do mar acertado ao ritmo da inspiração.
aceito a maré, de novo e sempre.
os foguetes ecoam, estridentes, pela baía azul
— de um azul luminoso e tão forte que encandeia —
e eu agradeço, a precisão do braço
com que movo a caneta e te aceno no poema.
agradeço o sentido do olfacto
a inalar o fortíssimo iodo do amor.
agradeço a melodia suave de Maria Gadú.
agradeço e reitero: *“tudo o que move é sagrado”.*
agradeço e acolho a maré, agora baixa
no seu repouso merecido após suor esforçado.
agradeço e acolho a maré do repouso
do meu descanso profundo entre o labor honrado
antes do regresso ao tempo dos deveres com os outros

— agora, honrando o dever do descanso em mim.
acolho, acolho a maré e — não sabes? —
até te dedico um pouco, sereno, deste múltiplo estar (...)
ó meu amor presente
de assombroso olhar, profundo, de mel e sais
recentemente chegado de viagem, dorido e machucado,
posso antever a tensão nos pulsos na nuca
posso sentir a chispa no olhar, o borbotar na fonte
até desaguar nas rochas junto da espuma e de um pé
nu e anónimo, a escrever um verso amoroso
a inscrever na areia o verso de sermos todos um.
(...) profundo e antigo verso
e tão eterno como o sagrado mistério da areia
como o mistério da vibração nos sais do corpo e das marés
recentemente desenroladas na baixa-mar
onde todos somos um só Atlântico oceano,
meu amor de olhar assombroso e iodo,
amor meu presente nos sais e vapores deste poema.

Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia... , pp. 68-71| https://youtu.be/XZIWRFOPAa4

---

trilho e quilha

colho com a maré
o ondear da vida.
equilibro-me à proa
pelo convés caminho
no rosto espero salpicos
de algas e areias salgadas
no pico do molhe lanço
intactas redes do húmus
avanço pela espuma
debulhando o Amor alto.
colho, com a viva maré

o ondear da vida.
avanço sem me mover:
sou o trilho e a quilha.
[Coimbra, Café Santa Cruz, Setembro / 2004]

---

a maga do mar

tem desígnios vorazes e suaves, o mar.

equilibra-se em não se sabe quantas ondas.

desaba em não se sabe quantas orlas.

desagua em não se sabe quantos olhos.

desova em não se sabe quantos ovos.

suave na aproximação interior
abriga acordes e andamentos em ruína
a salvo, apenas, por suas algas e sargaços.

abriga os túmidos moveres e emoções
espargidos, anónimos e líquidos,
entre
os seus
lanços
requebrados quebrados e ciosos
na redondez da volta.
abriga.
— quem diria deste elemento ser casa,
o recolhido lugar onde voltamos a refazer confiança e alegria?
sim, não há alegria sem confiança.
sim, a confiança pede, sempre, a alegria.

nas idas e vindas revoltas da beira-mar
a voracidade é a intenção aparente.
assim as pessoas — desde seus dentros ao exterior
vogam distintas marés.
moradas.
revelações.

há-de haver um veleiro que saiba cursar
as águas.
há-de haver um remador robusto
no amansar das correntes.
ou, apenas — quem sabe? —
o marinheiro do fado de O'Neill.
ou uma maga para adestrar as vagas
audazes e suaves.
a maga conjugação do verbo a mar.

CANTO II – Das Marés | 2014g. **6.º ANDAMENTO.** ***fala do Sul virada a Norte.*** [2002, 2004]

De-ouro

1.

cansado de caminhar pela Península
recostou-se, o deus, à beira-rio.

descalçou as sandálias de folhas secas
desatou a liana da cintura
para descansar
o manto
na terra fresca
estendeu as pernas / sorriu /
e em brilho de ouro as águas se espelharam.
passou uma mão pela testa alta
refrescar-se depois de a molhar.
rodou o pescoço até ao solo

recostando-se melhor no vizinho
tronco repousado em concha.
repousado, assim, adiou o seu trabalho
(como só aos deuses é consentido o adiar)
fechou os olhos. / fez-se dormir. /
desprendendo-se, devagar, do corpo.
deixou-se, respeitador, a recobrar
durante os séculos dos séculos sem tempo.

um dia, há-de voltar ao seu lugar
que dessa vez abandonou para, de novo,
dar vida ao que é só desmesurado
— ao que, para nós, nada mais são que granitos
desvitalizados especados à margem
na margem direita do Rio De-ouro.

2.

estes socalcos com folhas verdes
são escadas velhas
onde cerejas e uvas
hoje
guardam o trilho de deuses
resgatado trilho do baixo ao alto
por isso, as flores de brincadeira são brincos de princesa
da deusa embelezada para a subida.

3.

da crónica de viagens só ressalvo
o verde erecto, o azul paciente
disposto a lavar gestos sem gente
carreiros de horas agarradas à enxada
rugas obstinadas a desgranar calhaus
ressalvo, pois
— sobretudo, ressalvo —
a mão do ofício da sedução. natura.

4.

um pouco mais de força, cresce o tronco
um pouco mais de luta, nasce a parra
um pouco mais de esforço e faz-se a casta
que esse pouco mais de algo atingiu De-ouro.

5.

desliza pelo azul.
o verde espelha.
ladeados — o espelho é o caminho —
pés socalcam a aridez.
gerar o vinho.
desliza pelo azul este caminho
amassado em broa ou regueifa loura.
sob o espelho revela o grande ofício
que é este: fazer-se e ser feito à mão.

6.

desapiedadamente
desceu a lâmina
fatiando o lume denso roxo inteiro.
socalcos-trás-socalcos
o que se erguia
era, foi lâmina
aço esquinas horizontais
desapiedadamente
o amoroso
recolheu-se na casca de onde vinha.

ainda lhe oiço o timbre a conversar.

vezes, há, que caminho à sua beira.

nossos braços roçam-se por instantes,
se a lua é cheia o travesseiro suspira.

visto os olhos com a água clara da Régua
os ouvidos com fados da Graça ao rádio
vê-se, então, um castelo e colinas
colinas de luz pura ternuras puras
arrepiam-me o passo (sigo no barco)
e aprendo
de novo:
a guitarra é mulher.
só de mão aberta se refaz o fado.

7.

vogo, vagarosa, sobre o leito
azul esverdeado verde e amarelo.
vago. vou. sou a via vagarosa
alma do leito água que alumio.
ciosa imanente silenciosa
sou da mesma casa
ondulo com a deusa una
vogo. vago. Sou e alumio.
Mulher
marginal leito central.

[em viagem em pleno Rio Douro, 3 Setembro / 2004]

À Miren Ariño, Irmã e Amiga, Basca e de todos os Suis.

do lado norte
a espuma.

o casco forte

o elo rangente
pelo tempo untado

de sereia, acenos.

o rasto o cabo
areias brancas / ruivas
runas e dunas
crinas e sinas
cornos e velas
ramos e remos

do lado norte
a sorte

diz-se raiar
azul que rasa
a maga linha do olhar

diz-se raiar
— do lado norte
luz. de azular.

À Isabel Guerra, minha Mestre

detrás do Altinho —
Casa da Pedra
volta do morro —
mora a insistência
regada pela convicção.

estiola inteira
cresce, soçobra
só por instantes.
retorna à forma
revolta ervas / daninhas ervas
traça rosáceas
nunca se esvai

medra e promete

cores promete
murcha. estremece
murcha, se ergue
e em cores se faz.
detrás do morro —
Casa do Altinho
pedra do morro —
nasce, do espinho,
a rosa. em paz.

CANTO II – Das Marés | 2014h. **7.º ANDAMENTO.** ***Ser farol é Ser só.*** [2013]

"A palavra: / quanto mais recolhida / mais rasgada." Yvette Centeno. *A Oriente*. Presença, 1998: 73.

I. da buganvília azul

"Ah Quem te contivesse / ó diverso Universo / em três versos."
David Mourão-Ferreira. *Entre a sombra e o corpo*. Moraes Editores,1980: 67.

a buganvília azul estende-se pelos telhados e ao redor de caleiras e beirais
aqui, na terra marítima da Ria.
frondosa, de múltiplos folhagens e ramos / vai-se estendendo virada a Oriente
dobrada pelo peso das dores por nuvens e brilhos de luares e sóis.
a buganvília azul é bordejada por um espelho / de água baça
e lodos e lamas mais obscuros.
a buganvília azul é maravilhosa.
cada florzinha, imaginada, contém 3 pétalas lisas, vincadas no meio,
um olhinho esbranquiçado contrasta com a coloração *blue*
que, de triste, não tem nem releva nada.
a buganvília azul estira-se sobre a Ria e avança em ambas as direcções:
a dos oceanos e, oposta, a da terra
sobrevoando ponte, filas, docas, cais e porto,
as famílias descansadas, jovens ou não,
os amores exteriorizados, viçosos e baços,
os 'pedaladores' de *skate* patins parapente / (e, até, bicicletas)
aqueles que correm felizes e esbaforidos no brio da chegada vitoriosa por chegar.
a buganvília azul abençoa os moliceiros antigos e os homens de amores braçais

a buganvília azul abençoa moliço peixe sal filhos e mulheres da borda de água.
a buganvília azul aprecia viajar e, sempre que pode, / escapa-se, e fugidia,
desliza os braços a outros ramos outras telhas, caleiras e beirais.
amo a esta buganvília azul / a cuidar-nos diariamente / suspensa
sobre as nossas cabeças adultas e infantis
no trabalho, na brincadeira e em sonhos.
amo à buganvília azul, serena, pausada / lisa de rugas rogos e rixas.
este o nome que te dou: céu português, / querido azul,
minha infinda buganvília.

II. a casa de férias na infância da Ana

Mágica a palavra / que ressuscita a pedra, / não o corpo.
Yvette Centeno. *A Oriente*. Presença, 1998: 69.

aqui entravas, ao colo, aconchegada na mantinha de xadrez, afundida no sono e em sonhos de sereias e cavalos-marinhos, esgotada da viagem e de tantas vezes, à pergunta *"já chegamos?",* te responderem " *'tá quase!... 'tamos quase lá!".*
aqui entravas para ficar e expandir a inocência; a alegria; o arregalar de olhos, curioso; a ternura da mão dada à mana; o orgulho de andar ao colo do pai; a vaidade de usar a carteira da mãe, às escondidas, *"mais aqueles brincos"* e os sapatos de salto alto *"só esta noite! é só hoje*".
aqui entravas ficavas e expandias o teu lado menineiro e mordaz: surpresas nas frases, repentes nas voltas às palavras como a desconversar mas só para fazer sorrir e, depois, segundos depois, provocar o riso solto — o teu humor, vapores da Ria e da costa marítima.
por isso é tão teu e tão íntimo, quanto nosso, esse humor, desde o liceu, onde já nos meneios de andar e fazer *Mimo*, pela bela actriz que nos mostraste que és, mesmo que, desde então, a tenhas resguardado algures.
o teu humor — de Ria e marítimo — nunca se esquece, Ana!
ganhou com as manhãs encobertas a adiar ida a banhos, *"e que se há-de fazer? fica-se por aqui a brincar...".*
ganhou com o teres de passar o tempo. ganhou com o cacimbo nocturno e o vento diurno, o frio das madrugadas, a humidade mista — da Ria e marítima — e, sobretudo, o teu humor ganhou com o amor dessa infância quando te enlaçavam e mimavam profundamente pois, aí, os dias eram maiores e a escola estava fechada e o emprego do pai também e os afazeres da mãe reduziam-se às continuadas e intermináveis tarefas que pareciam não ser trabalho (e eram-no!) mas só cuidar milhares de pormenores como as migalhas da toalha a areia do tapete e as rugas dos

lençóis, para além da comidinha, várias vezes por dia — que as férias das mães são sempre mais buliçosas, vá-se lá saber por que motivo de justeza!!!

aqui, na casa das tuas férias na infância, confirmaste haver tantos azuis quantas as ondinhas e as gotinhas entre a parte de cima e a de baixo — de mar ou Ria — da paisagem, então banal para ti.

aqui confirmaste que a luz explode numa infinidade de cores e tons e brilhos ao fazer de cada mastro um prisma; de cada vela uma tela; de cada rede uma lembrança de pobreza e pesca pois isto de sermos todos admiradores dos palheiros às riscas, de sermos todos defensores da recuperação dos palheiros — e das riscas — é bom que vá a par com a memória de gerações dos seus inquilinos, nossos antepassados, com o lodo até aos joelhos, o salitre nos ossos e o imenso horizonte no olhar, não por turismo nem perícia de velejador mas pela barriga vazia.

aqui, nesta casa, aprendeste a pescar. tu e todos nós, Portugueses, herdeiros da mesma alma marítima e das mesmas lágrimas salgadas. nós, Portugueses, amantes desse humor que alguns de nós — como tu — sabem esgalhar.

aqui, nesta casa, aprendeste a rir.

e porque pesca, riso e amor assentam na mesma âncora aguada, foi também aqui que aprendeste o primeiro beijo, de amor, sabendo a rapaz e sal. o primeiro beijo e também esse arrepio a ir pelas costas abaixo e a vir pelas costas acima e a expor-te os seios e a aguar-te o corpo todo e àquela doce abertura amorosa das mulheres, abertura de doces sais aos sais doces do amor.

os sais de amor do rapaz, primeiro namorado, noivo, marido, pai do teu filho — hoje, namorado de beijos de rapaz e sal — aqui, a esta casa reportas, associas e, nela deitas a âncora,

ciente de ser o tempo uma espécie de Ria,

braço de cuja nascente nunca se sabe bem, ao certo, em que ombro ou onda nasce,

por quais onda ou ombros vai ficando, até a natureza se rebelar ou até a humanidade se desaguisar com a bela natureza herdada.

aqui, nesta casa te fizeste, Ana. e, em ti, revejo todo um repositório cultural.

aqui, entre a Ria e o mar, te fizeste.

aqui te fizeste, senhora de pequeníssimos milhões de sagezas, coragens e de discretíssimos gestos — em suma: te fizeste mulher portuguesa. obrigada, Ana!

III. da amorosa entrega

Ao meio-dia em ponto / entre a sombra e o corpo / o encontro.
David Mourão-Ferreira. *Entre a sombra e o corpo*. Moraes Editores,1980: 17.

1.

guardo as palavras.

as doces e longas, extensas, / as ácidas e curtas de brevidade.
guardo-as louras rosadas amarelas, castanhas e estranhas.
brilhantes e baças. amantes e falsas. / gritantes *ansiantes* descalças e fartas.
guardo a todas sem prenúncios nem renúncias, / singelamente curiosa e audaz,
arrepia-me haver algumas que desconheço, / outras que apenas intuo,
as desejadas, as evitadas e, sobretudo, as mal-cuidadas.
guardo-as entre asas e luvas de veludo, na dobra de um cetim, no resguardo de algodão,
na colcha de damasco, no rolo de tafetá, no baú, em arcas, entre fotos ou estampas
espalmadas no papel de engenheiro amarelado: guardo-as.
e a cada uma de que desconheça o sentido, / mais respeito.
e a cada uma de que pressinta o íntimo, / mais resguardo.
em cada, em todas, uma a uma, / grafia após grafia,
por cada encadeamento de letras
regressa o arrepio do sonho, levanta-se a vela da saudade,
solta-se a onda irrequieta de ser tarde, dolorosamente tarde e tão longe
a caligrafia reservada, pela escrita do sonho, aos teus dedos.
guardo-a, ainda assim, confiante.
sabem, meus dedos, guiar-te pelo emaranhado mistério das palavras
em acto adiadas mas reservadas / para mim. e guardo-as
para molduras, buscas e descobertas, / para renovar soalhos, abrir clareiras,
aplanar rochedos inúteis, se balofos / embebidos nas modas de ser contramão,
para encerar as portas e os portais
guardo as palavras.
para abrir portões, refrescar cancelas, embalar baloiços,
ninar, baixinho, berços e beicinhos.
guardo-as para lacrar mentiras de palavras incontroladas enganadas
palavras inocentemente esplendentes e suaves
pela melodia encantatória de um assobio,
o mimar sibilante de uma voz perdida
por acaso ali parada ante tão bela fala.

as vozes fazem-se no mágico encontro / das palavras.
as vozes nutrem-se do carinhoso mistério / de palavras.

só devém voz a amorosa entrega às palavras.
por isso as guardo, a todas, sem excepção, preferência,
catálogo, subscrição ou desejo outro
do que o de comungar-me, fundir-me ou guiar
— esplendente que também sou —
no caminho do mistério e do brilho das palavras.
podem invocar o reverso da cintilação.
podem chafurdar na, aparentemente, / gratuita
entoação do desconsolo, letra a letra / cobrada.
a hora de nos cruzarmos, perfeita, exige o delicado estender da mão.
entende cada abraço como o laço fundador do lastro do ser.
a intenção devém acto dinâmica e reflexo
causa luzes e vibrações cromáticas a suspender o *show* da moda baça.
os corpos pobres, doridos, sofridos,
os humilhados corpos, demitidos da voz,
os simplicíssimos corpos, doadores da esperança,
chegam, por fim, à boca de cena,
descobrem o rosto e, em espelhismos quânticos,
finalmente acedem ao outro em nós.
acedemos ao outro no nosso outro labial
eterna dicção do brilho doado pelas palavras.
ah, estranhas manhãs escuras
do desentendimento!
ah, madrugadas claras pelo esforço
ensombradas!
do húmus da conversão
se fazem as rigorosas distâncias e demoras.
guardo as palavras para devirem guias / da remissão.
guardo as palavras para servirem / ao infinito amor.
com outro olhar e de outro ínfimo poial retomo o gesto após o encantamento.
guardo as palavras sábias e inocentes.
gravo-as. libo-as com a cereja dos meus lábios.
a eternidade instante me compete e visita, magnânima:
amo-te muito, meu amor * da fala.

guardo-te a palavra.
sou-te a guardiã das palavras
na minha floração em cereja agora, aqui.
* verso de Jorge de Sena

2.

evidentemente todo este zelo de guarda coabita com a liberdade absoluta
das palavras.
— seu sangue, nutriente ou alimento colo,
    poderoso tríptico metafórico
    pois só das metáforas pode nascer o
    puro real.
amando as almas de escreventes
— sendo legente
    e, desta vez, a voz-guia —
nasci-me, precisamente para vos desejar que sejais
o que só o vosso ser pode e sabe.

o assédio benéfico da palavra é similar ao horizonte do pôr-do-sol.

a auscultação da batida do verso
a incrustação da palavra radiosa na pele
é similar ao horizonte boreal
magnéticas cores, frisos luminosos
onde volto e regresso, sempre, criança
pelo carinhoso enleio emergente das palavras.

3.

a guarda das palavras é mester a partilhar com perícia, decoro e rigor.
interdito o gesto de descair verbos / de condescender adjectivos
ou de, até, desperdiçar advérbios
— o ornamento, mero desperdício vil
    pois no ornamento, externalidade das palavras,
    habita sempre alguma vileza

mesmo que ingénua ou distraída.
a maravilha galáctica das palavras exige amplidão e consolo.
a graciosidade do voo subtil nas sílabas impõe claridade e comoção.
a conversão grandiosa / a remissão do ruído em fala
obtém-se pelo ritual interminável da amorosa entrega.
tudo o mais que vos digam é distracção ou provas que vos cumpre superar.
aqui chegados, uma vez acedido este prisma da fala,
a decisão de tecer o poema
cabe-vos, apenas, a vós
em cada segundo
em cada lanço da língua
em cada silêncio por contenção respeitosa
em cada rasura do excesso e do esperado
em cada abertura ao mistério inesperado,
única possibilidade de manter viva
a matéria
das palavras — da vida.
aceno-vos. envio-vos minha sincera serena vénia.
enquanto legente — e, cumprindo-me
como temporária guia da voz —
ao ressumbrar da vossa fala original e
fundadora
a comoção arrepia-me e toma-me, feliz.
aceno-vos por haverdes encontrado
a / vossa / voz.
deixo-vos entregue à lida de refazer / e inventar
a matéria dos dias e das coisas
pelas palavras fundadoras da alegria e da cor.
sem vos abandonar, afasto-me
acompanhada pelas duas cadelas
que me aguardam e guardam há séculos
de barriga distendida e gozosa,
patas para o ar, riso escancarado
e língua prestes a lamber-me todas as feridas que venham a abrir.

haja sentidos e arrepios internos: as palavras nunca se vos negarão.

4

enquanto a noite se atrasa a dar mais tempo ao fim da tarde
revejo gestos poderosos da emoção
e sobrevêm ilusão, distância, medo
enquanto o silêncio se cala e afasta,
deslizando.
o céu, despenteado, ensina o claro-escuro
materiais incontornáveis da vida.
entre mim e ti
um astro um astronómico sonho
desmedido / indelével
como dorido o braço,
dorido o abraço que não me chega me não alcança na via da distância
uma das maiores palavras da emoção.
enganas-te, amor, meu querido verbo.
enganas-te ao condensar numa narrativa o fluir do que pode vir do porvir.
dois a três exercícios de charme
dois a três momentos de encantamento
dois a três — e mesmo que fosse um só! —
o destino do meu tempo não se resigna
a ficar a ver apaixonados de época.
enganas-te, meu querido amor: a distância aproxima às vezes.
e, por vezes,
continuadamente longe, inacessível
— ou acessível quando o mundo vai de férias —
é moldura que fere.
mas Frida já morreu.

hoje, agora, o destino não se confina a intuir amantes habituados
que se não separam pelo hábito
— ou, pelo medo, diríamos para ser honestos, recordando um dos gestos maiores das emoções.

enganas-te. meu verbo querido e
amoroso.
por isso tenho de guardar, também, tal verbo: errar.

IV. os 4 estados das palavras: latência, intrusão, acção e fuga

Mágica a palavra / que ressuscita a pedra, / não o corpo.
Yvette Centeno. *A Oriente*. Presença, 1998: 69.

guardo as palavras à medida que me vou encontrando.

com esta mentirinha avanço pela folha / branca
sabendo da agilidade das palavras
para a caça / a dança / e o silenciamento.
no fundo, são as palavras que me encontram:
umas, começam por acenar com os dedos / em vagaroso leque,
inclinam a cabeça sobre o ombro / antes de elevar as sobrancelhas para o /
sorriso subir aos olhos / após o que riem francamente,
entreabrindo os lábios, / escancarando as letras até ao último grafismo do alfabeto.
há outras palavras mais intrusivas e / de formas estranhas e discretas
entranhadas no andamento / de nossos dias, / nas subidas, quedas, recaídas
e no recobro das cores e da fala.

quem poderia viver sem lábios, / afagos de seda húmida?
quem poderia viver sem nuvens de rosas / ou arcos-íris de buganvílias?
quem poderia viver sem o melro o pintassilgo / ou a rumba dos vapores viajantes?
sim, quem? sem sóis aluados,
luas espelhadas, febres e sombra?
sim, quem: sem o Amar?

são complicadas as palavras intrusivas.
dispõem de morfologia e fonética / a seu bel-prazer
independentemente do fuso horário / da tensão / arterial
da cor do cabelo ou da raça dos nossos / cão gatão ou cadela.
complicadas e intrusivas, as palavras / difíceis / de habitar
— as exigentes, as que não se satisfazem na vibração ou eco num penhasco,

as que não se soletram para decorar estantes, encher curricula, copianços ou vidas —
as difíceis, intrusivas, viventes, / essas palavras são as minhas aliadas mais duras.
leais. firmes. totalmente confiantes, / recostam-se ao lado das cadelas.
repousam, cochilam mesmo, / enquanto estou distraída
(modo metafórico de esconder a resistência ou o estado renitente ao estado por elas gerado).
portadoras da tenacidade da vida
as palavras difíceis habitam-nos de tal modo intenso e obscuro
até as esquecermos em absoluto / mesmo se ressoam na mente
a retocar memórias e a ameaçar o presente.
guardar estas palavras exige outra atitude.
trata-se de supervisionar-lhes o alcance as manobras e, quando se avistem,
os seus estragos.
guardar estas palavra pode convocar
os mais misteriosos entes
as mais calorosas asas das grandes selvas
os mais refinados cantos submersos
em oceanos e outros colos milenares.
guardar estas palavras — as mais difíceis,
as complicadas e invasoras dos sentidos —
exige a imersão no afecto glorioso,
a laboriosa atenção dádiva e contenção.
um plano de gratuitas contas e contagens
de fórmulas e taxas da inconcretude / imateriais.
tais palavras, intrusivas, são fugitivas desde a primeira à última letra
resvalando em aliança ou *complot* de sílabas sábias.
as mais difíceis palavras — as intrusivas —
a bem ver nem precisam de ser guardadas.
não é de guarda a tarefa fulminante, / já se disse:
quando em acção intrépida, trata-se de supervisionar o seu alcance
ou, quando hibernadas, cumpre atentar
no seu poder de latência e hipnose clandestina.
destas competências deriva ainda a sua outra habilidade de fuga.
ora, se custa denunciar-lhes a intromissão
imaginem, leitores!, a tarefa árdua / de intuir-lhes o fluxo,

drenar o impulso convocado ao largo dos universos
para se germinar, único, em cada ser.
entender-se-á melhor, agora, assim,
a agilidade das palavras para a dança
a acutilância das palavras para a caça
e a sua exclusividade para o silenciamento.

é o silêncio nobre um falar soberano ao qual se dispensa ritmo, volume e som.
de resto, todos os diamantes do encontro prevalecem aí, permanecem nesse estar.
há quem confunda tal grande silêncio / ou falar nobre sem ritmo nem volume /
exteriores / estranhos sem a rasura da fala /
sem a censura / estilos ditatoriais de matar a voz /
sem a misoginia a estrangular asas fêmeas / sem todas as políticas de terror /
e horror / sempre escoradas em crimes contra a fala.
o silenciamento agenciado pelas palavras cria momentos soberbos da comunicação:
é o fluído gerador do encantamento / o óvulo prestes ao milagroso encontro.
já o vazio dos horrores e perversões vibra em outra escala /
toca outros referentes / e acciona outros vis materiais também integrantes /
da complexidade da vida /mas posicionados no lado escuro da sombra.
guardar palavras é missão de alumiar.
remissão da voragem de lumes e brisa
pelos horrores desembestados entre si e contra si.
requer, o lume, a passagem da brisa para exaltar cores, animar o calor.
requer, a brisa, o atear dos lumes para oxigenar e refrescar a combustão.
guardar as palavras difíceis, intrusivas / e fugidias
fermenta o milagre dos lumes / alimenta o esvoaçar dos ventos
e, ambos, fulminam o vazio de calor / e vibração,
gemem a ovulação magnífica do som / a devir traço, a devir sentido
e, do sentido, comovido com a perturbação encantada
de cada vez que uma pessoa / é encontrada / pelas palavras
intrusivas ou fugidias
de cada vez que uma pessoa
é encontrada
pela

fala em acção.

V. das marés doces

O poema aspira a ser uma pausa branca.
António Ramos Rosa. *As Palavras*. Campo das Letras, 2001: 18.

da teia e da trama entre lumes e brisa
vai-se urdindo a doce maré dos encantamentos.

disponíveis em todos os calendários
de todos os ventos favoráveis
sem oscilações nas bátegas ou ondas
sem remos nem velas ressentidos
os momentos entrelaçam-se e superam horários pequeninos, vida a retalho.
os momentos equidistam de outros momentos.
distendem-se ao longo da costa, areais, dunas verdes de vegetação, onduladas,
em todos os pontões e promontórios
nos bancos de areia, perigosos, em ilhas bravias
em escarpas fundas e no oceano onde as orlas refrescam passos.
é só o que os passos buscam nos encontros:
a maré doce.
a cumplicidade eterna. detentora da verdade cara-a-cara
dos momentos reais e exigentes
em tempo, serenidade e mãos.
momentos cativos da esperança e do encantamento
onde os amantes não têm de simular distância
nem fingir ausência nem indiferença.
de nada serve aos esboços de encontros simular um fogo que nem amorna,
conter nortadas até tolher todos os gestos
até condenar à hesitação qualquer abraço e, à amputação,
qualquer maré, todo o impulso.
de nada serve
aos esboços dos encontros
amealhar salivas, promessas, intenções, inventar proventos,
juros, falsas traições arrasadas pelas verdadeiras teia e trama

de marés doces brisa e lumes.
tais marés — acessíveis a todos os calendários —
são alheias aos repositórios do medo,
vagabundeiam pelos peitos nus e despidos
e vão entregar-se ao horizonte infindamente / longe,
reduto de liberdade verdade e beleza.
os passos — argonautas das marés doces —,
os passos, entremeando lumes de brisa, na busca,
os passos dirigem-se ao horizonte, a esse lugar onde se resguardam os encontros.
assim fazem os passos o caminho sem o qual nunca inventaríamos os encontros
"para que tivéssemos a vida e... em abundância."
— pode ler-se ao largo do horizonte amplo.
os passos, nas busca das marés doces,
no rigoroso calcetar dos encontros exigentes de mãos serenidade e tempos,
aconchegam-se — os passos — nesse lugar
onde pulsa a vida e, em abundância, vibra.
não porque inalcançável e mítico lugar.
/ ! /
não porque lugar afastado nem utópico.
/ ! /
o lugar onde se resguardam
os encontros
é esse horizonte infindamente longe
para quem viva ao nível rasteiro da frustração
das marés vazas, rotas curtas da ira
atreladas ao destempero dos sonhos
ao desconsolo horizonte da dominação.
infindamente longe, para uns,
é um invólucro táctil por onde outros avançam,
invólucro e casulo invisíveis a olho nu:
a verdade dos encontros só se dá a ver
a olhos habitados de consolação.
esses olhos, pela consolação iluminados,
acasalam subtilmente com as imprevistas marés de lumes e de brisa.

doces marés a domar cansaços que nunca mais
doces marés a amansar inúteis urgências
doces marés a descansar sonhos cativos
e a vista
pousada, amorosamente, no horizonte
o lugar onde os encontros se resguardam
para que a vida se refaça nessas marés
abundantes doces de lumes vivos, reais.

VI. o espaço do desejo

A palavra é o desejo do espaço / e o espaço do desejo.
António Ramos Rosa. *As Palavras*. Campo das Letras, 2001: 30.

A palavra e a pele / em uníssono pedem / que lhes peguem.
David Mourão-Ferreira. *Entre a sombra e o corpo.* Moraes Editores,1980: 43.

guardo as palavras como a uma coroa / de flores
a um medalhão de pérolas na fronte / aceso.
guardo as palavras aos ombros.
zelo por elas na voz. / ao peito.
devagar, escorrem-me pelos braços até às mãos
até as mãos as recolherem entre as linhas do amor e da vida.
guardo-as pelos caracóis cor da cereja
volumosos no ensejo do desejo.
guardo as palavras no umbigo / do cosmos
e cuido-as ao centro das pétalas
onde vibra a rosácea de mim
sempre virgem ante teu poema.
guardo-as, vibrantes e suaves.
Insinuantes escoam-se / nas águas adentro do corpo
húmus saliva seiva sangues leites / ou o éter
luminoso da fala.
guardo as palavras na planta dos pés / no calo dos passos / no lastro da busca
e, assim, a busca encaminha-me, até.
até às marés doces
marés de lumes e brisa acesos.

acolhidas por meus gestos transitórios
guardadas em meus universais sentidos
até drenarem para meu corpo / universal
cuido as palavras, espaço cósmico do / desejo
fala a rechear o espaço onde não há / vazios.
fundo-me no desejo da palavra, / no ensejo da fala
comoventes comoções de gestos e sentidos
à medida que aprendemos, de lumes e brisa,
o doce ondear das marés vivas, reais.

VII. Ser farol é Ser só [selecção]

Ruge Repreende Arrasa / Desde que sempre o faças / com as asas.
David Mourão-Ferreira. *Entre a sombra e o corpo.* Moraes Editores,1980: 49.

ser farol é ser só uma construção
exposta algures num fim de terra
seja promontório penhasco ou pontão
uma parte do fim da terra, uma forma
bem visível e escrita com éfe
pois mais forte se torna também a quem ouve
já que, para se ver, é feita de corres garridas
listrada, às vezes, e encimada, sempre,
de luzinhas mais ou menos giratórias
conforme os casos as noites ou os dias.
ser farol é ser só uma espécie de torre
sem esculturas nem baixo-relevos, sequer, / para catalogar.
uma espécie de chaminé fabril, um torreão
pequeno mas, de vigia,
enterrado na borda da matéria dura
virado para a matéria mole azul
— a ondulada, navegável e aguada
  a ondulada, condensável e arejada.
desse torreão emanam discretos ou sonoros
sinais, por sua vez, ditados por mestres especialistas

(...) habituados a conviver com o silêncio:
senhores, mestres guardadores da palavra.
entre o aqui e o horizonte, só os faróis.
ser farol é ser só o lugar só
de onde se governa toda a matéria azul
mole, aguada ou arejada.
a matéria azul é por onde os passos tecem
as doces marés de brisas e de lumes.

Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia... p. 73

---

caudalosa
esta fonte
a gemer Falas

1.
praia-mar, respiro-me.
baixa-mar, respiro-me
e, no centro dos meus poros / concêntricos
desde o de fogo ao coroado a ouro
movimento sou consolação.
desde sempre
nos encontraremos agora meu coração.
2.
ao centro dos meus poros concêntricos exerço o direito a ser onda.
amealhei alguns cristais pelo trilho das pedras até à beira--mar.
trago também uma concha esmerada
por cada afago de tuas vivas cordas nas minhas veias,
as cordas do meu corpo
fadado a ser livre sem nenhuma razão em especial.
reservo-te o embalo desse acorde
cujo desfecho é indizível como tudo / o que arde.
reservo-me o doce ardor do desfecho

cujo acorde é inaudível, como tudo / o que tarde.
ao centro do mais concêntrico cosmos
onde a âncora de leve espuma se / pressente
amplio a amplitude do voar servido / por minha
mão à tua águia. desconhece limites / mágoas,
tua mão — donde, aliás, lhe vem todo o / encanto.
alçada ao centro do deslumbramento
transfiguro areia sal e águas paradas
no húmus lambido pelos lábios onde me habitas,
puríssimo, vertido de pudor / vestido de branco
deleite.
no centro, puríssimo, desses poros
desenrola-se a consolação em onda.
multiplicidades de astros revelam-se
pelo jogo
ou concerto, brilhos inúmeros / estilhaçam
o claro-escuro e, impertinentes, / instituem
o instante da criação. / eterno.
fadada à liberdade, mais do que a ser livre, minha vida continua-me
em surpresas, pois exerço-me o direito de ir
sendo onda asa grânulo chispa brasa
por cada ramo de árvore como me dou.
reservo-te o arrepio desse beijo
cujo encontro é invencível, como todo / o criado.
reservo-me a criação desse encontro
cujo beijo é incansável, como todo / o amado.
no mais concêntrico dos múltiplos / corpos cosmos
concedo-te o direito a seres a âncora
a ligar os fundos,
lentos,
à escorregadia superfície platinada dos dias.
são como as marés (mas mais carentes)
os dias em alternância com as noites —
são como as marés mas mais carentes

pela secura e a lisura em que jazem.
no madrugar mais concêntrico / das noites
ressoo-te o toque de sol maravilhado
pelo encontro, insuspeito, de almas.

até onde a corrente, até quando?
até que altitude se adianta o sonho?
até quantas reverberações do nós se sente o movimento do universo?
até quais gestos, pousio de seios densos, suporta, a vagem o tempo, o enquanto?
como é que o estreitar do momento desfigura a espera desfigurada?
ao longo de quantos jeitos a ajeitar-te o cabelo darás como resposta a pura brasa?
durante que horizontes assombrosos governarás o cioso feixe da lua?

no mais concêntrico madrugar dos poros
acederemos às perguntas simples,
maravilhados.

[Praia da Tocha. (*a ver o mar), lounge*, 11 Maio 2012]

---

justeza das marés e respiração das ondas.

nada como uma maré para ensinar a diferença entre
distância e partida
abandono e ida, a pausa e a guerra, afastamento e lonjura.

é impossível conter a simetria da respiração das ondas.

contém, a respiração das ondas,
o recado da pulsação do mundo da vibração do pulso,
da oscilação das veias transbordando do coração.
nada como uma maré. nada como um ondear.

nada como a contínua aceitação da entrega e da dádiva
da certeza e da espera.

até já houve poetas a escrever sobre
isso mesmo,
imagine-se.
aqui, devota das marés me confesso.
eu mesma gota de sangue
ou água de sal na comoção.

Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia... p. 75

"A Esperança tem sempre tempo" Miguel Torga.

então, acorda-me
faz-me momento
e guarda-me mulher
concavas urze
elos de algas
lençóis folheados
lábios de renda
dedos em rama
— guarda-me humana
e, por um momento,
faz-me mulher
antes da alva.

[Praia da Tocha, 18 Julho / 2002]

---

a maré encantada

"No he hallado en las palabras más utilidad que su deseo / de cambiar de autor."
Mahmud Darwish. Poema De Beirut. 1984.

enquanto as pessoas ansiavam
pela noite
a maré veio banhar-se,
indiferente
ao estado do horizonte e seus oceanos.
passo ante-passo desceu pelo areal e sentou-se à beirinha do pôr-do-sol.
ali apreciava melhor
os regueiros fininhos que,

a pouco e pouco,
rondam e abraçam areias húmidas
tomando-as — o mar — só para si.
rápida, a húmida ondulação
assenhoreia-se das ilhas breves
estende-se, estende-se, preguiçosa
e abriga-as até ser alvorada.
a maré, indiferente às horas e ao estado dos oceanos envolventes
descalçou os poucos, os entretantos
despiu-se de nuncas e impossíveis
dispensou a avidez congelada
e os medos esverdeados do verdete.

afinal, pensava, toda a sua vida escorrera da nascente àquele poente.

saboreou a sábia saliva
pestanejou e, devagarinho,
entrou no meigo mar de mansinho e devagar
para que nem temperatura nem braçadas
a afugentassem do seu balanço
do seu baloiço, *swing* doce, subtil
só exclusivo das marés encantadas.

[2012. Praia da Tocha. *(a ver o mar). lounge*. Maio. 2013. Coimbra, (c)Asa Verde. Junho e Outubro]

CANTO II – Das Marés | 2014j. **CD. *Parábola da Maré.*** [2013]

TU ESTÁS AQUI.
Ruy Belo. *Toda a Terra. Todos os Poemas*. Lisboa, Assírio & Alvim, 2000

Dilúvio

sobe a maré.

salpicos transparecem.

arrasa. ronda a cerca dos argumentos.

cavalga rochas áridas certezas.
sobe, vem.

em cerco imenso avança a cavalgada do espanto.

não há outra metáfora da história.

Anunciação

sobe a maré
por dentro
cautelosa.

sussurra em negra voz aquele canto

avisos do tempo esvoaçam
no friso mais anil do horizonte.

sobe a maré
a cadência.
por dentro.

por dentro ensina a onda. a mudança

por dentro. o nome da humanidade.

a cadência ensina a vaga da mudança.

os ventos vão virar-se
para o sul.
dores e despedidas vão esfumar-se

ao ritmo do balançar da bandeira
verde
astear de esperança. do consolo.
rugas de desespero – e o desespero –
cedem lugar às rugas da alegria.
a rouquidão de lutas e o cinismo
vão afinar-se pelo timbre da glória
gratíssima a glória do vivente. suave. serenada. confiante.
as monções, recicladas em lava
de fartura serena de justiça,
virão banhar o dia-a-dia simples:
canículas do pão tostado e branco
do vinho e sangue em veias esmerados
e do carvão, aconchego ao borralho.
os laços que movem o universo
subtis vão enlaçar o enlevo

e as asas vão rasar o quebra-mar as mágoas o ultraje e a ignomínia.

sobe a maré, por dentro.
no horizonte.

em negra voz
o mesmo canto insiste
há tempos imensíssimos sem brilho
insiste no aviso no vislumbre
do friso mais anil esvoaçante.
em negra voz por fora.
resguarda o brilho
por dentro, cautelosa com o tempo.

não há outra metáfora da história.

Baptismo

dê-se-lhe um rosto.
cigano. ao rubro. dança.
o vigor.

dê-se-lhe um corpo.
sete encadeadas saias.
o pudor.

dê-se-lhe um tom.
maior. sem dó nem lá.
em si o sol.

dê-se-lhe um timbre.
coral suave oculto.
o roçar.

dê-se-lhe um gesto.
breve pousar de pérola.
a semente.

dê-se-lhe um travo.
ardente chá. deserto.
o aceno.

dê-se-lhe um fruto.
amêndoa por gemer.
a mulher.

dê-se-lhe um gosto.
primeiro abraço tenro.
o colo.

dê-se-lhe um modo.
gerúndios em compasso.
o tempo.

dê-se-lhe um espaço.
desatar a fractura.
o fervor.

dê-se-lhe um verbo.
avança intenso vem.
o ser.

dê-se-lhe o nome.
maré.
imenso espanto.

dê-se-lhe um rosto um corpo um tom um timbre
um gesto.

dê-se-lhe um travo um fruto um gosto um modo
um espaço.

não há outra metáfora da humanidade.

Dobram os sinos

sobe a maré
a ladeira da ermida
em frente à Cantareira junto à Foz.

o sino desalinha horas graves
ensina esta vaga de mudança.

neste verão a ermida está tranquila
livre do sacrifício da promessa
– da promessa do puro sacrifício
desgraçado pelo catálogo do medo.
está serena a ermida
sem caprichos
sem pendões nem fardas engomadas no pavor da maré.

em frente à Cantareira
junto à Foz
a ermida cumpre o ritual de fronteira.

sagra o rito da aparição do sal
no desaguar das marés.

também o sal tem os seus segredos.
mistérios de cristal pedra e vapores
segredos abençados. paladar.

que seria da humanidade sem o sal?

frotas destemidas, mantimentos
mapas impossíveis de desenhar
ao norte ao sul
arcas de carnes
conservas da fartura.
lazeres lunares em noites de sol e brasas.
poupança, remedeio temperados
assadeiras lutando contra a fome
generoso lagar inchando a broa.

que seria do desejo sem o sal?

gestos curvados côncavos circulares
tangência de vertigens e
desengano
polvilham o aceno das marés
sem q.b. / de anseio ilimitado.

em frente à Cantareira
junto à Foz
a maré sobe a ladeira da ermida

e a ermida cumpre o ritual de fronteira.

é pelo sal que os sinos, graves, dobram.

não há outra metáfora da história.

Noite de noite cheia

sobe a maré.
transparecem salpicos
da intensa cavalgada do espanto.

por dentro
sempre.
e por inteiro
move-se em socalcos o oceano
cuidadoso
resguarda a excelência do sonho
cuidadoso, arrasa
a imperfeita roda dos argumentos.

a voz sussurra
por fora negra ou índia

ou cigana ou mestiça. *salerosa*.
sussurra por fora e por dentro insiste
resguarda o brilho
cautelosa
com o tempo dos socalcos e marés.

sobe a maré nesta noite de noite cheia.

uma bainha de espuma demarca a terra
o friso das areias dos argumentos
e do castelo em pedra. ancorado.
a bainha de espuma e transeuntes
demarcam o horizonte opaco da cidade.
no friso mais anil do horizonte
asas
pespontam o bordado da esperança.
no friso mais anil do horizonte
o farol incendeia quem caminha.
no friso mais anil do horizonte
a ferrugem e o guindaste repousam.
no friso mais anil do horizonte
convergem as horas esforçadas
sonhos de braços e ombros musculados
no friso mais anil do horizonte
dobram-se as esquinas todas do mundo
e eu escrevo sem concessões. enternecida.

no friso mais anil do horizonte.

não há outra metáfora da humanidade.
*****

nesta noite de maré e noite cheia
o amarelo põe-se.

solene e devagar estende-se o amarelo em sinais de desejo pelo horizonte.

solene e devagar o amarelo entrega-se
ao afago do ventre da noite
no friso do horizonte mais anil
encadeado com o ritmo do momento
nesta noite cheia de esmero e de maré.

nesta noite cheia de horizonte.

não há outra metáfora da história.
*

sobe a maré ao ritmo do lunar.

frágil salpico
tangida corda
piano
burilar da mão
arpejo
cadência entumescida.
onda. onda *salerosa*.

sobe a maré, *salerosa*, pelo tempo / que durar a noite cheia.

não há outra metáfora da história.

Comunhão

estás aqui, na noite *salerosa*.

e na maré. onda de noite cheia.

esta maré é onde mais perto estás

da minha noite tangida ao luar
do meu luar cadenciado com o vento
do meu vento salpicando o horizonte
do horizonte, meu, de asas aniladas que rasam a roda dos argumentos
onde estás também e de onde te chamo.
*

estás aqui porque te chamo pelo nome.

– sempre o teu nome bravo guardei
  entre os meus ventos e o luar
  cadenciados
  a minha noite
  tangendo-me em luar
  entre as asas. minhas
  a ondular o tempo –
*

estás aqui porque te nomeio por dentro.

indecorosa invado as tuas coxas
com as minhas vagarosas doces quentes.
indecorosa lenta, pois desejante
rebolo revolvo areias. os argumentos.
e encadeada com o ritmo do momento
nomeio-te por dentro do horizonte
aguardo-te no friso
sou-te as asas.
subo.
sou-me em cadência.
subo. desejante
sou o friso.
esvoaçante maré.

sou a maré por dentro dos argumentos.

não há outra metáfora da história.

*

estás aqui porque é por dentro que latejas
encadeado no ritmo do lunar.

estás aqui porque é pela maré que avanças
e saboreias esta vaga de mudança.

estás aqui porque te chamo por dentro
incandescente . *salerosa* te nomeio.
salerosa venho à tona. *desejante*.
renego o reboliço das areias
cintilante
revolta te sou no horizonte
no friso mais anil sem contratempos
no friso mais anil sem argumentos
no friso mais anil. o *desejante*.

não há outra metáfora para nós.

não há outra metáfora da história.

A marca de água

não há outra metáfora da história.

basta desfolhar as madrugadas.
todos os rodapés da violência.
o avesso de governantes, o fausto.
o lado inverso, o refrão em prosa

anúncios e promoções formatadas ao ritmo do betão e da rapina
– formatadas raspas da criação –

basta avivar a pura marca de água
deposta diariamente aos pés dos deuses.

atentar no angustiante clamor
que o sucesso da performance contém
e a performance do sucesso exala.

basta e não basta
– nada bastou ainda –
embora já transbordem testemunhos
rasuras inadiáveis da mentira.

basta? não basta.

e, contudo, os sinais
sobrepõem-se ao relato incongruente
narrativa boçal da humanidade.

há que rasurar a prosa seca
humedecer a máscara do tempo

despertar com língua estonteante
o desejo das metáforas fogoso

e a maré
que sobe no horizonte
a cavalgada em onda do imenso espanto
vem amolecer a roda podre dos argumentos.

este o destino da metáfora da história.
o nome sem metáforas da humanidade.

Das Mãos

1.

posta a minha mão na tua
aceno à gratidão com a outra.
acedo à compaixão.
assumo a pausa
de onde retomo força e clemência.
posta a minha na tua mão
resguardo a prudência e o encantamento
reponho a claridade na sombra
reacendo utopia e coragens
e, entre ambas as peles, confiada,
entranho o mais solene sentimento.

dadas ambas as mãos, é de alegria o finíssimo hiato que as une.

a dádiva vive em coisas subtis como esta e, aconchega-nos, grata, entre mãos.

2.

podia ser um canto um toque um traço
pequenas volições em folhas de árvores
ponte de asas no voo das andorinhas
passinhos em desequilíbrio pela mão de um /
pai
ou só mesmo um luar no frio do céu.
podia ser aquele batimento
ou, oscilante, a melodia em tal metal.
podia apenas ser um rosto intenso
o pestanejar do dia a começar
um esboço talhado na pedra branca
— ou essa mesma pedra.
    branca.
    só.

podia ser e pode, sempre que o sejas:
em cada inspiração que te alimenta
dás corda ao coração, ao que resiste
e inscreves, gesto a gesto, a criação.

3. a tua mão

a varanda das noites
suado corpo
copo fresco
a varanda, essa
da casa verde onde a tua mão descobriu em primeira
—
a minha
—

a varanda, a sacada, a pausa, o repouso, a sesta,
essa
resguardou-se há pouco entre portas
essas.
a varanda começou, entretanto, o
seu novo destino

a varanda resguardou-se.
não a tua mão.

---

manual. idades.

1.

ponho a minha mão / direita, paralela
à mão direita encurvada e / meio aberta
encadeada com todas as mãos puras /
dos mundos.
ponho a minha mão, agora.
vão, irmanadas com ela,

pétalas rosa que já foram pão
algas roxas azuladas penas anis
caules gotículas areias grãos e asas
sustidas por duas brasas frementes
que são o que serão.
ponho aqui a minha mão / lavada
dos lodos inclementes / limpa
de acenos frouxos / acordos ocos /
livre / limpa lavada livre: a mão.
junto-a aqui, ponho-a agora,
concentrada. meio aberta
concertada com veios e meridianos
os mais puros liames dos mundos.
ponho aqui agora a minha mão
cautelosa na fragilidade dos elementos
caudalosa na suavidade dos impulsos
vibrátil poderosa intensa e ágil
concentrada, agora, no pousar / das grandes asas
que é como quem diz: os universos.
pouso, aqui, agora, a minha mão.
aninha-se em silêncio falante.
permanece no instante, ínfima,
caudalosa cautelosa encadeada
no instante vibrátil e fremente.
pousada.
ponho aqui a minha mão.
e alumia.
aqui, invoca sela e abençoa
encadeada no arco da amorosa clemência.
ponho a minha mão / junto da outra mão
direita e esquerda encontradas na vida
minhas mãos de esperança amealhada
juntas às mais puras, aos mundos, estão.
fluir cioso de universos em pétalas e asas

brioso adejar de universos dentro das algas
— salgado em cada gotinha de mar,
    doce em cada lágrima de amar —
ponho minhas mãos aqui, aliviadas
do estrugido de mísseis, metralhadoras
do trilho de apedrejados sangues vertidos
do cisma odioso de roubar a fartura
embuste odioso cisma prestes a estourar.
ponho a minha mão e a outra
confiantes na esperança amealhada
firmadas na passada de canseiras.
juntas invocam selam abençoam
e iluminam
o côncavo pulsar da brasa ardente
onde desaguam os puros meridianos /
dos mundos.
juntas. aninhadas, pois, concertadas
pouso — a minha mão e a outra —
sobre o pulsar
do côncavo ardente do meu peito livre.

2.

ponho a minha mão na acha
entre a brasa e a pinha seca
dentro do tronco de oliveira verde
no caule da branca flor em flor.
integro as sagezas da combustão
irmanada nas fortes cores da fogueira
no fogão na lareira na salamandra
ponho reponho e deponho, com a mão,
a malícia a maldade o servil gesto
o reles olhar, intento ou acto / da submissão.
ponho a mão, a mão esquerda, no fogo
desbordo-me em cera derretida
multiplico-me em estalidos, faúlhas

reparto-me pela constância vibrante
dos amarelos arrepiantes do arder.
também ponho a mão direita até fundir
na merecida fuligem a que pertencem
as dispensáveis fugas e rasteiras.

sabem, estas mãos, o rumo do amarelo
fulgente nos azuis nocturno e solar. /
sabem, estas mãos, da temperatura rara
alojada na fusão das puras cinzas
se o pauzinho resiste, impertinente,
ao vazio.

ponho ambas as minhas mãos ao alto.
tornam-se, elas mesmas, no estalido que o emperrar da engrenagem supõe.

sabem, estas mãos, como é virtual
o fumo
assoberbado pela servidão maléfica.
estas mãos sabem os gestos paralelos
— os da mão esquerda os da direita —
gestos zeladores da potência do ser.

por tudo isto alinho, / alio as minhas mãos
ao pleno fogo
e, universalmente,
emperramos e detemos o desconsolo.

3.

ponho a minha mão quente — a inquieta —
juntinho da minha outra mão calada.

uma, a desassossegada, rugindo instiga a indignação, o movimento.
outra, a raiz da fala graciosa amestra a pausa de respiração.

ponho aqui, assim, entrelaçadas
as armas magistrais da melodia
as bagas da alegria, salvas e sinos
fogos, sem artifício, do que vive.
entrelaçadamente, assumo as mãos
meus ninhos de fui e de serei,
pois sou.

4.

com *ponho a minha mão* estou a nomear
contornos do impossível e ilimitado
cacho das fibras de vida / expectante. /
com *ponho a minha mão* toco o eterno
ciclo virtuoso dos caminhantes.
por isso ponho agora, aqui / em todo o sempre
esta mão destinada a ser casulo
a tecer casulos no abrir-se a outras mãos. /
com *ponho a minha mão*, afinal, digo
as sílabas contidas por germinar
os lábios carentes no longo beijo
abraços entremeados a braços e ombros /
no instante da chegada
depondo bagagens alheias
abandonando a estranha carga
no instante do encontro
de olhar, de olhos
transfigurados em doces abraços longos.
com *ponho a minha mão* percebo, enfim
que nada digo faço nem invento:
é da natureza intangível dos gestos amealhar, para habitar, os universos.

5.

não fossem elas / nunca crescia o trigo
nem o grânulo geraria salsa
flores peixes tâmaras uvas leites.
não fossem, não foram elas

seguiam os continentes por encontrar
a morabeza tango flamencos e fado
ainda, mudos, a latejar / por se dar
saudades no âmago da vida.
não foram elas / não fossem elas /
as nossas mãos / agora aqui sofreriam / até /
pela ausência do poema.

6.

de par em par /
vidraças / gestos
temores de medo apavorados / escancarar. /

de par em par / ombros / — os ombros! —
e tudo o mais que se refaça
está a nascer do solidário abrir das mãos.

7.

acolho — o esvaziar da mágoa
o desaguar de dores / e perfídia
desencontros entre o veneno e salivas
impurezas no deslaçar do mofo
brancuras a vencer carunchos —
acolho, no pleno abrir de minhas mãos
aos universos dos frementes gestos.

8.

"não meu, não meu é quanto escrevo" Fernando Pessoa

também minhas não são / estas pungentes /
estas mãos que me nascem no poema.

9.

lanço os búzios salgados / sem segredos
trazidos pelo alto ondear das vagas.

deram à costa sul da humanidade
e, orientados pelos interstícios da fala,
rolaram até minhas mãos de areia em verso.

10.

tantas quantas inúmeras são?

nem saberia reportar
o misterioso
balanceado a quatro ventos
ancorado
à plena rosa / cardeal / dos gestos.

dizes-me: dedo a dedo, / uma dezena.
digo-te: dedo a dedo / infinidade
se às minhas mãos unirmos / as tuas
as tuas as suas e as outras: / puras
dos universos, todas as mãos.

---

mãos dadas

sigamos nossas mãos abertas à fortuna da fartura imaterial.

de tão imaterial, devém palpável
gostosa sibilante cheirosa.
sigamos, abertas nossas mãos,
o friso que se adianta ao caminho
incansável linha da utopia
fio condutor dos corações
onde a fartura do infindo palpita.
sigamos. sigamos cegamente
a fortuna de sonhos perfilada
o assombrar dos medos pela candura
que só pode, a candura, afiançar.
sigamos na compaixão, dedo a dedo,
no tactear insistente da clemência
no ritmo sincopado da ternura
desbordando cadências ao que morre.

sigamos, sigamos, sigamos
em contrapontos e contratempos,
pois deste eterno presente somos
por virmos de um longe com futuro onde só não se aceita a aquietação.
sigamos com as nossas mãos confusas pelo desvario que a ternura inicia.
salvemo-las com pétalas e húmus
dos gestos aliviados na fricção
entre as acesas peles incandescentes
exuberantes profusas incendiadas
peles profundas num encontro de mãos.
sigamos de mãos dadas ao riso
pouco siso saudável, copioso
o siso que o lado certo impõe.
sinalizemos com flores ou pedrinhas
o caminho da lenda que, hoje, juntos
no encontro de mãos, hoje inventamos.
sigamos amorosos, indecisos
por qual rumo tomar na combustão
atiçada no encontro dos ninhos
selada no confuso descaminho
que sempre é o laço feito mão a mão.
sigamos com nossas mãos circunscritas
à imensidão do inalcançável
à plenitude do imperecível
à objectividade do sonhar.
sigamos condicionados ao sempre,
ao impossível — que é o que será —,
condicionados ao que só se alcança
na entrega no gerar no fluir.
sigamos as nossas mãos intactas a ruídos e bolores circundantes.
cubramo-las de fiadas de arco-íris
de luas luares e miúdos gestos.
intactas. contendo a aventura
impassíveis aos signos da privação

façamos / com elas / a viva roda /
a festiva marcha do pão. / sejamos. /
com elas / façamos um remoinho /
onde afogar choros e desgraças
para brotar a mansidão, repousada.
façamos. sejamos. ergamos
pontes entre maresia e tempestades
desta vez, a eclodir de vez.
sigamos e / ergamos e / façamos e / sejamos
da melodia, a métrica imprevista
da sombra, a centelha invisível
da dimensão quadrada do banal
a quinta inerência inalterada.
sigamos com nossas mãos intactas
ao rugoso ansiar de cada dia.
sigamos o intacto mapa branco
zeloso dos destinos infalíveis
gravado a marca de água
em nossas mãos.
sigamos com nossas mãos irmanadas
na suave artesania dos compassos.
a todo o gesto compete uma toada
contém seu timbre todo o movimento
qualquer orientação da intenção
traça derivações do grande esboço
lastro onde se inicia qualquer laço.
sigamos, irmanando em nossas mãos querelas persistentes entre os lados.
precisam, direita e esquerda, de aliar-se.
urgem, esquerda e direita, pelo encontro na fraqueza temido, na ignorância.
o friso que acrescenta requer o todo,
o afã do crescimento pede à raiz
múltiplos terrenos para se erguer.
por isso, irmanando nossas mãos,
assinalamos o vaso invisível

para onde a raiz se encaminha
gemendo, paciente e silenciosa
no terreno submerso e persistente.
sigamos nossas mãos impenitentes
ao gotejar da pele que arrasa medos
— assim a tirania estremece
    vacila e se esvai irrevogável.
sigamos, com nossas mãos, a impertinência
de não nos bastar nunca o assombroso
encontro irrequieto dos carinhos.
o ventre do metal estala em ruína.
desorienta-se a trapaça até mais não.
sigamos com nossas mãos impenitentes o infindo gesto do inacabado.
sigamos com nossas mãos perdidas entre o sim e o sim impertinentes.
são mutantes os gestos do encontro
reincidindo na nova letra oclusa
magma, cadastro do inteligente.
sigamos, perdidos em nossas mãos
na louca devassa de ortografias
léxicos e sinónimos alucinados
por serem poucos, sempre, os alfabetos
por onde o encontro nos desalinhe.
sigamos perdidos, ao encontrar
por nossas mãos, a calma chama
— tecida de indignação, bravura
    sementes aninhadas entre os dedos,
    liames a gemer dentro do peito,
    linhas do insatisfeito verbo amar
    cúmulos de carícias, nuvens, brisas
    laivos do eterno ser presente.
    tecida de hesitações é a chama calma pois de hesitações se anima a vida.
é do vivo abrir-se à incerteza
ao latejar das seivas da alegria.
sigamos perdidos para o passado

abandonando estilos e limites
molduras na espera desbastadas
molduras embaciadas por erros
regras fixas na imaturidade
regras feitas no entorpecimento
da calma e caudalosa chama nova.
sigamos perdidos em nossas mãos
que é do vivo fazer o intensamente
o burilar dementes ortografias.
o fascínio do encontro nisto reside:
seguirmos, cegamente, as mãos perdidas.

---

o mistério da separação da terra. terra das sete saias *

1.
do mistério da separação
da terra,
falo.
desenhado em raias pelas falésias acima, por serras e serranias
cravado como excrescência lasca vacilante excesso
pelas baías mais privadas
escondidas
marcado a ferro e ervas em enclaves ermos do sul
da separação
da terra
— do pleno mistério —
falo.
no Texto antigo lá está feito o aviso.
situada a metáfora no conflito
entre irmãos entre águas,
— situado o exemplo das águas —
assim foi contado ouvido e registado
para que ao longo dos tempos
imensos

a história fosse aprendida
a história fosse aprendida para que evitada.
no Texto antigo o aviso já foi feito
metáfora entre guerras entre espadas.
no Antigo texto
onde não constam as 7 saias
(nem as saias)
das mulheres
desta terra
que também
que também de nome é
também é Nazaré.
há destes lapsos no relato da História.
herdam-se nomes de virtudes terras pessoas
feitos defeitos sentidos mas
o sentido é só um
(*potens*, único. múltiplos *pauper*)
por isso mesmo
para equilíbrio e por justeza
o milagre sério verdadeiro, o sem metáfora, o de terras pleno
é o da separação da terra
de pé.

2.

chega o viajante o curioso ou, tão-só, veraneante de sol a sol
chega
ao cimo de uma estrada de dois sentidos
— um, o que desce, por entre casas
    fazendo curvas até ao sol.
    outro, o que sobe, por entre casas,
    cuidando de resguardar o sal.
    ambos, dilectos ensinadores da cor do mar —
chega ao cimo dessa estrada e à rotunda
que contorna para continuar a descer.
chega a meio e prossegue na descida

chega.
até que a inclinação se deite a par do mar.
chega, esse que chegar,
ao piso raso a par do mar
a par e passo do areal, do céu, do sal
quer haja, ou não haja, sol.
chega.
e, ao chegar sabe,
inteiramente,
ao chegar sabe, inteiramente, onde parar.
chega — quem chegar —
para parar.

a tempo de se habitar, ainda,
pelo mistério.
ainda a tempo da separação da terra.
de pé.
chega.
desce.
pára.
a tempo
em tempo
(não há postal digital nem foto nipónica que o revele)
no tempo cadenciado
mensurado em contínua regra, desde o Tempo antigo.
chega. desce. pára.
para contemplar
— nada habita aquele que desconhece
    a contemplação —
e, ao contemplar,
vibra e adere ao Texto antigo
e, assim, habita o certo, o vero mistério
da separação da terra
acto de salvamento

de barquinho homem e filhos

no sítio sagrado

por dentro do mar furioso

e pela mão

pela mão de uma Nazarena mulher.

[Nazaré, Adega Oceano, 7 e 8 de Março / 2010 | Coimbra: Casa Verde, Galerias Santa Clara; Cafés Infante e Cartola; Restaurante Allô Pizza: Outubro / 2009, Dezembro / 2011, Janeiro / 2012 | Islândia, Blue Lagon; e Reykjavik, Radisson Blue Hotel Saga, 15 e 17 Agosto / 2012]

---

* Nota: Aprendi com as sábias gentes da Nazaré que, "ao pedaço" de rocha separado da montanha, verticalmente situado sob "O Sítio", chamam: *'Guilhim'*. Valeu a pena escrever este texto: por ele, aprendi o nome da rocha sobre a qual escrevi.

CANTO III – Dos Sóis | 2014l. **10.º ANDAMENTO.** ***ainda alcançamos o algodão azul do sonho.*** [2011-2012]

ainda alcançamos o algodão azul do sonho

1.

no frente-a-frente com o calor e a claridade

as corolas agitam-se ao de leve. leves,

distendem-se as pétalas sobrepostas,

expondo a gradação das cores estranhas

das flores soberanas raiadas de amor.

no frente-a-frente com o ar tépido, as asas

agitam caudas arrendadas, brancas

estonteantes, brancos espelhos de luz

brilhantes no face-a-face com a claridade

a abrir caminho no caminho da sombra

no frente-a-frente e no lado a lado constante.

2.

este pomar permanece suave e bondoso.

a ele continuamos a vir roubar laranjas

a cobiçar o caroço interior da maçã

para, assim, alcançarmos o algodão azul do sonho.

também sentados na terra se alcança o sonho:

humedecem-se plantas do pé e palmas da mão.

o côncavo do assento na relva devém roliço.

entre o verde túmido e as vértebras do tronco
emparelham-se as rugas do esqueleto.
ao toque do vento respira o peito, suspiram
respiram seios, afina-se o centro do corpo
com o canto em espiral da serpente
a indicar o algodão azul do sonho.
quem diz pomar diz lagoa ou lago
diz rio correndo desde a foz à nascente
do amor. ausente de tantos olhos
— por isso o buscam subindo leitos de águas
gregas.
um remoinho de alegrias e perguntas vivas
alimentam o peixe dourado da esperança.
sabe, do sal, a dosagem sábia — o rio.
sabe, da escama, a defesa sábia — o rio.
o rio sabe, do fel, a sábia repulsa.
— por isso os buscadores do El Dorado
nos enganaram em todas as lendas:
a sua aventura não era, nem é, a do ouro.
antes buscam o sábio e dourado peixe
resguardado em lagoas e ribeiros
ou, quem diz ribeiro, diz rio
correnteza da foz à nascente
remoinho de perguntas vivas, gregas.

3.

confiando as mãos através da chuva miudinha
através de ventos nordeste e marés de leste
através da geada nortenha e do ar cortante, a sul
confiando as mãos, estendendo-as para o enlace.
chega primeiro o acorde em seu vibrar infindo.
sucede-lhe o perfume de dunas de quintais.
a seguir, desenha-se o teu perfil incisivo
arrastando consolo e inocência, aos pares.
confiando as minhas mãos limpas para o gesto

acende-se nos teus olhos a tal luz e, como um urso,
despertas da sonolência que aos ursos cabe
enquanto a sombra governar com a invernia.
firmado em teus lábios até alcançar os meus,
o sopro da esperança volta a reunir-nos, unos
— quando ambos alcançamos o azul, o algodão do sonho.

4.

num dia, o vento o nevoeiro ou o frio.

no outro, a pressa a neura o atraso o *stress*.

de manhã cedo, o espanto da pura claridade.

pelo meio-dia, o encanto do recolhimento
e, pela tardinha, a mão pousada sobre a coxa.

durante a noite, o sabor o cheiro e o calor.

e, de madrugada, tudo mais que nos une e liga / na rota do algodão azul dos sonhos.

5.

levas-me, distraído, rente aos ombros, junto da nuca.
trago-te, sem perceber bem, rente aos sonhos, junto da mão.
dos teus ombros soltam-se trigos e o jasmim
regados por minhas águas e tuas fragas.
da minha mão salta uma outra voz em verso
embalado nos teus fundos silêncios.
se pudesse escolher de novo, desconfio / que iria manter este coabitar:
viver anonimamente colada a teus ombros
para poder ter-te juntinho da mão:
contigo alcanço, assim, o algodão azul dos sonhos.
assim, contigo alcanço o azul algodão. / e o azul. dos sonhos.
distraído, levas-me numa asa.
eu dou-te a outra, sem saber bem de onde voamos
onde iremos / quando nascemos / como seremos

quando a tua asa se fortalecer ou
quando a minha asa se desprender.

contigo, assim; comigo, assim.
alcançamos, enfim, o algodão azul dos sonhos.

6.

a voracidade do medo alimenta
gestos crus debruados com avisos.
no avesso do falso pontilhado
desbotam ganância e sobranceria,
os verdadeiros ingredientes do suborno
do encómio e do liso sorrisinho.
a voracidade do ganho alimenta o caos.
o caos rebola-se entre lantejoulas e lama
riscado por unhas ratadas no fecho da bolsa.
gestos crus, destemperadas vozes
insinuam e insistem em terror e medo,
os verdadeiros ingredientes da corrupção,
do suborno e do reles desconsolo.
confiando as mãos, através da miudinha chuva
ainda se alcança o algodão azul do sonho.

7.

voo. vou por dentro da asa
aberta ainda adejando aqui.
voo intocada por granizo chuva,
protegida de frios das neves
e das insidiosas flamas,
da cobiça ameaçando aqui.
vou. voo aberta. ainda aqui.
voo voo. adejando ainda aqui.

entre o balanço da asa e o flanco da alma
urge o gesto conciso da utopia a urdir
aqui a tecer o algodão azul do sonho.

Da causa feliz

1.

há uma palavra nova para cada silêncio.

para cada inspiração profunda
uma sílaba arguta e distinta
a perfilar-se desde o infinito.
som e ar, iridescentes
som e ar, carinhosos
volantes, quer dizer, amantes.
há essa sílaba doce e saborosa
humedecida pela língua do fulgor,
acontecida pela vontade da fala,
adiada pelos sentires esmerados
pausas aquietadas à espera / do istmo do ardor e do tempo
subtil vibração de ar e som
entoação subtil do verbo amar.
há uma ténue e insistente causa feliz
tão feliz que até se esquece das pausas
da distância, falsa e inexistente,
da ausência, inexistente e falsa,
eterna causa, essa, de amor e luz
som e ar, iridescentes
som e ar, carinhosos, volantes,
quer dizer, amantes,
tempo e lugar alojados no verbo amar.

2.

há palavras doentes e baças pelo uso
pelo sítio nojento onde são postas
gretas escusas onde são presas
húmidos quartos onde se esfriam
corredores por onde se perdem
taipais de *tabopan* abafam o seu ressoar
motores de tracção a quatro deslaçam-lhes

os elos suaves
odor a fritos re-fritos mascaram-lhes as ondas.
há palavras doentes pelos maus usos e lugares
impostos com açaimes e chicotes da ignomínia
conferidos por gestos mecânicos, pois ocos
de encantamento
prescritos por actos vazios e sórdidos
sem horizontes.
mas as baças e doentes palavras
retomam o brilho na voz
a cada instante
em que alcançamos o algodão azul do sonho.

3.

das palavras doentes e baças não reza a história.
germinam no interstício das incertezas
minam cada vacilar da vontade
esboroam a côdea de pão ou broa.
o seu destino é miseravelmente pobre.
o seu rumo aquieta-se, tementes de inovação e movimento.
germinando no interstício das incertezas
minando as vontades vacilantes
as palavras doentes e baças
desidratam-se a si mesmas, / autofágicas.
piranhas do próprio bolor, da sua ferrugem
destinam-se à miserável pobreza
à medida que se estagnam no como dizer
dando origem a silêncios múltiplos, negros,
originando espaços em branco / prolongados
por páginas e páginas onde, algum dia,
os mestres da fala irão inscrever palavras
sãs. Luzidias. fulgentes.

fala do homem 1.

vá, toma lá este resguardo para a memória
toma com jeito a coberta dos amores.
recolhe em teu peito os impulsos os soluços
mais os apertos e os tremores de pura emoção
para que as veias não esqueçam
para que os sangues não esmoreçam
e a vida jorre, morna, a desenhar-te os seios.
vá, fica com tudo o que te tenho guardado.
chega sempre a hora única de pisar o novo chão.
fica com tudo, cuidadosa / mente preservado.
hás-de dizer-me no fim, ao descansar do caminho.
por agora já nos sabemos
parte inteira que falta a tantos
— para que o sangue não esqueça / nem as veias esmoreçam
    para que a vida jorre os lumes / que aos teus seios alimentam —
fica com a carne e as mágoas
suor lágrimas leites.
toma os silêncios amorosos
os insidiosos gestos por tímida hesitação,
guarda junto ao teu coração os nomes todos
bordados pela minha voz numa canção.
vá, vá, toma lá / tudo isto guarda com teu jeito.
hás-de dizer-me no fim, ao descansar do caminho.
por agora já nos sabemos parte inteira,
o que falta a tantos. por agora
por agora, já nos somos incondicional
mente, amor.

fala do homem 2.

agora, com os haveres resguardados,
toma a meus ombros / devagar.
estão cabisbaixos, como a nuca,
as sobrancelhas e, até, as mãos,

descaídos,
sofrendo da ausência que bem sabes,
mulher minha, estranha aparição
nesta travessia onde à loucura correspondia à velocidade.
não sei onde situar-te, mulher minha.
desconhecia as pausas o como sinto a tua
entrada / arrebatadora / em meu coração.
podem os outros pensar que a tua magia vem
da enérgica fala / da redonda dança / da pele de veludo / dos olhos em faísca / só do perfume,
ah! do perfume que me segue sobre o lábio doce doce.
mas não, mulher minha: são as pausas
a eterna serenidade de onde arrancas
o som o tocar o roçar,
dessas longínquas paragens onde nos conhecemos
e, desde então, ficámos juntos sem saber,
quero dizer, sem o sabermos saber.
assim, agora, com os haveres resguardados,
toma a meus ombros / devagar.
meus ombros, minha nuca, e o arco
o tenso arco das sobrancelhas
e, se ainda te couber no peito Moreno,
toma-me as mãos, como disse Florbela,
"amor, devagarinho".
embora sofrendo dessa ausência que sabes tão bem,
mulher minha, aparição estranha na travessia na velocidade,
toma-me em braços e, neles, depõe, neles repõe
as pausas desde onde
arrebatadora
me abriste a meu próprio coração.

fala do homem 3.

toma agora o lado esquerdo do meu peito.

cuidadosa, ampara-o com a mão direita

sem o veres nem o olhares sequer.
com o tacto dos dedos aveludados
vai soltar-se uma das asas lisas
para agraciar o teu gesto morno.
estremecerás, talvez, ao seu contacto
primeiríssima asa humana em tua vida
primeira mas, sobretudo, única:
os seres adejantes só são semelhantes para novatos.
fica, assim, a sentir-lhe o pulsar
a ecoar a vibração acesa
estremecendo
até à ínfima casa.
cuidadosa, ampara a asa vibrante
até o peito recobrar em suave estar
momento para o olhares em silêncio
e voarem, acertados no batimento,
já retomado por meu peito.

da primeiríssima asa humana da tua vida guardarás essenciais recordações.
primeiro, do toque e da textura suaves e acetinados pela luz.
do odor entranhado do mar refrescando-se em cada mover de vento.
ao cheiro a mar juntarás o sabor do sal aliado à brancura dos cristais
onde as brancas asas sempre habitam.
também a doçura da romã geme nas costuras do alinhamento
das asas ao lado esquerdo dos peitos.
vapores do limão distinguem os corações fluídos dos empedernidos.
se, assim, cuidadosa, amparares a asa do lado esquerdo do meu peito
renascerei do tempo onde fomos um só leito
voltarei até ti e, com a tua asa, de asas juntas
eternamente tornaremos a ser um só voar.

fala do homem 4.

à hora a que te escrevo, querida,
dormem as rolas
e as joaninhas pousam as asinhas

transparentes
nalguma erva verde sob a geada.
à hora a que o grilo canta neste poema
à hora a que o cavalo galopa e resfolega
à hora de matar as marés de saudade
viradas ao Sul, polo do teu afago,
à hora a que respiro acordado quando é hora de inspirar sono adentro,
à hora do verso nascer aos borbotões
à hora do sonho alagar as enchentes de água dos rios e das chuvadas
— a esta hora, querida, meu amor
recria-se a história da insensatez
refaz-se a memória do futuro aberto
reitera-se o caos da sublevação
renasce a esperança e a alegria serena
repete-se o verbo da circunscrição
dos nossos abraços antigos imensos
agora, universos enlaçados: eternos.

[Lisboa. Cafetaria delta Q; Coimbra. Café Trianon: 17 e 25-31 Dezembro / 2012.
Coimbra. Pastelaria Tosta Rica, Café Trianon, Casa Verde: 3-4, 19-21, 29 Janeiro /2013]

CANTO III – Dos Sóis | 2014m. **11.º ANDAMENTO.** ***herdeiros do espanto.*** [2013]

Aprender.
confesso-me vencida superada
reduzida à diminuta dimensão
do minúsculo ser onde se lavra
a inesperada e gigantesca emoção.

confesso reconhecer-me: pequenina.
confesso reencontrar-me: situada.
confesso desconhecer-me: sitiada.
e ainda confesso prever-me: encarecida

mente grata e entregue ao que me habita
e, vibrando, me alonga e engrandece

até ao subtil limite do sem limites.

neste modo amante, o que nos incita
ao voo cujo fim se desconhece
é a eternidade, o enquanto me habites.

[Coimbra e Nîmes, 9 e 14 Junho / 2012]

Herdeiros do Espanto

1. (para teu sossego)

portanto, meu amor eterno, tudo é verdade.
tão real e verdadeiro como o ar por onde agora voam estas palavras
cromatismos cintilantes comoventes, comoventes como o arpejo na voz.
não tenhas medo da metáfora nem da imagem.
astutamente, grava o ângulo e o perfil dos nossos sonhos, pois partilhamos os mesmos
os mesmos estranhos secretos e, partilhando, os mesmos sonhos sabemos, ambos sabemos
nunca termos sido estranhos. / segredo nosso. /
portanto, e em conclusão do que falámos, sossega, amor, descansa-te e confia
pois essa loucura, se rara, também perturba
amorosamente os viandantes de casas, amoravelmente os residentes nas nuvens.
há muito tempo — suspeitavas e, agora, sabes — há muito tempo estava combinado
o nosso passeio ao fresco, pela rua, de mãos dadas, apenas as mãos unidas,
pois as almas em chama agasalham-nos com o violeta e os azuis da claridade.
tudo o mais é íntimo. real. profundo.
e retoca cada veia do meu corpo, teu também, curva da mútua pele
cada fino arco ou linha onde aprendeste a registar e inventar como sorrir-me.
ao toque do ar comum, vibramos.
tudo o mais, real e partilhado, tudo o mais dura menos ou perdura
como a lágrima doce aqui agora a turvar-me estas letras (cruéis? falsas?)
enquanto invento, preservo e esmero a mão — a tua — o ovo. o universo.

o ovo desenha o arco ao mover-se.

o arco desdobra-se em volições cintilantes promessas do incolor.

constante, o sal pousa-se e refaz o regresso ao ciclo da respiração.

sem rugas no instante, o ondear branco resguarda nervuras intemporais.

faz-se a corrida a favor do vento.
no desdobrar do arco em intenções a descida confunde fonte com foz.

todas as promessas emergem do ovo, pois desenha-se oval em movimentos
curvas arqueadas rugas enroladas destinadas, sempre, ao devir branco
a conversão mais cintilante do incolor.
sob a aparente acalmia dos pigmentos tanta é a inquietação nos corpos de água
que as marés nascem para vir morrer à areia onde o ovo desenha o arco despudorado
entre as minhas promessas e intenções.
sirvo-me dentro da meia lua prateada que as nuvens consentiram em trazer.
uno a minha voz e devém suave o rufar da água, o rolar do ovo, o trepidar.
concedo-me em intenção tangível mergulhada na vertigem do ondear.
noutro instante sem rugas, agora vivo, fio da saia onde embalo areias. embalo
nossos corpos vivos em arco tecendo linhos.
o arco de que falo, porque o sei, acontece independentemente da hora.
o arco de que falo, porque o sinto, é ele mesmo que institui as horas.
para ser mais clara-e-evidente direi que o arco, múltiplo incolor,
em si contém todas as virtualidades, em si detém o medo, detém a dor
e a facilidade por acomodação.
senhor da cor e da eternidade por brincadeira, até inventa o tempo
para que nós, fundidos na eternidade, perduremos juntos também, na posteridade.
este arco que guarda a meu coração, este arco dança nas cores e baila à chuva.
ah! como eu amo a essa chuva, essa chuva por onde passas distraído
esquecido do mal de mim e do de ti!
amo. a essa interesseira chuva branda e de finas gotas, só aguinha, assim,
pérolas caindo em suaves transparências, pingos vertendo sumos e humores.
por vezes pequenas bátegas esvoaçam ao colo do vento a ir e vir sem nexo.
do mesmo modo é o escorrer agridoce de meu amor no rosto da alvorada.
amo a chuva que te abraça e refresca.

do mesmo modo amo, do beijo, a brisa e a ternurenta esperança que não cessa.
encantada saboreio o travo novo, a bátega de brilhos em sintonia.
encantada sigo e, creio mesmo, enlouquecida
pois do nosso tempo não consta a leveza eterna.
encandeada por pouco tempo sigo
convencida do lastro e dos rumores aquietados sob a vibração do gesto.
sigo ansiosa ante a pulsação do ombro onde nasce o amplo peito o ágil pulso
ramo onde poiso onde, aninhada, me permaneço no avesso do dia-a-dia
— desordenadas, também as horas vão.
sigo poiso me permaneço e te sinto: sentir-te é a metáfora mais certa.
o desalinho dos olhos exige espaço.
o desencontro de vidas espera-nos, terno, pois sabe que somos os herdeiros do espanto
ao longo dos amealhados tempos longos.
o desabrigo dos corpos abre, em nós, a dança miudinha, requebro enlouquecido.
encantada saboreio o travo novo. luminosa, uno-me em pulsação, em ombro
no teu ágil peito nasço-me em ramo onde poiso permaneço e te consolo.
inebriada com o sabor do travo novo provo-te plenamente: sumo e mosto.
— provar-te é a metáfora mais sábia. inebriada, fisicamente ébria
textualmente embriagada pelas pausas, letras unidas em palavras pausadas
distanciadas até a paixão devir sentido —
inebriada pela vibração, o teor, embriagada por dispor do branco verso
intenso imenso aberto em vento, provo-te plenamente: mosto e sumo.

sabor novo trago nova luz aos mundos.

2.

tudo é possível pois nada é impossível.
nada limita o eterno e o infindo
curso do tempo em ínfima pausa ínfima, curso do tempo ou rio por onde cresço.
tudo e nada pois as palavras, se bem que fadas,no fundo não significam nem substituem
a verdade enraizada no ar nem a saudade nem a memória do que arde. do quem arde.
nada e tudo, amplíssimo verbo
conjugação em gerúndios populares:
de todo o tudo que pode e sempre foi, de cada nada impossivelmente vazio
sondo a esfera o vértice a espada e a rosa, afino o canto de cisne de algum dia.

das palavras cuido: aliso falhas. limo arestas. limo restos, limo sílabas e raspas
das fadas do verso branco das palavras, até da cadência, de ritmos e entoações,
posso abrir mão que é como quem diz afastar- /
me.
noutro lastro descansar-me, outro desejar-me.
tudo é possível pois só se não consente o gesto que mata: acatar o inexistir,
desistir ficar refém do enquadramento, acatar: acomodar-se entre prosa e bolor.
as palavras não significam nem substituem
a verdade enraizada no ar, a saborosa precisão do que arde.
nada e tudo, amplíssimo verbo, conjugação em gerúndios populares:
de todo o tudo que pode e sempre foi, de cada nada impossivelmente vago
refundo o sonho alço-me em fina espada, lisura da lisa esperança onde renasço
desabrocho meu peito puro de jasmim e rosas
e, para que nunca se desafine o canto nem se confine ao pardo fim embaciado
posso partir, pausada, meticulosa:
pois tudo é possível e nada é impossível, pois nada limita o eterno e o infindo
curso do tempo em ínfima ínfima pausa, curso do tempo ou rio por onde cresço
livre verso onde, enquanto amo, respiro
e ardo.

3.

no dia em que eu te disser que parto o que tens de fazer é dizer-me *bem sei*,
já mo tinhas dito, amor, num certo verso.
no momento em que (há-de) chegar a hora de te soltar de vez, livre, a voar
de te entregar de volta à casa mãe
meu amor podes, até, respirar fundo, baixar a cabeça rodando-a sobre ti
fixar o olhar no longe ponto instante, o mais fundo que encontrares de ti em ti,
podes estremecer — mas pouco, amor, sem demoras
nem dramatismo alheio àqueles cujos
dias devem ser devotados e enternecidamente dedicados às artes de esferas e esquinas.
podes, meu amor eterno e de até sempre, podes sentir algum arrepio na nuca
uma tremente veia descendo-te em ombro em antebraço até ao lugar anónimo
onde não ponho mais advérbios nem adjectivos porque, venho avisando das fadas,
das palavras: não evitam a pulsação.
nesse dia à hora em pleno momento

— queira o acaso, se nos destinámos cumpri-lo —
no preciso instante e vez de despedir-me
peço-te, amor, apenas isto te peço:
guarda as virgens águas que hão-de invadir-te, abraça as águas roucas que te vão magoar
cala-as onde o branco amargo devém pranto mesmo que nem percebas a razão do leito
húmido e quente a marejar-te as formas.
no dia em que eu te disser que vou de vez vais dizer-me *bem sei, amor meu, sei-o bem*,
já mo tinhas dito, amor, num verso certo.
o poema que te escrevi ainda não está tecido por entre letras nem palavras.
vem nascendo gemendo como a geada que, quando menos se espera já é camada
de frio e água plena sobre as coisas.
o poema que te escrevi nem sequer o sei nem o esqueço, claro, se o não recordo.
aliás, nem meu é esse poema, essa trama de brilhos e arrepios, corcel demente
dança sem prosa colhida por teu passar.
o poema que respiro e tu respiras (é mais segura e justa esta metáfora)
já anda tresmalhado pela cidade e a cidade nem se sabe alucinada.
a estação a praça o largo e as duas pontes de tão alumiados no verbo — ou ar —
nem sabem do mesmo que nos cativa num tal poema sem letras nas palavras.
apenas o rio os troncos e outros animais sabem.
a estranha visão do que somos derrama o silêncio deste amar.
o rasto das letras no papel é prévio à passagem da mão
antecede o traço e o desenho a acção de tinta e de espaço.
o rumo da intenção sussurrado não termina na sua condição escrita:
antes de ser intuição já é vontade o pulsante modo do verbo sendo.
o caminho das letras no papel, o rasto do que respira entre palavras
pode nem passar de mero holograma psi-cromático no seu drama plástico.
sucede que, mesmo parecendo holográficos, os gestos semeadores do arrepio
desprendem-se em feixes de esperança, disseminam-se por mares e marés
germinam setenta e sete sentidos todos nascentes do teu corpo
que é o meu.
no dia em que eu tiver de despedir-me das letras e palavras pelo papel
o rasto o rumo e a sede da passagem hão-de consagrar o que em nós tarda
consagrar o que em nós arde.
chama.

4.

onde ficou meu silêncio habitado? onde mora aquele lugar pleno
de passagens pouso e emoções? onde anda a quietude dos troncos
a preguiça móvel das nortadas, o teu moreno e inesperado ombro
o meu ombro moreno reinventado, o teu ombro moreno e inesperado?

as asas da esperança planam sobre as telhas e as cadelas douradas.
consegues ouvir-lhe o adejar, leve?

faço uma curta pausa no calendário.
suspendo a rédea da organização e fundo-me contigo na utopia onde.

aqui é onde, meu amor de sempre,
digo o não no reverso do sim
digo o nunca no verso de sempre
digo o fresco no revés da febre
aqui é quando, meu amor presente,
respiro o aroma a teu gesto parado
respiro o teu espanto acordado. olhar.
respiro a sílaba dentro da voz que salvas.

aqui é o modo como a letra encontra a mais perfeita forma de iluminar a sombra
intensa, avançando pelo verbo latente.

calam fundo nas peles. / letra e verbo. amantes
tu, meu amor, / ao contrário do outro do poema do poeta traduzido pelo Eugénio,
não andas pela cidade nem pelas ruas. e, ao contrário da que espera pelo herói
eu não teço a colcha da fidelidade. (o meu amor, convém dizer, não é bem meu.)
seres de asas são leves, intangíveis, jamais se afeiçoam a portados, a murados
nem se anexam como regra dos sobrenomes.
(o meu amor, para que fique claro,nunca me deixaria só para ir passear
ou veranear, acompanhado ou só.)
seres de asas desconhecem o fastio, vencem o tédio o medo e os cansaços
polindo a luz aos dias da baça sombra.

(o meu amor, cumpre-me esclarecer, é independente dos timbres e aromas
da temperatura de nota clima ou saldo, independente, pois livre porque intangível
o meu amor nunca vai nem está nem falta.)
ser eterno é condição para ser. Amar.

5.

dizer a verdade em cada sílaba molhada agasalhada na saliva que me dás.
dizer a verdade toda a pouco e pouco, em cada recanto do corpo por onde avanço
por onde avanças e avançamos, suados de tanto falar sem respirar senão verdades.
dizer e repetir, então, a tese e as ideias, os argumentos os complementos
e os adversos
sintagmas situados — sem espaço ou tempo —
situados, os sintagmas, no verso branco
gemendo o todo inteiro a pouco e pouco
em cada reverso do corpo uno a que acedemos
em cada vocábulo da fala louca que habitamos
em plena língua a cingir-nos à mais pura
verdade.
só uma coisa lembra, sempre e serenamente:

o destino é uma invenção da prosa.

o cosmos nunca pára de rodar.

a beleza recria-se no silêncio.

o tempo não existe nem avança.

as algas habitam os corpos sábios.

o coração da chama sabe voar.

a cada fala corresponde seu estar.

o verso branco não tem rima par.

a alegria é volátil, intangível.

a vida perturba mesmo o bolor.

o desejo refaz as convenções.

a ternura sobrevive ao habitual.

o cereal só vive ao sol e ao ar.

o mar avança por areais e portos.

o destino é uma invenção da prosa.

o verso branco não tem rima par.

a saudade também pode ser recatada.

o lado de fora oculta a face sóbria oculta.

a linha recta infinda só morre no infinito.

a distância é amiga da intimidade.

há tantas marés quantas artes de marear.

das missivas tem de constar certo endereço.

por mais caminho andado sempre há passos por amar.

para bem de tudo e todos
por cada asa borboleta
respira fundo, alonga o olhar.

solta os medos. ama o sonhar.

6.

só agora trato da tontura inerente ao que vive silenciado.

poderia tê-la chamado, acolhido antes de refrear mares e medos
poderia ter tentado detê-la ao mesmo tempo que abrigava a incerteza
poderia tê-la calado ou esquecido, relegado para o convés das marés
sim, poderia fingir que a recusava, à tontura do que vive silenciado
braço gemendo em cada abraço silencioso.
ó meu amor livremente amoroso, guarda-me no centro. voo tangente / tontura viva.
trato a tontura inerente ao vivente com a mesma negligente paciência
com que os anos semeiam cores e rugas ou o despudor do sangue aquece o corpo.
trato o equilíbrio da irreverência com a imobilidade de uma pena a voar,
de uma gota de chuva na borda de um / telheiro,
de uma gota do mar saliente na onda em arco.
tomo a nervura do subtil movimento conforme o consolo se habite de memórias
e ciúme e despeito cedam lugar à esperança.
vai, à aventura de cada sentimento,
a doce criança que me equilibra na frescura, na história da livre infância alheia a prosa
e ranço.
o travo e a tontura desse gesto
é que resguardam
o direito a ser-se amado.
o travo e a tontura desse gesto
é que libertam,
do risco, o amador.
o travo e a tontura desse gesto
é que anunciam
o brilho aos amantes.
sem o travo da tontura
— sem o gesto —
Impermaneço. vazia, só aconteço.
ao toque e ao sabor comum voltamos.
a tudo o mais, menos real mas partilhado

a tudo pouco presente mais hesitante
como a lágrima doce aqui e agora
a turvar-me as falsas letras a devir a palavra
com que invento, preservo e esmero / a tua / mão.
voltando ao estado comum, espera-nos, / à chegada
o desconhecido ritmo suspenso da consolação.

7.

amo-te muito, meu doce amor, meu não se sabe. (...)

8.

por onde tem andado a prudência?
perguntas.
embora em silêncio escuto alcanço bem
a vibração do andar
a suave oscilação da tábua o esgar o olhar o pulsar
os véus que eu mesma pousei sobre os teus lábios.
cuida, amor, da claridade dos véus:
dela depende a verdade da palavra que amanhã me darás ao amanhecer
quando eu regresse para dizer-te o lugar da imprudência.

9.

venho — agora mesmo, mesmo —
venho a chegar da Lua.
demorei-me imenso, muito / muito mais do que contava
com tantos vários caminhos
várias vezes hesitei
e fiquei a contemplar
e deixei-me demorar
encantada em brilhantes ribeiros e marés
frescas
morros desassossegados e intangíveis
matérias
linhas de horizonte sem limites poisos certos
fartas nuvens sem lugar na lisa prosa diária
animais frescos e exóticos com asas plumas
e tranças

generosas ancas ciosas de tempos e óleos
lentos
cinturas inesperadas pujantes a ser entrega
e aves, aves planando. ou só o pousar do
branco.
agora agorinha mesmo estou a regressar da
Lua.
embora em silêncio escutas-me
e alcanças-me em vibração / ao ritmo do / andar.
a tábua, em oscilação suave / confirma véus e / verdades
da palavra, confirma
a claridade imprudente, majestosa claridade
que, insidiosamente, dás sempre que estás.
eu — que chego da Lua / onde me demorei tanto / a contemplar o incerto poiso de fartas cinturas
/ as cinturas da entrega / ligada a asas e ao vento —
eu, em silêncio, reparto
este pão de encantamento
onde os astros da galáxia
nos fundem sem contratempos.
venho — agora mesmo, mesmo — / venho a regressar da Lua.
demorei-me imenso, muito
muito mais do que contava
e embora em silêncio escuto
e alcanço-te, meu coração.
guarda-me desassossegada
encantada, à beira-amar

enquanto o som quebrar a monocórdica sombra do tédio.
enquanto o toque assombrar a veia atónita do
medo
e soar o cante ao sul endiabrado, danças e
arpejos
a par de cada compasso suspiro silêncio ou
brado.

por dentro do movimento de contra-acção do
fumo
no ar.
por dentro de cada acção que habilita o sonho
a voar.
rente ao rodapé dos tímidos hábitos tolos,
arrepios foscos da entrega, gestos poucos
adiados.
ao ritmo do raio a desvelar a minúscula flor
lilás
rompendo o vazio na calçada de pedra tecida à
mão.
ah e enquanto durar o teu sorriso vertendo no meu
ah e enquanto o meu sorriso durar vertido no teu
permanecerei.
confiante, pendente, esperançada
alucinada. à espera da palavra radical
que inscrevas subtilmente essa emoção no
universo
para depois, como me cumpre,
eu a poder gravar
a essa à mais universal emoção
com águas coloridas no papiro do amor

sob o signo pagão da branca lua
acendo no universo rosas vermelhas
entremeadas pelos teus olhos veludo.
devém rubro o rosário das madrugadas.

sob o signo do sorridente e nostálgico
arquear da sobrancelha no face-a-face
no frente-a-frente aos teus olhos espelho
alumio o universo com a chama pura.

sob o signo do ritual mais privado
do mais íntimo habitáculo do cosmos
ministro o aconchego em doses doces

governo, dos brancos leites, o encantamento
pelos gestos da inesperada geisha
em que me tornas cintilando à luz da lua.

10.

o milagre primeiro: eis o que importa por entre dores tramas e destroços.
e digo primeiro, amor, mas, a bem dizer, trata-se do único o fulminante
o abençoado arrepio a unir, a vibração a unir o que sopra
sopra lateja voga e sacia.
o primeiro milagre, meu amor único
(a lava, ao fundir-nos, nos amplia / imensos. íntimos dentro de cada um.)
do primeiro milagre, meu amor único,
não tenho ainda plena memória / ainda não recordo todos os ciclos
ainda não revejo todos os tempos
mas sinto intuo e, assim, saboreio e sei
a cadência o roçar o tom e o aroma
a que acedo por minha afinada voz.
meu único amor, de tão puro e íntimo,
crê-me: nada mais importa mais.
por cada vulcão partilhado / o morno orvalho a pele do poema
ungem-nos os óleos da consolação.
pelas minhas mãos te envio / nestas palavras
sob a pretensa forma da metáfora
o lastro da suave chama sábia e terna.

ser o constante brilho, o que irradia / sondar os pólens da claridade
tanto mais que as gaivotas se aquietam.

nos espaços vazios sem silêncio nem redenção
tudo se encontra no pousar das cores.
o pouso das cores, a sua entrega ao areal

invade o olhar. candidamente, / pelo olhar invade
o espelho interior e os íntimos gestos.
a profusão das pestanas regula a claridade.
os lábios assumem a contenção, suspendem
julgamentos, o ajuizar e a própria
irritação ou a dor dos ombros quotidianos
se desvanece a dor a culpa a inquietação.
nesta zona plena de silêncio pronta para a / redenção
a felicidade desponta do modo mais suave.
nesta zona e em qualquer outra latitude / da sombra
quase sempre basta uma fresta curta,
a suspensão, o desencontro das regras.
quase sempre basta repetir a esperança
para cansar para estafar os medos.
cabe aos artesãos do consolo ser o que irradia,
o brilho constante.
o pousar das cores no areal anuncia a rotação do cosmos
a redenção dos desencantos felinos.
ao pousarem no areal as cores resplandecem os pólens da claridade,
tanto mais que o aquietar das gaivotas estremece amorosamente o ar
e sossega o espelho interior / ou alma, meu amor.
na hora da discrição do encontro
saber deslizar a mão rente a teu pulso
deixar que o magnetismo da madeira
agrave a solidez do movimento.
demorar, atentamente, olhos e dedos
na quase fusão, na implacável onda
ver o chispar do toque iluminado
ser o incansável branco da pele.
saborear o odor o salivar o halo
escorrendo entre o que dizes e calas.
sorver o teu denso e inconsciente
modo de acordar o mundo tenso.
sorver-te intensamente. ser-te a taça

aonde virás a reavivar-te, amor.

11.

as asas são a mais esvoaçante matéria do poema.

nascidas nas penas ou em outras sementes / de algodão
no peito quente num ombro nu / ao colo das / mães
no regaço do primeiro amante proibido amor louco
nos refegos do tempo amealhando a / esperança
nos requebros dos dias expandindo a alegria
corpóreas presentes etéreas vivas / as asas, meu alado amor,
são o mais esvoaçante magma do poema.
senão, repara na constância das ondas
sempre levadas e trazidas por pares de asas
repara como flores e copas de árvores
se associam aos moveres concertados de dançarinos com passos de asas
vê bem fundo no teu olhar sereno / perscruta a lagoa da memória
escuta a vaga do retorno a casa de teus gestos tresmalhados.
escuta a marca do abandono em cada lágrima agora resgatada.
perscruta na passagem do desejo as sucessivas / âncoras aguadas
escuta. sente no teu olhar sensível
o profundo sobrevoar das asas de espuma.
meu alado amor, as asas / são, do poema, o seu modo mais esvoaçante.
por isso cada verso só se dá em poema / quando se solta
enleado enfeitiçado de asas de poesia.
mas da matéria do poema ainda se não disse tudo.
a falar transgride-se a moldura de ar
dentro da qual a voz sem eco sobrevive
fora da qual a voz sem eco fenece.
e se não basta o que se fala o papel tão-pouco
se tem prestado ao segredo continuado
de, ao acolher a inscrição perene,
resguardá-la de desvios ao sentido.
pouco importa, agora, se erros ou fugas
derivam de forma ou modo da emoção,

decorrem dos limites ou lições dos tempos
presos ao olhar de quem escuta ou lê.
pela fragilidade da voz e o encantamento do verso é que se ergue, intacta, a matéria do poema.

12.

ainda te lembro, amor, neste dia da véspera do futuro.
nesta véspera do dia do futuro, meu amor,
ainda
te lembro.
neste ainda te lembro, meu amor, adio / a véspera / do futuro
para mesmo agora impreterivelmente aqui
sonhar o doce pestanudo a teu olhar
saborear o ângulo de veludo do teu roçar.
és-me a polpa de alguma palavra aguada
alguma sílaba entreaberta aos nossos lábios.
ainda lembro, meu amor, nosso futuro
feito na véspera deste em cada neste dia
mesmo agora. impreterível amor. meu aqui.
assim agora mesmo aqui te lembro ainda
ainda agora venço a véspera prometida
ao saudar-te e sentir-te sempre junto de mim.

13.

venho dizer-te, meu amor ao longe,
da crescente sincronia dos nossos gestos.
pode ser por os ventos, mais amainados,
perderem menos tempo, agora,
com os versos.
pode ser por a chuva andar morna leve
e até destemida no meio dos dias, com o sol.
pode ser da temperatura rosada
mesmo afogueada, entrando fundo no decote.
pode ser, sei lá, por factores e motivos
tantos, causas múltiplas indeterminadas
ou quânticas. ou quânticas.
tudo isso e muito mais dará razão

trará descanso aos espíritos espartanos
socializados nas 4 idades da vida
sendo que, de descoberta, só as duas
primeiras são as vivas. pode isso tudo
por tudo isso e muito mais dar a razão.
mas, o sentido que sinto nos meus sentidos
arrepiados por este sensível sentimento
ah esse apenas a física romântica ilumina.
não há raiz explicada, nem quântica,
onde caiba o Amor.

no fim.

---

o ser que a palavra anuncia...

"E é da cegueira, / da sua impossível dádiva, / que irrompe o ser que a palavra enuncia."
José Fernando Guimarães. *A Palavra*. Porto, 1951.

o ser que a palavra anuncia
já aí está já aqui está já está vindo
do imaginário do desejo
nascendo na abertura à claridade
migrando do indizível sem tempo
como a pele sabe, dança — digo: nomeia
o ser, pois a palavra enuncia
jamais se entrega a esta dimensão:
da luminosa cegueira incandescente
mas subtil e levemente enunciada
o ser que a palavra anuncia
e entrega no intemporal jogo de espelhos
vai emergindo, assim, amado pela fala.

---

e agora nós:
(...) venho, apenas, lembrar-te:
pousa o coração na nascente de cada frase.
acolhe o lírio dourado que te roça a vidraça.

abre, serenamente, mão da alheia invernia.
despede-te da dor em bicos de pés para vires fazer a sesta a meu lado.
anda sempre amparado da tua profunda ternura.
ama-te eternamente, como eu te amo a ti.
andes como andares, vás por onde fores
caminhes o que caminhares
sempre, à chegada: ela.
é da vital mecânica dos viventes a surpresa o encantamento.

os prédios, frios de tão altos,
anseiam pelo quente do sol.
os prédios, sujos, não sabem lidar com
as meninas rosadas de calções
os meninos de gorro e ténis
as mulheres de avental
os homens de mãos de óleo
os jovens desactivados por play
station e televisão.

esse é o motivo da degradação urbana.
o mal-estar
por vezes activado pela timidez dos prédios.
nas caves
por mais retoques ou gestos evasivos pelas paredes
demora-se mais a ver o dia.
nas caves
mesmo nas respeitosamente habitadas
até às entranhas por estranhos
cuida-se mal da melancolia.
e até a melancolia sofre e quer basar dali.

caminhando pelo encantamento
no fim do trilho, passado o semáforo
sempre, à chegada, disposta a receber-te

por nunca te ter abandonado
paciente/ incansável/ resistente
andes por onde andares/ sejas como fores
ela sempre te espera
a latente
quando nos falta a presença
quando se trai a consciência por esquecimento.
à chegada, sempre te espera
a que dá pelo apelido de magia
mas podes chamá-la pelo nome próprio de vida
tu, que também és herdeiro do espanto.

agora que sabes do segredo da imanência
diz-me lá: ainda demoras?

CANTO III – Dos Sóis | 2014n. **12.º ANDAMENTO.** ***amo o coração (nove modos).*** [2006]

amo o coração (9 modos)

1.

amo o coração das andorinhas.

no branco curto
inscrito
protegido por penas
curvas
viaja
continentes
borda
o branco da memória.
amo o coração das andorinhas.
renovado
em cada nova estação.

amo. teu coração.
eu, andorinha.

2.

amo o coração do que se ausenta

alheio à cereja
que são meus lábios

a meu abraço
a cada passo intenso
alheio, estranho
algures
distante

amo o coração
do que se ausenta

inteiro, palpita.
em meu olhar.

3.

amo o coração de quem caminha.

braço largo preciso
neste universo
compassada
cadenciadamente
comovido

aloja-se em espáduas
peito largo
vigoroso

preciso amplexo
neste ombro

e línguas que amo

se te caminho.

4.

amo o coração do que se abriga.

esmerado
temeroso
quase assustado
borbulha em bainhas
de sítios graves
onde o aguarda
o amanhecer
da flor

amo o coração do que se abriga
entre as pétalas que abro.

5.

amo o coração de tudo que chora.

em silêncio
ou estrépitos sem nome
anichado
inteiramente
na entrega

branca lágrima
branca
de leite

amo o coração de tudo que chora
em estrépitos
na entrega a meu nome.

6.

amo o coração do que se espanta

entre portas
parado sem se mover.

o susto inteiro
habita
a admiração
num arrepio interno
o raro
contempla
a pérola da vida
a comoção

amo o coração do que se espanta
ante a pérola viva.
minha mão.

7.

amo o coração que surpreende

as árvores à beira do precipício
de ramagens verdes
ou adiadas
de tronco forte e escuro
ancestrais
nascidas ali desde os tempos
ilesos
à volta, rolaram pelas escarpas
pedras e armas de povos degolados

persistimos
guardiãs do horizonte
onde só teu coração me surpreende.

8.

amo o coração que se avizinha

em cada olhar contido
ou evitado
húmido de infância
e ilusões

túmido de lux
uria
e meigo.

teu coração
que se avizinha
do meu.
em explosão.

9.

amo o coração que se sustém

contendo o cosmo
inspira verbos longos
decassí
lab(i)os

intensa, intensa pulsação
impulso ou matriz. respirados.

amo o coração que se sustém
até que nos respira
cada lábio.

sumário.

amo o coração das andorinhas.

amo o coração de quem caminha.

amo o coração do que se ausenta, do que se abriga, de tudo que chora
do que se espanta
amo o coração que surpreende e se avizinha
amo o coração que se sustém

[Coimbra, TAGV, 8-9 Junho/2006]

CANTO IV – Da Fala | 2014o. **13.º ANDAMENTO.** ***das mais esmeradas emoções.*** [2012-2013]

enquanto a página rola para cima e para baixo contenho o olhar e as mãos para não te interromper.

respeito, oh como respeito! esse teu modo de ser.
respeito e saúdo e admiro a intrépida coragem que agarras, sabe-se lá com quantas mágoas e nevoeiros, pois de nuvens baças se enche a paisagem nos dias de hoje.
o quarto novo cá continua, arejado e pleno, sem mácula de outros braços, sem saudades nem odores passados.
a porta fecha com uma maçaneta de metal, por dentro. por fora, a maçaneta tem a ajuda de uma pega cinzento-azulada, da cor da porta, de modo a garantir que o que se pousar ali dentro não saia para fora e que o que esteja do lado de fora não invada o lá dentro.

já muitas luzes se acenderam neste corredor de livros folhas e letras; só a tua ainda não se avista.

pergunto-me se os alguns medos que fazem a vida serão o motivo dessa escuridão.
ou se apenas se deve — a escuridão pontual, mas que me dói — a esse teu modo de ser que respeito e saúdo e admiro.

meu amor que ainda não és, mas desde sempre somos: desejo o que a outra alentejana desnaturada já escreveu: *'beija-me as mãos, amor, devagarinho / que coisa louca! (...) ".*
sabes como acaba tal poema.

porém... saberás onde começa cada verso meu?

---

da impertinente saga dos amantes poetas vivos
nasci.
venho nascendo.
e se alimenta

toda a passada curta de meu verso / toda a alçada baixa de meu texto.
o ponto de fuga,
conteúdo visual do panorama feito em cada crónica viva,
poderá variar ao longo da narrativa.
poderá variar, pois, no delimitado espaço
pela construção imagética da realidade.
agora que aprendi quão ilimitado é o território
face à sucessão dos mapas sucessivos
face às imagens e às metáforas tentadas
face às palavras e aos silêncios habitados,
cumpre-me registar neste papel, a par do amor,
a dor que também sinto sei e vivo,
embora não milite nela nem a alimente.
nesta caminhada pela paixão subtil
neste caminho de pele, sonho
e pão envolto em palavras de brilho e franco riso
ressoa-me o terno Poema eterno de Sena:
'Amo-te muito, meu amor, e tanto
que, ao ter-te, amo-te mais, e mais ainda
depois de ter-te, meu amor. Não finda
com o próprio amor
o amor do teu encanto'.

da saga impertinente do franco riso recordo a ligeira e pura facilidade.
da saga das palavras de brilho guardo ciosamente esboços e arquivos.

nasci da impertinente saga dos amantes e poetas viventes em espaços ilimitados.

se nenhum mapa contém todo o território / nenhuma maquete retém o fluxo da fala
nenhuma barragem detém o volumoso avolumar dos versos / tão involuntários quão precisos.

pela impertinência dos amantes poetas vivos
nasço,
venho nascendo e alimento

toda a passada, mesmo que curta, de meu verso
toda a alçada, mesmo que curta, de meu texto —
este o passo com que meço a imensidade
esta a fala com que nomeio a eternidade
e, entre ambas, inscrevo-me em mão suor e sonhos
profundos saberes, certeiros actos certos
muitas dúvidas incertas, humanas, fundas,
muitas memórias que são apenas, só isso: memórias.
e um corpo puro de delitos doces e inomináveis
que também cativo, habito e te alicia.

guarda-me no mais fundo do teu silêncio sempre que o silêncio seja de busca ou sonho.

por mais distantes os lugares nos mapas,
no território dos amantes poetas vivos tudo é aqui
e o aqui é hoje e agora — eternamente, enfim.

---

das mais esmeradas emoções

1. contemplação

nada a declarar.
ao mar nem à areia.

nada a declarar ao mar ou à areia do ondulado alinhar das marés.
os grãos húmidos esboroam-se a pouco e pouco
desfazem a marca, a passada do passo do rasto
temporário permanente ritmo de águas oceânicas.
nada a declarar à palmeira
agitando, ao alto, os verdes leques.
nada a declarar ao azul liso
oceânica-
mente pousado ante os olhos daqueles, de quem queira sentir.

nada, mas mesmo nada, a declarar na alfândega das esmeradas emoções.

o reflexo do espelho mais interior abraça o mais íntimo fractal
cintila, vital puro, incessante
e eternamente vibra, espelhando
as luminosas marés.

os grãos húmidos refazem o passo a passo.
é permanente o ritmo oceânico das coisas.

do rasto temporário permanece a agitação cadenciada das emoções
arvoradas nos 7 arco-íris.
nada a declarar ao astro grande
na dádiva incandescente do calor
dádiva que também é busca e missão
dádiva que também alinha e ondula através do azul liso das marés.
nada, pois: nem a lua azul
nada de nada a declarar acrescentar corrigir.
o corrimão dos dias desliza imparável.
a sucessão dos dias ensina, incansável,
como é permanente o respirar da vida
a desaguar no aqui e agora, no evidente
ritmo das palmeiras oceânicas, verdes
luzir das conchinhas no areal constante
onde o lastro da passagem mais interior
se desfaz pelo esboroar do medo
se refaz pelo emergir do brilho.

2. esperança

as emoções mais esmeradas estão na folha
atirada mesmo agora pelo vento para dentro do germinar do poema.
vão balbuciadas, vão sorridentes naquele rapaz de sonhos e de mochila aos ombros.
esperam, aguardam, serenas e aquietadas entre as sílabas que a criança há-de aprender
entre cada beijo roçando o tempo do Amar
em cada leito onde os corpos devêm amantes.
as emoções mais esmeradas esvoaçam em todos os papagaios exóticos / e nos que não

sendo estranhos são aves irrequietas /
e nos que não sendo aves têm asas do fantástico.
as emoções mais esmeradas são banais
modos do respirar comuns sentires:
uma olhadela de soslaio a tal rapariga, mirar mais fixamente aquele rapaz,
soluços lancinantes pelo balão
solto nas nuvens apesar do cordelinho.
arrepios de comoção profunda e boa ante a vitória a chegada o nascimento
a viagem a libertação a paz.
as emoções mais esmeradas são cadências
ritmos impalpáveis por onde voga o desejo o consolo e a redenção.

razão por tanto estarem na folha esvoaçante, como na firme raiz ancorada e fixa.
motivo por se encontrarem facilmente se as procurarmos com doçura e alegria
as emoções mais esmeradas: banais
sintonizações com todo o ser, vivente.

3. ternura

das mais esmeradas emoções escolho a ternura para pôr a meio da página.

alegorias do desassossego, nostalgias
metáforas de desconfiança e resistência
são dispensáveis e, direi mesmo, descabidas
ornamentos parcos e infelizes face à excelência da ternura.

é deveras excelente tal sentimento sempre situado entre os mais cuidados.

a ternura é, deveras, emocionante
e enlaça, de dentro para fora, os elementos
ela, em si mesma, têmpera matricial, raiz,
nascente, ao mesmo tempo que enlaça o tempo.

das mais esmeradas emoções, por fim, percebo o seu engodo sábio:
nada nem ninguém nunca escolheu a ternura por ser o gesto primordial de selecção.

4. amor

o gesto da selecção primordial vem sobrevoando as mentiras da prosa.

basta acolher o horizonte ali diante
basta pousar os olhos com todo o sossego
basta inspirar antes do desenrolar da onda
ou, tão-só, inspirar e expirar os dias:
o gesto da escolha primordial — a verdade, o critério da realidade —
dá-se gratuitamente, com modéstia
entrega-se sem reservas nem excepções a cada gesto doce. iluminado
pelo Amor de onda brota a ternura
as primordiais das emoções esmeradas.

5. arrebatamento

de uma vez por todas — quer dizer, eternamente —,
inútil repetir legenda refrão a mesma tecla
até a frase a ideia ou, mesmo, o mesmo verso
pois a vida não fica à espera da redundância, pois a vida segue em sua subtil inconstância.
é inútil e desnecessário, para não dizer em vão estúpido ignorante irritante ou, só, indolente
todo o gesto que se simule em quase-gesto, toda a fala que se cale no instante de vibrar
qualquer ensejo de coisa viva que se abafe no momento exacto em que podia ser milagre.

é inútil, até, repetir a inutilidade da repetição do quase-vivo residente em todo o quase
da sombra velha desgrenhada, já com entradas
que o medo de fruir ser existir e fluir sempre faz ao Ser.

6. do reencontro

e ali estamos de novo, face-a-face
só que, agora, a tua mão reconhece a minha
ao de leve, tocam-se uma à outra,
roçam-se, ao de leve leve leve.

e de novo, face-a-face, lado a lado, os dedos avançam sem pressas nem concessões.

sabemos, ambos, do orvalho na madrugada.

sabemos, os dois, do ritmo seco dos melros a anunciar que é a hora de recolher
a fantasia e o inesperado desejo que, ali, ombro a ombro, nos ilumina.

resta apenas, à minha cintura, guardar o teu abraço enlaçado:
e ali ficamos, de novo, reencontrados.

7. comunhão

aqui, no interstício da carícia de ar e da gota de alma,
arco invisível da ardente inspiração
entre o hesitante traço do presente e o pontilhado confiante dos sonhos
aqui mesmo, assomada ao teu ombro
sou a saliva da tua espera, redondo gesto,
a brisa que aquieta.
sou o riso
de infância que te refresca e perturba
onde — e, acima de tudo, e independentemente de tudo —,
terno, enternecido, me acolhes
na surpresa da dança desde o teu sonho ao teu ombro
onde, inteiramente alojada, sou o poema
sou o teu verbo de amar onde me declino
onde me dedico e dou à solidez do teu
à solidez do teu escancarado peito
onde. / agora mesmo. / assomada aqui.

8. dádiva

com todo o meu Amor te dou este meu silêncio incondicional
e terno.
eterno como o vibrar do dia
eterno como o girar da lua
eterno como o silvar das aves
eterno como o andar nas nuvens
eterno como o cântico nobre
onde pousa a minha pura voz.

com todo o meu Amor eterno te dou.

me dou.

e ao meu silencioso estar.

9. saudade

no recobro das mais esmeradas emoções vive,

adiando o tempo, essa inexistente duração

amparando a alma, esse invisível corpo

rodeado de outros corpos iridescentes

esses soberbos redutos da condição outra,

da verdade da vida que não é o mesmo que vidinha.

do recobro das mais esmeradas emoções

vai aceder ao néctar da cintilante dimensão.

um dia (que significa, no arpejo certo?)

vais reconhecer-lhe a aura, a alma a história

o ombrear intenso, o caminho encetado

os afectos encastrados ternamente

no tom no ritmo e nos cheiros que guardas dela

— da que vive no recobro das emoções mais esmeradas e, sobretudo, cintilantes.

10. perdurar

meu amor inexistente, pois eterno,

muito me custa, no agora, a tua ausência

muito me dói, no aqui, a tua distância.

sabendo, embora, da ilusão do tempo

neste entretanto onde escolhemos residir

recordo e sinto a plenitude inicial.

[Figueira da Foz, 'Albatroz' e Coimbra, 'Vénus': Agosto / 2012; Coimbra, Casa Verde, Junho-Julho / 2013]

CANTO IV – Da Fala | 2014p. **14.º ANDAMENTO.** ***a matéria da perplexidade.*** [2004-2013]

"só sei que ainda é cedo e tudo tarda..."

1.

só sei que ainda é cedo e tudo tarda

ao bater das badaladas no meu peito

o descanso de ontem não faz efeito

no eterno cansaço. e tudo tarda.

tudo arde se incendeia e nos atiça
a testemunhar a ser presentes, ao encontro.
só sei que, sendo cedo, nossa voz voga
por entre as incertezas sem receio.
só sei que tudo tarda e nada é vão
nada se perde no rodopio da vida
nada desfalece nem emudece,
pois é cedo
nada se define nem se eterniza,
que tudo tarda.

neste entre-tempos, entre-actos
— entretanto —
só sei que ainda é cedo.
mas, a justiça,
certeira, sempre grassa
por entre as falsas promessas do medo.

2.

confesso que o abecedário se me faz curto, pouco
no que respeita à matéria da perplexidade.

vem uma mulher pelo caminho, exausta
do pó das idas e vindas, subidas, curvas, carreiros
e rotas
com que se foi deparando ao longo do trajecto escolhido
mas de cuja escolha ancestral não guarda memória
nos dias.

nos dias o premente é alçar os braços,
apagar incêndios de fogos mortos,
afastar pedras, a uns;
segurar nas pedras, a outros,
amparar as costas arqueadas,
algum salto cobrir de meigo tacto

lágrimas, no rosto, lavar,
o suor, beijar
— sarar ou sorver — as feridas,
amparar o sangue dorido nas iniciáticas menstruações,
amansar os coices parturientes
amparar o alívio do corpinho
nascente dos que vêm do futuro para nos ajudar a ensinar.

nos dias o premente é este
sufocante e milagroso gesto veloz
de apoiar amainar activar actuar aceitar
animar aceitar afinar animar animar
acreditar nos dias do amar em tempo veloz.
vem uma mulher pelo caminho,
pedinte de água e tempo, amorosa do sol do corpo,
ou seja, da risa da alegria maior
e de todas as alegrias acedíveis pelo afago
a cócega o beijo a fusão roçante e o orgasmo, os orgasmos
fulminantes do veloz tempo de fogos mortos.
basta uma palavra, como, aliás, já se sabe.
basta uma palavra bombeira
inteiramente vermelha e fresca
ao mesmo tempo,
isso: fresca e encarnada,
pois a cor em questão nada tem a ver com vermes,
mas com a nossa condição de pele veias e sentidos dias.
confesso: no que respeita à perplexidade
a matéria da perplexidade,
tão desejada e ansiada mas pouco acedida,
o abecedário devém pouco, faz-se curto.
pelo caminho escolhido
mas de cuja escolha ancestral não guarda memória
nos dias
a mulher

— emersa no pó, exausta do pó
rejuvenescida pelo sufocante e milagroso gesto veloz
de apoiar amainar activar actuar aceitar
animar afinar e acreditar —,
a mulher encontra-se dentro da palavra amar
pequenina palavra onde os seus pés, a custo,
tacteiam rumos pausas e o estar no tempo
veloz, sempre um tempo atroz,
como, aliás, já se sabe, mas que muitos não admitem ou cegam na mulher.
se o sufocante e milagroso gesto veloz arrasa os caminheiros
também agasta a mulher que vem pelo caminho
pedinte de água e tempo e amorosa do sol do corpo:
risa, a alegria maior e todas as alegrias esquecíveis
nos dias do premente veloz.

"sei de uma palavra..."

sei
de uma palavra
impossível / de adiar
pungente sílaba
primeva e sábia
onda.
andamento do que vive
passo das ousadias
fulgente
som da pele libertária
fronteira de medos e convenções
conquistada, mão-a-mão, pelos sentidos.

---

entre os dedos e as palavras

1.

os espaços entre os dedos tornam-se cada vez mais
justos e doces, mais suaves e cúmplices, suaves,

unidos, irmanados ao longo de todos estes anos — all
this years — dados.

de espaços já nem se trata. apenas ínfimos
orifícios impúdicos. impenetráveis.
invisíveis mas sensíveis ao calor da tua mão.

dos espaços entre os dedos — onde os pus, onde os
deixei ou guardámos?

revejo os gestos desde o acordar até ao mimar das
cadelas, doces.

no espaço entre os dedos suspira, escoado, o tempo
que foi, já, de amor. gesto a gesto dos dedos,
pelas mãos dadas.

2.

entretanto havia luz calor perfume — ah esse perfume a gente amorosa ! — e mãos.
havia mãos como, na praia, há grãos de areia.
havia mãos como, no céu, se avistam estrelas.
havia mãos plenas de dedos sem medos nem outros
segredos
do que o de serem mãos.
dadas / entrelaçadas
entretanto pela luz imanente
habitadas do calor perfumando de amor o quarto de
estar.

3.

olho o caramelo do dorso e comove-me a plenitude
imensa.
volto a atentar no encaracolar do branco caracol
no suspiro imune. e comove-me.
a imensa plenitude a meus pés.

afinal, o Céu é aqui tão perto.
afinal, os Anjos também dormem.
— todos estes: os ensinamentos
contidos num suspiro das doces cadelas.

4.

falam por si as palavras, não por nós.

são mais livres, as palavras,
do que qualquer narrador
letrado polissémico versátil.

nada escapa às palavras --- nem mesmo às sílabas
que, embora destinadas a grandes dramas
pelos narradores
persistem em confinar-se à sua natureza volátil
associando um esvoaçar estático
ao acasalamento por sentido.
nenhuma palavra se dá ao transtorno das aparências,
do enfado
da pachorra mal disfarçada. nenhuma.
palavra que o seja, por si fala — não por nós.
as palavras são mais libertas do que qualquer
narrador.
salvo a legítima excepção desta regra:
não haver palavras onde caiba o amar.

5.

é raro o entendimento entre sílabas.
acostumadas a serem dispostas
algo mecanicamente entre si
ou dolorosamente contra si
o momento do encontro
que só pode estalar na significação,
geralmente, apanha as sílabas desprevenidas
sobretudo às que têm asas e usos metafóricos

viajantes.
aqui me confesso uma sílaba pequenina,
ínfima, de apenas duas letrinhas
cuja tradução exige sempre a presença
de, pelo menos, outra letrinha,
quando não duas letras totalmente estranhas.
pouco vagabunda — eu, a sílaba que sou —
incorre, contudo, num outro desvario
muito mais arriscado porque excluído
dos cânones da narrativa formal:
eu, sílaba que lateja pelo roçar da língua no palato
sílaba que se entrega à húmida orgia dos lábios.

eu, essa ínfima sílaba desejando dizer-se como mimos de berço e colo.

eu, essa ínfima sílaba cintilante
que sonha e sente e brilha,
aqui me confesso intimamente confusa
desejante do por enunciar,
desejante nas entrelinhas,
no respirar:
será que, pelo dizer aceso,
já sou a sílaba que tu decifras e és —
já sou, eu, a sílaba tu, aquela
que se encontrou no poiso com o meu enunciar?

---

a palavra que me abre

"Não sou a destruição cega nem / a esperança impossível. /
Sou alguém que espera ser aberto por / uma palavra.".
António Ramos Rosa. *Uma voz na Pedra.*

1.

a palavra que me abre paira, solta.

airosa se insinua e aquieta.

airosa me inquieta e alicia.
volta.
entre ondas de sílabas volta
a pairar
revolta espaços linhas esperas
briosa amante dos silêncios
ciosa bacante das metáforas
rasa-me de incêndios livres
ciladas
salva-me na sombra,
salva
a palavra que me abre e adivinhas.
vem numa correnteza de sussurros
guiada, é, por entre doces segredos
arrepiando gestos de consolação
fundindo a pele com a emoção
para estranheza dos ruídos vigentes
nos mercados de vísceras maquinismos.
gentes.
vem nessa correnteza de rupturas
suaves subtis e pungentes
arrepiando a pele e a emoção
ao roçar de nem se sabe como
ao soar de nem se sabe o quê
ao estar de nem se sabe onde.
ah! a palavra que me abre, solta
solta-se e paira etérea.
é vibração
fundindo a minha pele funda
e desperta
com a mais antiga emoção que nos liga
e a ti me acerta
tu, quem da palavra que me abre tudo adivinhas
tudo alimentas se a matéria é incriada

tudo adiantas se o tempo é inesperado
tudo acalentas se o espaço é alado
ah! a palavra que me abre e, etérea, vibra
solta, pairando entre nossas estranhas peles
e a nossa antiga emoção única, funda,
essa emoção ou palavra que me arde
de cada vez que a vives nas entrelinhas
no quê no como e no onde divinais.

2.

a palavra que me abre, inaudível
sobrevoa a semente da fala
inebria o fermento da voz
incansável, alcança o vento morno
incansável sangue a regar sabedorias
a saciar de amor, húmus da vida.
a palavra que me abre recorta os dias
distendendo os tempos do antes e do depois
num maravilhoso agora liso quântico,
múltiplo de enlaces vivências e emoções.
ao distender os tempos do antes e do depois
a palavra que me abre resguarda o intemporal
ser-se agora neste momento eterno
neste eterno momento nupcial.

3.

aqui e agora me nasço e dou
aqui e agora acontece a profecia
e tece-se, agora e neste enquanto
o imenso durante sem ter termo
o instante do terno eterno,
sem retorno
pois se é eterno nunca se perde
nunca se regressa do eterno estar
sendo, esse, o estar do terno ser.
a palavra que me abre aqui se diz.

a palavra que me abre agora vibra
pelos enlaces e vivências do que quis
por entre os nós e os desencontros que escolhi
para, agora e aqui, acontecer a fala
no concretizar da imensa profecia
enorme ressoar, inconstante adejar
asa esvoaçante do coração,
morada
aqui e agora, da palavra que me abre.

4.

nesta passagem sôfrega pelos desvios da vida
vão-se abrindo os caminhos, dão-se pequenos milagres
incrustados nos milagres incomensuráveis
onde repousamos desta viagem.

nesta irregular passagem de corpo e ânsias
baças lantejoulas e pérolas raras
sufocamos com vapores fumos e dores
sufocamos no próprio respirar das máscaras.

é dos pequenos milagres a palavra que me abre.

5.

a palavra que me abre seduz o amor.

a palavra que me abre devém vida.

ela mesma é partícula do amor
movimento iridescente, o que irradia.

é desconhecida e rara, tal palavra.

novidade insana, veloz alegria
suave inspiração, táctil arrepio
cordão de esperanças consagradas

roda de alegrias inesperadas
a palavra que me abre emana do amor
que é o que abre sustenta e sacia.

[Coimbra, Pastelaria Vénus, 30 Janeiro, 12 Fevereiro / 2013]

Derivações [selecção]**: 2.ª**

«fala a serpente a linguagem dos deuses...», Natália Correia

despe a serpente peles da cobardia
certeira, arrastando pedras e poeira
que injecta, de rastos, do ser que queria
tornar-se, tornando-se no grão da eira

despe a serpente as escamas do medo
avançando lentamente mas sagaz
nada a deterá que o tarde é o cedo
da áurea divina que a muda e refaz

despe a serpente o veneno aziago
dispensa distorções dos dicionários
liberta o pecado, fora – já - de prazo

arrasta e injecta de vocabulário
novo e perfeito os actos falhados
e avança, emplumada: faz-se Poemário.

---

sofia

começo pelo nome.
rodo os gonzos da porta
dia enevoado
avanço no empedrado que alinho
à medida de gestos e afazeres.
rodo os gonzos
os sonhos os caminhos

do portão do quintal. ou da memória.
refaço com saudade a nostalgia
e uma fina limalha incandescente
refaz-me em nome tempo e alegria.

| https://youtu.be/h4teOQemf7s

---

salvíficos

1

gravar um gesto pede imensos condimentos.

sangrar o bezerro
salvar a alma, o ouro
sentimento instante

gerar cada.
momento

2

ajoelhar
simples, é, para a humilde
interior suave voz
silenciosa

beijar o fogo.
é.
da alma alumiada

3

girar os gonzos da porta feita de tule.
dobrar a esquina da rua quebrada a lápis.
vergar o orgulho. vertê-lo
da lata para a tela virtual.
transfigurar o temporal da perversão.

4

ergo-me no silêncio enamorado.
prudente passo.

viveiro da verdade amante.

5

o silêncio
enamorado
fala-me
como jamais ouso dizer as asas
segredos. conchas. estrelas. sinais.
halo impossível quando confundo e tardo
o campo leigo, o mundo,
com areias ancestrais.

o silêncio enamorado entreabre
o cuidado errante de mim mesma
confia o horizonte prudente
menino viveiro
lava da. enamorada. fala ardente.

6

colho a raiz que semeei.

acolho a raiz do que amei.

sonho a raiz que serei.

reponho-me: raiz. o que sei.

7

há ainda uma palavra por decantar.

essa: o mosto.

o amar.

respostas

1.

quantos são os humores da serenidade?

— pensou. na borda do lago das cinco bicas.

como se move o coração das coisas?

onde se guardam as provas do dia-a-dia?

quem acarinha a ternura das pedras?

quando se abre, amplo, o horizonte?

por que enlouquecem as palavras mudas?

— calou. à beira da seca fonte das bicas.

2.

porque os humores da serenidade estão vivos

sente-se

em arrepio

a pedra enternecida

move-se

em fonte

a borda do coração

da loucura, seca, não restam gotas.

à beira do calendário

as cinco bicas

jorram-se em caminhos do silêncio.

e tudo o mais é vida.

[Coimbra, Tosta Rica, Restaurante "O Silvano", Jardim da Manga, Café Santa Cruz: Março-Setembro / 2004, Setembro / 2007, Março / 2008, 19 Março/2011, 8-9 Novembro / 2012, Abril-Maio, Setembro-Outubro / 2013 | Benavente, Pastelaria Flor, Maio / 2010]

CANTO IV – Da Fala | 2014q. **15.º ANDAMENTO.** ***círculo virtuoso da vida.*** [2013]

ciclo virtuoso da vida

1. do rio depois das chuvas

brioso, bojudo, orgulhoso

da rapina de misérias

e relíquias
intenso, farto, imenso
no desaguar do destino
para a foz

incessante, incansável prenho
do perecível. a caminho.
virgem.

circular fecundação do oceano
refazer nascentes.
fazer-se em fonte.

2. da esperança

olha, ser a palavra
que temes.
sílaba intacta
boca incansável
soletrada, semente esmerada.
ser
a curva palavra.
ser.
olho do grão de-
vida palavra
na fibra do encanto
na cadência.
passo. desafiador dos caminhos.

olha, ser a palavra
a incumprida
aliança em doce espera.

3. do amor (Sonata)

um

entre a voz e o silêncio te encontro
amor da minha vida. sem compasso.
entre a primeira nota da sonata
o ruidoso enrolar das vagas brancas
toco a tua pele dorida na maré.

sem compasso e sem contexto é a onda
a que entrego a filigrana de meu corpo.
entre o rumor e o sopro de oceanos
visitadora dos cânticos difíceis
a onda a que entrego o aconchego
devolve-me, por sua vez, o inaudito
amor da minha vida. sem contexto.

dois

entre a voz e o silêncio me encontras
na *gymnopédie* lenta de Satie.

entre a voz e a sonata.
nas marés.

4. da poesia

por dentro das coisas todas
palpitante
uma sílaba de fogo
alimenta
calendários de horas e pausas
incumpridas.

palpitante habita e gera o imprevisto
de coisas bichos gentes — criaturas.

modo sólido de concretização por dentro
das matérias.

uma sílaba

afagante

no ardor
em pulsação.

[Coimbra, *foyer* do TAGV, Café St.ª Cruz, Parque Verde, Café-Pastelaria-Restaurante «Tosta Rica», Janeiro e Junho / 2000, junho 2003, Abril e Maio / 2008 e Janeiro/2009; Praia da Tocha. 55.º Aniversário do 'TiChico', 18 Julho / 2002; Aveiro: 1.º de Maio / 2008; Porto Palácio Hotel]

CANTO IV – Da Fala | 2014r. **16.º ANDAMENTO. *. entre o silêncio e o escutar.*** [2013]

"Com as palavras se podem multiplicar os silêncios."
Manoel de Barros. *O fazedor de amanhecer*

Das metáforas

1.

ainda não se inventou a metáfora para dizer o Amor.

todos os mistérios sagrados escapam às metáforas
embora, sem metáforas, os mistérios deviessem fronteiras, grades, algemas ou efabulação.
ainda por inventar as metáforas que digam a verdade, a aceitação ou a traição.
esse o caminho de quem acredita, aceita e ama
Ser o mistério, por ínfimos instantes, da consagração.
ainda não se inventou a metáfora para dizer o Amor:/ escapa a juízos humanos e à prosa da ilusão.
amar é um caminho e é um trabalho / exigentes de pausas, gestos e contemplação.

2.

as metáforas são âncoras da esperança. / servem à dilatação da alegria.
faróis da margem amável e segura,
as metáforas sucedem-se em revoadas
alternam entre o vácuo, aparentemente vazio,
e o bafio dos pútridos momentos.
amo as metáforas suaves, doces, carinhosas.
as que trazem ao colo gestos de mel e colo

as aconchegantes
húmidas morenas mornas.
bastam-me essas metáforas.
dispenso, pois, todas as mais:
agrestes doridas esvaídas de fé / e as dolorosas.
as metáforas são as âncoras amorosas.
assinalam, com doçura, a eternidade
essa metáfora de dar a mão, de verdade.

Do amor em tempos de horror

1.

dentro de mim encontro o teu sorriso e o lastro antigo
da ternura a unir-nos por entre as linhas da mão
mestre de abraço consolo e afago dos medos.
eu, Senhora dos afectos preciosos
sem cotação nos mercados sensíveis como ouriços
eriçando espinhos, fincando espinhas,
cuspindo o juro o iva: o magma do desconsolo.
dentro de mim existes, pois nos criamos juntos
e desta co-criação é o teu susto, grave.
afinal, *'homem de pouca fé'*, não te entregas às parábolas
e desprezas o mais fundo das metáforas
tanto quanto no texto inscreves o que não ousas.
a energia que daqui dreno é tolerável apenas aos seres afinados com o grande sol.
meu amor do instante eterno e pleno:
acolhe-me em palavra e sorriso, luminosos
— de tão fogosos, macios, tácteis e destemidos
    hão-de matar esse pequeno silêncio
    a toldar-te olhar e voz, como a mim
    magoa, pois a dor — digo: a sombra —
    é uma metáfora falida: a escala dos solventes.
viçosa palavra te incendeie! / graciosa voz te mova e ressoe!
por entre as agendadas frases dos que precisam de confirmação,

por entre o chorrilho triste e imbecil do púlpito político
actualmente, aqui, agora — no eterno universo—
somo-nos, unos, ungidos para ser o Ser.
dentro de mim encontro o teu sorriso
e o antigo lastro de leites, suor, sémen e sangue.
profunda, a comoção onde me agiganto — digo: aprendo.
graciosa voz te incendeie e nomeie, / viçosa palavra te ressoe e mova,
agora, neste poema onde, juntinhos, fazemos o caminho até casa.
[Bueno Aires, 2011. *Nota*: a banda sonora deste Poema é *'Bring me home'* — Sade,]

2.

é um amor aguado,
alinhado às ondas, nuvens
a cada maré morena, cada fim-de-estação
a todos os meridianos e memórias do corpo
da terra onde os braços se sabem húmidos
na procura de outros braços, troncos e ombros
(pois é sempre o que os braços buscam primeiro)
e bocas. e lábios de línguas e palavra.
generoso em tempo
despegado no espaço
ambicioso no lastro até onde se oferece para acolher o mais sibilante sussurro
doce sussurro simples, suave fala ardente
em perfeita afinação com os húmidos sentidos
e os olhares aguados onde habita
por enquanto
esse amor, estranho, é aguado,
gemendo águas, mel e rosas
como só compete ao amor — digo: à nascente em flor.

3.

ouvir é uma das bençãos deste amor.
a vibração rasa o pensamento e liberta-nos, de vez,
para a carícia do sorriso do sopro doces,

ah tão doces, mesmo quando recusamos ou fingimos que não.
ouvir e respirar, ser a suavidade,
bençãos deste amor ao corpo denso que me levam a ti
adejando cada asa, arejando a casa, ah tão suaves.
atento um pouco mais no *bandoneón*.
num arrepio de pele soletro o verso da canção !*bésame mucho!*
rodo a minha cintura para ti.
ouvir e respirar: ser a suavidade livre
da carícia, do sorriso, do perfume dos cabelos,
desde o corpo denso até ti, levando cada asa minha,
tomando na minha a casa o sabor das tuas penas e esperanças,
bênçãos deste amor aguado mas, ah! tão livre

4.

agora que regressaste no respeito
afago, com vagar, rugas e riso
de modo a sentir rebordos e linhas,
pequeninas descamações ou securas, acumuladas pelo conter do sangue.
agora, solto e revolto, o sangue brinda-nos, as faces, com brilhos e coloração,
os lábios de ensejos do beijo,
com intumescências rosa,
estremecendo na reabertura lenta das membranas
até ao saboroso degustar das línguas.

5. fazes-me...

fazes-me sentir a linha dos ombros
a língua dos sonhos e a brasa do ventre.
fazes-me saber os pontos cardeais
os ventos alinhados e os ramos desgrenhados.
fazes-me soletrar o ritmo inteiro
das asas nocturnas onde pousas, breve.
fazes-me sair do recanto baço
onde a claridade é um espasmo insaciável
para onde te encaminho ao dar-te a mão.

fazes subir a maré rosa e vazar o sal
fazes oscilar os cata-ventos
nos dias de temperatura soturna
nas casas entreabertas a teu passo
no soalho onde permanece o rasto
do perfume de teu abraço e desse instante
até amarares ao longo do meu sorriso
onde pertences - enquanto houver palavras
para demorar a dizer que me fazes falta.

6.

pouso o caminho que se segue na suave almofada da esperança.
a noite tanto resguarda quanto abre os flancos puros do amor.
pouso o caminho que há-de vir, ciente dos tempos cinzentos
por isso, tão recetivos ao gesto do que chora e respira.
pouso o caminho para o afagar com o meu fado e o meu colo.

nunca ninguém se perdeu do amor se tomou o caminho, o rumo do amor

---

derivações da escuta

A escutar *"é fogo que arde sem se ver".*

B escuto-te *"muito, meu amor, e tanto..."*

C *"no mais fundo de mim eu sei que te traí",* silêncio.

D ó silêncio *"meu, gentil que te partiste..."*

E *"nunca conheci quem tivesse"* amado o silêncio.

F *"eu sei que vou te"* escutar / *"por toda a minha vida"*

G *"eu quero"* escutar-te, escutar-te, "*perdidamente*"

Do escutar

1.

é preciso saber dos poemas aguados / de marés doces e borboletas
para entender o ritual nobre da escuta.
se reparares, por onde vais passando / hoje, o maior martírio é o do silêncio.
expulso de dicionários e calendários / fora de moda e deste tempo
parece reminiscência ou iniciação ao desejo visto como pecado.
varrido de paisagens ruas e esquinas / encontra-se, muito raramente,
nos interstícios das pedras da calçada.
é preciso conhecer as pedras da caminhada.
é preciso conhecer as pedras e o desejo
para intuir a grandeza dos segredos,
para intuir a sageza dos moveres / cúmplices
sagrados pela dimensão silenciosa
a que corpo e pele se destinam, / provisórios.
é preciso andar na calçada para a escutar
é preciso arder no desejo para o ouvir.
é preciso vogar nos poemas aguados
para a, expurgada, dimensão sublime
emergir dos nossos tempos acelerados
viciados em berraria e sofreguidão.
é o silêncio que permite o ser da palavra.
já o silêncio convive bem com o grito.
se a berraria impede o silêncio.
se a dependência de telas sonoras
invade os ínfimos recantos
do pensamento íntimo mais íntimo,
é preciso amar-se, das rugas às veias
das veias às linhas das palmas mãos
dos veios até à raiz dos cabelos
e às vísceras, e à planta dos pés
para descobrir a inocência da palavra
palpitando nos abraços do silêncio

e amar o grito fundo do grande prazer gemendo.
enfim: é preciso honrar o ritual da escuta.

2.

agora que calo o silêncio / incendeio as margens do mar.
abro as asas do corpo.
inocente e destemida, / sorvo de lábios o beijo.
cobiçosos, os anjos inclinam-se, ternurentos
e, ao palpitar de nossos peitos, oferecem-nos
asas puríssimas, asas alvas brancas
libertas de medos ranço bolor e
— oh meu sofrido amor! — livres de gente.
agora que brilho à distância / acarinho as faúlhas da vida.
abro meus recantos, minhas águas
e, até, meus escondidos passos doloridos.
agora, destemida e crente no amor,
armo-te meu nobre cavaleiro.
destino improvavelmente certeiro / que só cada um de nós pode tecer.

3.

enquanto falas, o silêncio.
mesmo enquanto falas há silêncio, um silêncio enorme e belo, um silêncio desejoso de tua boca na minha, de tua língua na minha para depois devir — o silêncio — marulhar de abraços asas roçando-se devagar pelas rochosas rugas dos anos disfarçados com minha alma da infância e a esperança da presente eternidade.
mesmo quando falas há asas. inquietas de tão quietas a escutar, a escutar-te e à encantada fábula por onde espreitas e te defendes, esgueirando-te pelo lado de dentro da fala.
asas quietas e trémulas no fogo brando.
há muito seco esse fogo, agora reanimado por faúlhas roxas e douradas a entrarem-me pelo ar que inspiro e a saírem-me nas palavras e lavas que aro.
silêncio trémulo de tão seguro e assombrado por tom timbre e espírito que albergas.
só mesmo as duas cadelas, sábias, para apoiar-me nesta hora milagrosa da vida.
mesmo quando falas. / mesmo quando calas. / mesmo quando olhas.
pois olhas com a fala. calas com o olhar. falas pelo silêncio.

há muito esse encantamento ateado por um inefável gesto banal.

mesmo quando falas há silêncio, nasce.
um silêncio ansioso, cioso e desejoso,
o da minha boca a sonhar com os teus lábios,
o da minha língua a endereçar-se para tua face, tuas pestanas, testa e pelos finos trajectos da tua barba morena de anos, embora disfarçados com a alma da esperança — pois é tua a esperança da eternidade que intuis, aqui, por dentro do luminoso silêncio a gemer.
esse silêncio vertido em abraços há-de ser minha rosa dos ventos, ciranda e moinho do vagaroso tactear tuas rugas, do meu cioso passo por entre os nossos muitos anos a devir juntinhos. juntinhos e baptizados no sal da trémula luz quieta e incansável: a pequenina luz bruxuleante de Sena, o sonho constante de Gedeão, o mar de Sophia, a mátria de Natália, a mãe de Eugénio, o universo de Agostinho Baptista, e a cabeça febril de Herberto confiante, sempre, nos lugares das casas e das mulheres.
podes contar com a minha alma da infância.
podes confiar na tua esperança.
mesmo enquanto falas faz-se presente / pelo silêncio
nossa estranha eternidade / neste instante da revelação

[Coimbra, CAsa Verde. 29 Junho / 2014. Publicado in TRIPLOV 2025 link:]

4.

o caminho das palavras abre-se em silêncios e gestos.
sinuoso e incerto
apresenta-se como uma íngreme subida a tocar as nuvens
e distende-se em amplas estradas de pós, lamas, fundos barrentos e límpidas correntes.
quem galga as encostas das nossas serras sabe bem a geografia.
e os pastores dos campos fundos e olhar expandido
melhor do que ninguém
decoram fintas e vazas do sadio regresso a casa.
como os pastores e os caminhantes destemidos
assim os poetas.
cada qual, em seu ofício,
aprimora a destreza e o espanto indizível

da chegada:
ao cume, horizonte silencioso, o poema.

5. entre o silêncio e o caos

ergue-se, impõe-se a palavra / entre o silêncio, o caos e a prestidigitação.
ergue-se ilesa, imune aos crimes atribuídos,
às ilusões comedidas ou vis, aos costumes vãos,
aos ingratos gestos, à infâmia e à ostentação.
desde a raiz mais iluminada, a palavra amor
desde a janela mais arqueada por poesia de mãos
na pedra janela manuelina em tomar,
ó meu amor infante tão árduo sem-tempo!
ergue-se a palavra amor: intensa e imensa.
muitas há, palavras também, neste paradeiro de almas.
mas só uma — esta: amar — sabe a finura da sua altura.
só esta — ela mesma: amando — pode a certeza do seu gesto.
a palavra de que aqui se trata tem lugar cativo na poesia:
quem dera que pudesses alcançá-la por um raro instante
ó meu amor, infante! tão árduo amor no sem tempo do amar.

6. silêncio de luz

habitar o silêncio de luz é jamais previsto e, muitas vezes, na maioria das vezes, aliás,
passa despercebido. nunca os eleitos pela força viva sabem que o serão.
e todos o são, pois a força viva a todos toca e de todos parte para disseminar a redenção.

habitar o silêncio de luz é uma forma de ser eleito à paisana.
de fazer a ressurreição mesmo sem ter fé.

ninguém nem nada pede votos nem hábito ou códices outros que os da contemplação
ou da entrega pelo Amor — as duas vias gémeas.
habitar o silêncio da luz é deslumbramento e contenção impossíveis de partilhar
para além dos gestos amorosos.
assim, só sendo e fazendo o pouso do ser ou o encontro das ternurentas comoções.
habitar o silêncio da luz é caminhar pela fulminante via da revolução.

6. poema cansado do virtual

no silêncio fica o desgoverno
e tudo o que pode conter.
a voz audível e os gestos são a borda
da praia onde começa o meu mar.

7. dos silêncios incabíveis

na vida, há silêncios destinados a ruir
em mananciais de sons
palavras gestos ou sinais.
injustiçados. / caluniados / diminuídos
a quem se acostume ao acto abusivo
- sendo abusivo todo o acto que esmague ou dilua tudo o que respire.
estão Literatura e Artes
recheadas e sustidas por tal brado
pelo fim do silêncio asqueroso
do consentimento.
entre muitos feitos
há os comezinhos diários
pequeninos e vulgares
tendendo a escapar ao
mover colectivo das massas.
talvez as massas esqueçam ou desconheçam
- como 'o das tranças' já proferiu -,
que o que se faz ao mais insignificante ressoa infinitamente.
e talvez a actual cegueira
prive de perceber como o ínfimo habita o amplíssimo /
como o macro reside no micro /
como o que és se amplia no que fazes /
como o que fazes constrói o que és /.

8. poema do silêncio ante as coisas graves.

"agora que chegaste" ergo o silêncio

esse direito a guardar o que me guarda
e me consola neste deserto sem rede
de cegos tráfegos e lívidas ratoeiras.
"agora que chegaste" a teu destino
posso confiar-me ao repouso e à comoção:
os anos passam como as linhas do comboio
estendendo-se até ao invisível fim do olhar
num infinito jogo de saudades paralelas
às vezes cruzadas por outras linhas convergentes
para abrir rumo a nova e infinita expansão.
"agora que chegaste" posso cuidar
da palavra
da que me deste. da que calaste.
e ainda da que nem sonhas que te habita
entre cegos tráfegos e ratoeiras lívidas.
as coisas graves devem ser respeitadas.
as coisas graves devem ser medidas
com a parcimónia e o respeito que gigantes
sábios serenos sabem na espera desprendida.
hás-de aprender a usar a voz da poesia.
ou talvez não, se tua alma se alhear
à fuga e dor em que rodopias, ao fugir.
"agora que chegaste" ergo a palavra
até a humedecer do fogo doce emoldurado por asas de sorrisos alegres.
ergo o silêncio e o enorme entendimento
do que és e temes. e adias. e sofres
por entre o que mentes. e temes. e sentes.

---

entre o silêncio e o escutar

entre o silêncio e o escutar há compromissos, entendimentos cúmplices alianças
poemas tácitos e incitações de que, de vez em quando, podemos abdicar,
entre o escutar e o silêncio há a palavra, / a montante e a jusante, há a palavra.
antes do doce silenciamento, há a palavra / e, antes do silêncio, as palavras.

saber escutar é um voo rasante ao sentido / uma paragem na linearidade significante
uma provocação a dicionários e traduções / à confusa certezazinha no significado.

é o silêncio que permite a interpretação, / a diversidade a invenção e, até, o erro.

entre o silêncio e o escutar está o vazio e, daqui germinam ideias.

a criação inscreve-se no caos aberto: / a imaginação é imune a cânones
a criação é imune a usos./ a criação move o vazio, saciada,
sibila a pouco e pouco o vocabulário / ordena a construção em branco e gema
ordena a construção de ovo e margens / esse colo branco onde se ensaiam sentidos
onde soletrar inicia a insatisfação / e a insatisfação ensina a soletrar a revolta.
entre o silêncio e o escutar, alianças incitam a compromissos de letras e voz
induzem conflitos entre signo e vida
esta cuida de desinstalar morfologia e gramática estranhas ao pleno Ser.
entre o silêncio e o escutar, o pulsar / a vibração instável e incansável
do vivente a dar-se: a devir.
escuto o ramo fino e castanho
as folhas, ao roçar do vento,
as pétalas brancas de acácia
os olhos das flores humanas. escuto
o pestanejar tranquilo, suave,
subtil mover, inconsciente:
abraço das pálpebras à menina dos teus olhos.
a vida quer-nos avisar, sempre. e fá-lo, com tempo.
escuto — vida e recados no tempo. escuto e guardo.
esta é a minha hora de escutar.
pouso a caneta.
fecho o caderno e os olhos.
resguardo a menina dos meus olhos
da minha e da tua voz.
resguardo a menina da minha emoção.
assumo, com tempo, pousar a voz no tempo
fechar os olhos, escutar a pele e a comoção.

apuro-me na escuta, coração.

[Coimbra. Casa Verde, Parque Verde, Pastelaria Vénus e Café Tropical, Julho – Agosto / 2013]

CANTO V – Do Branco | 2014s. **17.º ANDAMENTO.** ***a obra ao branco.*** [2013]

'Beija-me as mãos, amor, devagarinho'.
Florbela Espanca, Poeta Alentejana, educada por outra Maria Toscano.

(ler de- va- gar, ao ritmo de inspiração e expiração, lentas, lentas)

1.

reconhecer o silêncio entre os brados roucos.
aceder ao brilho a latejar na sombra e ao húmus dos mares contido nas areias.
sentir o sentido dos sentidos lavados. / aceitar a febre que se adianta à cura.
acatar, nas feridas, a lição do que dói e sarar as dores com abraços pungentes.
fundir a pulsação com o espasmo do mundo.
latejar. latejar o embalo no corpo adiado.
desejar o consolo para os corpos separados.

2.

este é o momento da vida a refazer
-se.
no centro do universo[1], coração rosa.

este é o verso de aceitar e libertar o conformismo.
abertura. recriação amorosa.

só pela distância as colorações ressumbram.
a proximidade pode calar a voz.
o intenso pulsar da cor é emoção
— e este é o momento da entrega a ti,
coração, rosa ao centro do universo
pétalas iridescentes encaminhando
o verso, recriação amorosa abertura
entrega incondicional ao amor da rosa.

[1] título de livro do Poeta José Agostinho Baptista — cujo tema é, justamente, 'coração, centro do universo' — *O Centro do Universo*. Reimpressão: 1989. Páginas: 112. Editor: Assírio & Alvim. ISBN: 978-972-37-0238-5 .

3.

amar-te como se fosse morrer aqui.

amar, aqui, a loucura / e desconhecer, por erro humano,
desconhecer o sentido ao ignorar os sentidos por onde navego,
aqui: o como te amo sempre imprevisível
— caos em pleno nos brados roucos, fulgor da carne
    inteira e do verbo, amagados, verbo e carne,
    verbo e carne, leito do caos vibrante —.
desde sempre,
somos.
por isso te amo.
nos interstícios
nos escondidos lábios onde se lavra a luz.
amo-te.
meu coração rosa pulsa estremunhado
nos lábios ocultos solfeja ou beija a tua presença
casta.
amar-te como quem chegou até aqui só
para morrer, / para poder morrer
fascinado
pelo conhecimento absurdo e ausente
pela névoa branca, primeva
voz do encantamento bordado em contra-luz
para morrer de fartura de emoções da branca fala.
        morra farta, morra, pum!
        cada bala mata um.
        tlim? pois não!
a branco, verso arranhando neblinas e uivos
descuidados ou habituados.
o branco verso é o que aparta tormentos, fingimento
a venenosa sedução de sapos ou de medusas
criaturas maquilhadas mais hirtas que matraquilhos —

4.

vir morrer aqui à beira do verso branco
embalados pela onda da esperança
recobrados no quarto da indignação terna
onde a entrega ao amor rosa perfuma
os andamentos da recriação amorosa
pois, amorosamente, nos dá a rosa os seus vapores
ilesos ao contra-luz do mundo.
vir morrer aqui ao pé / sábio e descalço
tacteando extensão e curvas do corpo moreno
seguindo o veio da carne casada verso a verso
mão carinhosa meiga e aliada do pé saciado.
morrer.
num instante, sobrevoando neblinas e uivos
para que suspiros amparem o arrepio das pulsações
para que os gestos deslumbrem
o pouco e o ainda não, de vez.
derradeiramente: morrer.
bafio e medo acatam a nova situação
confiam as rugas e as brancas à imanente alegria
casa onde pertencemos desde longe, sempre.

5.

tocou o arrepio contido, ou foi tontura?

vibrou em movimento mútuo, íman, ou foi loucura?

o não dito do dito, foi lonjura?

— desde longe sempre tais perguntas ostentam
candura.

estrondosa é a esperança em que te banhas
meu coração rosa

centro do universo
casa do branco verso em recriação amo-
rosa.

só pela distância as colorações ressumbram.
a proximidade pode calar a voz.
resguardo a fala para que te aproximes.
até calo o verso para que, de branco,
algures aqui, como se viesses morrer-me-habites.

6. *(quantas vezes já morri?)*
de imagens e embustes vive o mercado
sobrevive o que enriquece à custa toda
dos lábios mais rasgados, desenhados
das patilhas estilosas aparadas.
de falsas imagens e embustes
amontoam-se os juros e os lucros
da máquina infernal que nos derrota
sempre que a incluímos na viagem.
deixemos de fora os malabarismos
do arco cínico e baço que nos envolve.
quantas vezes eu já morri, tu já morreste?
sabemo-lo. é passado, o tempo flui
e a cada cadenciada inspiração, sei
que a vida me encaminha pela ternura
que a vida só se habita pela ternura
pela magia da entrega sem concessões.
traz-me tudo o que tenhas, caseiro
ou feito à mão ou guardado na gaveta pura.
traz-me a memória ilesa de dor, suores, odores
para lhe confiarmos a ternura. é passado
o que foi e já passou. não pode doer mais
se já não vive seja qual for a ameaça
a lasca o medo ou o perfil.

de imagens e embustes vive o mercado.

quantas vezes eu morri, e já morreste, tu?

sabemo-lo. é passado, o tempo flui.

e, agora, este é o nosso tempo

para derramarmos nele o futuro que inventarmos.

7.

"Aprovei minha conduta. Desejava iniciar esta amizade como uma aventura que não prevê início ou término. Pois pensava, caso viéssemos a ser amigas, seria para sempre. Não pretendia apostar no que mal começa e já traz em si o cerne da rutura."

Nélida Piñon. "Senhora da luz e da sombra". *JL*. Ano XXXIII. Número 1109 de 3 a 16 de abril de 2013.
In Tema Clarice Lispector, p. 11.

amar-te como quem chega até aqui só

para poder / para morrer

fascinado vir morrer aqui à beira do verso branco

embalado pela espuma da esperança, recobrado no quarto da indignação

onde a entrega ao azul da rosa perfuma andamentos da recriação. amorosa.

amorosamente a rosa abre / colorações.

só pela distância só. a proximidade faz chegar a voz

para morrer de febre, prenúncio da cura,

para tanger, prenúncio da febre

para alcançar, prenúncio da entrega

para alcançar — repito — prenúncio do longe,

o aqui à beira do verso branco.

amar-te como quem chega até aqui só para,

para § § § § § § §

acto maior do amplo voo imaculado passo encantado

pelas cordas em dança aladas ao luar,

pela voz das cordas tangidas,

pois as asas são o prenúncio da rosa, adejam no azul da rosa

nascida para azular cada recanto da cidade.

digna acção das pétalas da voz.

aspergir o verso / rosar o quarto da indignação

embalar a espuma da esperança da entrega, ao azul,

da rosa, andamentos da recriação amorosa,

pois só pela distância / amorosamente / se abre a rosa em colorações.
só a proximidade refaz a voz chegar aqui só
para poder / para morrer
fascinada vir morrer aqui à beira do verso branco.

folheio o catálogo dos sonhos. mansamente.

devagar, apesar da escura neve nos arredores,
percorro, delineio dedo a dedo, a palavra
as letras e os espaços do encantamento
os traços e os signos do fascínio
deslumbrada me abeiro da paisagem
por onde tudo pode remanescer.
deslumbrada, mansamente, com vagar sou
ilesa, habito nas folhas em branco
plena, reescrevo na topografia os sinais
do tempo onde os tempos são de asas
em coloração de azuis
— medonhos de tão ocultos e, mesmo, desconhecidos —.
do catálogo dos sonhos constam todos os universos:
o oculto, o luminoso e a sombra
ardendo na esperança da alegria
a morrer de febre, prenúncio da cura,
a tanger o mundo, prenúncio da febre
no acto único e inteiro de alcançar
(prenúncio da entrega) o longe / o aqui
o aqui mesmo à beira do verso branco.
deslumbrada, mansamente,
com vagar venho a amar-te aqui,
a poder / a morrer fascinada
sim, deslumbrada e com vagar
para morrer aqui à tua beira,
juntinho a ti, meu verso liso branco
meu verso rosa por abrir / por morrer

só na intimidade da mão em gesto
só no segredo da mão em traço
feita palavra asa lábio / lábios.
pela distância, só, refazer-me em voz,
chegar aqui, refazer-me aqui
paisagem onde tudo está a remanescer
para além, é claro, da floração dos azuis
andamentos da recriação. amorosa.
neste primeiro acto único inteiro eu mesma me confundo com o catálogo dos sonhos.
mansamente o seio assoma o ventre estremece
entontece a fala a curva o muito
devagar, ritmo da assombração, apesar
da *fast* e escura neve nos arredores
percorro, delineio dedo a dedo, mansamente
a palavra de corpo inteiro / quente.
"amo-te muito, meu amor, e tanto..." . [2]
este primeiro acto único inteiro é o da excelente
profusão dos sonhos sem calendário.
mansamente *gently* suave *slowly*
amar-te aqui, poder morrer à tua beira,
verso meu liso oculto, branco
desconhecido, por inventar nos arredores
da paisagem onde está tudo por nascer.
criar o inesperado lume na página, ardente.
inscrever o instante exacto da profusão da febre,
da branca febre rósea anilada
arejada e lisa, luminosa e ampla,
e branca febre, sim.
invocar o momento de me aninhar a mim mesma
em ti, meu verso oculto e liso
meu jovial riso a rasar a chuva dos arredores
meu tom promissor, gesto radical de abraçar

[2] verso que inicia soneto de Jorge de Sena.

o universo branco / fremente / na ausência
pois só pela distância amorosa se abre a rosa em colorações.
minha íntima passagem entre casas,
entrada dos andamentos da amorosa recriação
entrada da proximidade da voz: aqui
para poder / para morrer /
fascinada / fulminada
pelo verso à beira do verso branco.

ah arredores da paisagem viva! / ah arrastões da luminosa fala,
vendilhões disfarçados de luz à porta do fascínio do poema.
raça de víboras da lota do mercado! / víboras da facturação!
vampiros da coloração de rosas, / íris dos sonhos sem calendário.
boçais simulacros da canção: haveis de implodir e finar! e,
gently / suave / mente slowly
a voz arejada e lisa, ampla e luminosa / mansamente será, então.

8.

"a proximidade pode calar a voz" — disse.

ao mesmo tempo, voz que devém fala não se cala
nem cala o luminoso universo.
incabível entre as pétalas do ramo
incomportável numa única pétala viva
a voz ao devir fala não se cala
nem reserva a fantasia, nem amua.
sendo fala que não se cala nem cala
alcança vibrações linhas de silêncio e cor.
só o movimento permite dar a ver a voz.
só a densidade apaixonada — a queda —
obriga à corporeidade de alfa e beta
compele a sentir saudades dentro da distância.

só no movimento a voz se permite em entrega.

só se entrega, pelo movimento, a voz
— e, pela vertigem em distintas densidades, derrama-se a voz em fala universal.
trata-se de uma rara aventura.
dificilíssima de respirar e, mais, de ser.
mas as cordas e as partículas vibrantes
sustentam a afinação da voz em queda
suportam a vibração da fala branca
assim, a devir colorações tantas
a devir, assim, palpitações dos tempos
tantos os desafios do movimento quantas as patentes da cor rosa.
no arco múltiplo da assombração amorosa
ressumbram, ainda, os fascinantes azuis
até ao corpo na explosão incontido
até aos corpos desconhecidos devirem pão
côdea e miolo do acto maior da fala:
revelar, em cada migalha, os multiuniversos.

9.
estar prestes a morrer sem concessões ventos nem marés.

diluída no brocado vermelho
ascendendo ao planalto ascendente do desejo.
sem concessões, ascender pelas marés ao brocado vermelho do desejo
imbuída de vapores universais
e singulares inscritos nas paredes
singulares ventos ascendendo ao planalto ileso aonde escolho o destino
de vir morrer. estar prestes a morrer a saborear
virgem puríssima pele por visitar conhecer.
estar prestes, no limiar das possibilidades todas
ante as impossibilidades todos os limites
são o avesso dos liames que nos ligam

— li que nos amam. li que tu ames.

estar prestes a dar o salto mortal.
por fim, dar uma morte a essa sub-vida
à holografia de leites e sangues
por fim (li que ames, li amar),
certa mentira no reverso da ficção
verdadeiramente imbuída de marés
diluída entre ventos sangues e leites
inscrevendo o brocado do desejo
ascendendo ao planalto e, por fim, morrer.
estar prestes a morrer, por fim
ao contacto epidérmico do ar.
deslizar, certeiramente líquida
pelo inesperado brocado do desejo.

10.
resguardar a fala para a aproximação ser farta
ampla de vias, passos e silêncios.

resguardar a respiração, suster a morte da fala
no amparo, no requebrar do canto
suspensão, contenção dos passos
ampla voz de fado, sentimento.

[Cantanhede; Coimbra: Celas, Casa Verde, Café Tropical, Parque Verde: Abril / 2013]

CANTO V – Do Branco | 2014t. **18.º ANDAMENTO.** ***abrazo atlántico.*** [2010-11]

1.
mais ou menos por esta hora
exactamente
vagarosas, as esposas,
miram as montras
ansiosas,
pelas ruas pedonais dos hemisférios.

por esta hora, os maridos
adiantam-se uns bons passos a suas esposas e crias.
espreitam, farejam alguma
alguma fêmea
ou promessa
que lhes acorde o impulso do desvario.
mais ou menos por esta hora
exactamente: isso, é compreensível.

recorde-se: as crias
choram de noite
mesmo se já não cobiçam o morno
o leite morno e branco dos seios maternos.

recorde-se: as esposas
zelam, de noite,
febres de seus meninos homens e crias.

no reverso de tanto zelo
um esboço
de rugas cansaço rival do desejo.

exactamente por esta hora
as cuidadoras
animam-se com escaparates montras e vitrinas
de cremes e aromas nupciais
e — também elas —
se atrasam uns bons passos
dos maridos
desejando que, neles,

algo
que neles algo reacenda
que reacenda, neles, o desejo.
mais ou menos
por esta hora
as esposas
desejam exactamente para logo à noite
o regresso dos amantes
exilados
exilados em seus maridos.

mais ou menos por esta hora
vaza a maré
vazam lojas trânsito restos
das cidades.
exactamente no reverso
começa a subida
a alta vaga dos miseráveis.
por esta hora,
onde esteja a escrita
aí se levantam
em silêncio
andarilhos
seres espevitados por dores e carências
prestidigitadores de lixos e de sombras
cuidadores — eles também —
da solidão.
fazem-se acompanhar
por cheiros
repelentes de outros da espécie hominídea.

fazem-se anunciar
pelo chiar
de correntes nas bicicletas cansadas
ou por passos silenciosos e sacos.
ou por passitos silenciosos.
e sacos. sacos. sacos.
fazem-se apresentar mais ou menos
exactamente por si
mesmos. rostos de quem
não acredita nem espera.

mais ou menos por esta hora
exactamente
tinge-se o azul de névoas
acinzentadas
enquanto os outros e os uns
vasculham
revistas lixos vidas mais ou menos
por esta hora
no reverso do medo das cidades
move-se o gesto da ausência
move-se o gesto do desamparo.
escorre a leitosa mágoa.
a aguada raiva.
a nudez esquelética de afectos.
a inquieta larva da rejeição.
e, mais ou menos por esta hora
arrasta-se a milonga
de meias rotas, a retardar
em câmara lenta, a retardar

passos a retardar a fome a adiar a morte.

— por esta hora, exactamente, —

eu e tu gritamos

na praça do poema

no centro do exacto poema onde habitamos.

2.

mais ou menos

por esta hora,

meu amor,

voltas a esquecer que te lembras de que

existo.

voltas a renunciar ao meu olhar

— !Sureño!, claro!

meu amor sureño

mais ou menos por esta hora,

meu amor,

refaço o movimento que nos une

reato o laço virgem que nos prende

e inscrevo

nas bordas do poema

o meu abraço

— atlântico —

exactamente

por esta hora, oiço o que não dizes.

mais ou menos nesta exacta hora

a poesia inicia ao Amor.

mais ou menos

na, de novo,

intensa hora

a poesia me aproxima do teu corpo.
roço os viçosos mamilos peito costas
desço às ancas, arrepiada,
te eriço. te arrepio. roço-me
e vitalizo os subtis elementos
elementais para a boda dos poetas.

nesta hora exacta
exactamente
toco o teu sexo erecto
lambo-te e gemo de leites
de leites e arrepios universais.
tu, unes a tua gema ao meu colo
e em vagas de torpor / crescente
— exactas —
reafirmamos o laço do Poema.

nesta hora
mais ou menos,
meu amor
redesenho o beijo que nos refaz.

mais ou menos
nesta hora
no espasmo exacto que te concedes,
aí,
sinto-te inteiro a meu lado
no exacto espasmo que o teu me contraiu.
mais ou menos na hora do latejo
teu latejar certeiro

exacto, volta.

sufocante. doce.

exacto, volta.

reacende-me lábios.

afoga-me em leites.

volta. afaga-me em ondas de torpor.

3.

nesta hora, exactamente,

abre o Sol.

meninos

emergem à superfície da prosa.

governam 3 metros

da berma do passeio

a abrir portas de táxis

a roçar montras,

entre outras coisas como como carteiras esquinas

bolsos e sonhos de transeuntes.

à superfície da prosa

emergem

a boiar

de sapatilhas / calças de ganga e / boné

sujos

a boiar com a coca ou a gasosa

na mão

vazia

a boiar com a garrafa

vazia de recados ou poemas

ao invés da bicicleta do poeta.

os meninos

a garrafa

escorrem

à tona da prosa

exacta nesta hora

mais ou menos nesta hora

do Sol a pique

escorre

o futuro por essas mãos menineiras

o sucesso

a esperança de futuro

escorrem. esvai-se a esperança

num gole de gasosa ou coca

com que julgam

fintar a gravidade

dos dias da terra da sua queda

a pique

mesmo quando boiam à superfície da prosa.

estes meninos têm

os maiores olhos do mundo.

arregalados

espabilados

cobiçam

a mão da mãe

a aninhar um menino como eles.

cobiçam colares relógios cadernos

e pastas escolares

abraçados por tantos

meninos

como eles,

como eles nunca, nunca, jamais serão.

ainda com ternura

cobiçam

a quem passe

o telemóvel e o tempo.

cobiçam.

estes meninos, tendo

o maior ventre do mundo

praticam

a vertigem do presentismo

e da prosa.

manejam as clareiras

da sombra

o linguajar de ruas

povos

— a morte.

estes meninos têm a mais baça infância. da humanidade.

por esta hora

exactamente

quando o Sol se abre ao inverno

sureño,

claro.

meu amor sureño.

4.

por esta hora

mais ou menos

caminhas pelos arredores da felicidade

enquanto aqui

exactamente aqui
o fim da tarde me emociona.

está na hora de partir.
está na hora, exacta,
de eu, agora
me por ao caminho.

uma magnética vibração toca
aproxima os gestos. abraça os verbos.
uma encadeada e radical palpitação
aconchega os versos. os poetas.
intromete-se em cada casa
passada
entre casais amigos ou amantes
aconchega as frases, apazigua os gritos
paralisa muros e açoites.
uma estranha sintonia entre os corpos.
estranha sintonia entre os corpos invisíveis.
uma dança imensa de sílabas sensíveis.
partilha de cânticos.
exactamente.

a radical palpitação segue
a do Sol.
centro onde estou.

a bússola é sábia
aqui
nas 3 fronteiras do Sul

onde o Sol se põe
no espelho do poente a norte.

nas 3 fronteiras, ao Sul, estou.
no centro do exacto espelho. ileso.
onde o Sol se põe à esquerda
e nasce
pela mão com que abraço, clamo e escrevo.

a radical palpitação segue
a da mão.

mais ou menos por esta hora
nada lamento
porque exactamente sou
centro do espelho ileso.

a radical palpitação segue
a da vida.

aqui onde o sereno e o turbulento
curso das águas
se acasalam.
aqui onde a luxúria de amarelos
e de vermelhos / lateja
pressentidamente /
por dentro da selva
da selva por verdes fulminada.

a radical palpitação é

a do verde.

mais ou menos nesta fronteira
dos 3 países que são um, ao Sul,
a palpitação dos sentidos
contrários
ensina a vida como comunhão.
ensina como só a comunhão
gera o vivente.
a exacta palpitação. radical.

“Vine a nacer conmigo,
hermana.” — oiço.
“Sube a nacer conmigo, hermano.”
— lembro.
exactamente por esta hora
a bússola, sábia,
deita o Sol ao espelho
no norte e no Sul.
a radical palpitação segue
o desejo.
de ventre húmido
de tronco imune
de seiva doce
de leites brancos
de suor salgado
de vinhos fortes acobreados
a dois
ensalivados.

a radlcal palpitação
mais ao menos por esta hora exacta
é o desejo vivente. por domar.

por esta hora sureña
— meu amor dos nortes
    crescido pela mão com que escrevo
    alimentado pela mão com que abraço
    meu amor amado pela mão com que clamo —
por esta hora,
meu amor desnorte,
nada recuso ao Sul
pois sou
exactamente
o centro deste espelho radical.

aqui
onde o sereno e o turbulento
curso da vida
pulsar dos sentidos
contrários
me anima à comunhão com os viventes
poemas.
radical.
aqui
onde a luxúria dispensa o nome,
pois nomear seria matar um pouco o palpitar intenso do espelho radical.
aqui
frente às 3 fronteiras dos suis
inscrevo-me, pulsando,

fulminante

no centro dos sábios verdes da Selva.

aqui

por esta hora do espelho

exactamente nesta hora

radical

mais ou menos renasço

fulminante

sou a radical luxúria do horizonte.

por tudo isto

caminhas

a esta hora.

saibamos, nós, acompanhar-te em verso

nesse colo exacto de poemas.

[Agosto de 2010, Argentina — Ciudad Rosário (Club Social. La Fluvial / Vip Rosário café. / Newport café), 17-19; Puerto Iguazú (Bocamora Restaurant), 20-25; Buenos Aires (Izaiza, Aeropuerto), 28.
Março de 2011, Portugal — Coimbra (Casa Verde do Pinheiro), 2 e 3]

CANTO V – Do Branco | 2014u. **19.º ANDAMENTO.** ***o que arde: Poemas em Água Viva.*** [2004-2005]

nesta pedra. poema platónico

1

nesta pedra assentaste a tua vida.

é singular, distinta

igual às outras pedras.

nasceu oval, pequena

oval, alada

toda torneada de algas

inquietas asas, ilesas, lisas

quando voam vogam pelo universo.

2

nesta pedra assentou-te, a ti, a vida.
num repente, o fogo em movimento
estalou a ranhura da espera
passo ante passo desbordaste a galera.
braço até braço encaminhaste-te do porão
ao mastro do convés guiada pela tosca lanterna.
nada buliu: nem vento nem maresia
nem pérolas, nem algas afogadas

3

desceste pelos nós, morenos nós
feitos de vidas em cordas embebidas
só nós. de nós sem nós.

seguraste uma mão ao remo verde
e sobre o oceano saltaste sem te moveres

4

havia um lusco-fusco solidário
que te deu o laço do sossego
sem vassoura, voaste rumaste rasaste
mostrengos batráquios e fósseis doces

5

à beira-terra, uma crosta milenar
acenou-te em cruz
marcou o este em luz.
logo o sossego abriu seu colo em colo
deusas de branco e amarelo, infinitas
menearam seus cabelos doces
carmim.
latiu o bastão no recorte redondo
enquanto A Mãe a todas vós embalava
(só nós. sem nós de nós.)

6

de súbito, árvores ou mãos erguidas / ao sul
chamaram-vos para o alto mar / a norte.

rodaram horas saias infindas
acertaram o tempo deste a este
pelo vermelho-azul derramando leite
de virgens doces, ternas doces vestais.

7

fechado o momento intemporal
A Mãe libertou-te do ainda ovo.

8

deslumbrada, estremeceste do não tormento,
pois raízes, agora, te nasciam
indagaste com o olhar onde fincá-las
uma barba branca, aparecida então,
silenciou-te o receio e, em segredo, partiu.

9

nesta pedra assentas, assim, a tua vida.
árvores-mãos floresces, nasces à passagem
inquietas asas sopro é na miragem
carmins dourados levas
e anuncias
se o caminho encruzilha a caminhada
e alva terna doce branca, doce vestal
doa-te livre raiz. és. pedra. filosofal.

[Coimbra, 'Docas', 25 Agosto/2004]

---

o que arde não perdura.

1.

Se agora viesses, poema sagrado
trarias nos olhos a angústia de sempre
rancores ancorados em rimas do avesso
e medos e quilhas rombos macerados
nas pregas do trevo de 3 folhas feridas.
se agora viesses, poema, sagrado
canteiro de asas viveiro dos ventos

se agora brotasses do ventre das águas
do jugo dos dias suado em silêncios
terrenas misérias ódios governados
fartas intempéries a rugir nas bolsas
de abrigos ao calhas
seguros ao nada,
mãos e pés em chamas desbastam mentiras
dos cofres cadeados destilando a Terra
afogando a asa do tempo arrastada
ninhos das memórias a Oriente e ao Sul
a eito arrasadas. no peito,
um tremor comove as pessoas.

se agora viesses
tal rasto
por certo
baralhava a lida.

2.

ocupados
com a coisa inflamável
adiando o enquanto, o agora
o gigantesco voto de calma
olhar cravado no horizonte.
esboroar do lume
intranquila acha
invisível mecha resguardo do medo.
adiando o como, o que se adia é brilho
sombras poentes resvalam
entre os olhos fumos sem cor
evadem-se
hesitantes

preocupados com a coisa inflamável
queimando ourelas bermas e intenções

sobra o cantarolar dos peixes

3.

esse musgo ao acaso branco

o rapazinho à minha frente a rir

lábios vagos dos que o desejo inventa

(na cadência interna da fala sustentam-se os ecos)

sobeja o ritmo em vertigem,
cadência longa / de passos caiados

sobeja o tom sonante da vibração

o que perdura: tudo o que não arde.

4.

o que arde não perdura. não conhece, pois, a vida

o que arde não renova a sílaba em movimento

o que arde só se esvai. e é ao fumo esvaído
que o fogo integral lança a chama da verdade.

5.

o que arde e não perdura: é feito de osso e pedra.

6.

o fogo que ilumina alimenta-se da fala.
conjuga o ar com o tempo / faz a combustão do som
arrebata o ritmo intenso / dilata a vibração
alonga o rasto e flameja / o ser vivo em comoção.

7.

o que arde / não perdura / não se liberta nem morre

faz-se em cinzas de poeiras / molduras inertes frias

ao redor da intenção

aquém do fogo / circunda o ser, / a duração.

8.

o que arde oscila e desmorona-se
provoca o condimento da razão

avança para recuar / demente
impõe regras à consolação
dispõe o volume
o quanto / o grau / e o como
impõe como horizonte a razão

o que arde não fica e só tem vida
enquanto o que perdura lhe dá dimensão.

o que arde / não perdura / não tem vontade em seu nome

capricha na insistência
vão resistir temporário vão desistir
fulminado
face ao lume da imanência

9.

o que arde não perdura / não tem duração seu nome

é feito de quase e fora
tem esqueleto provisório
membranas de dissolvência
e é seu exclusivo atributo
a premência, sem existência

o que arde não perdura nem arrebata ao mover.

o tempo, por instantes,

arma ciladas, despista
o que arde e não perdura

o tempo deixa-se ir por prazer intemporal
pois o que arde e não perdura / é, em fragmento, sem nome.

10.

o que arde não perdura nos corpos nem na memória.

Ilusão insinuante do existir em acção
toma sempre alguma forma
extensão ou parecença.
redundante redobrado ser humano
ou acossado
repete-se à exaustão nas componentes locais
com que arde e não perdura.

11.

o que arde não perdura consola nem aconchega.

consome meadas inteiras de nenúfares com asas
rastilhos.
dias de espera.
armadilhas feitas pelos 'ses'
da secura do que arde
e, ardendo, não perdura.

12.

o que arde não perdura nem volta para dar a mão.

incandescente, agiganta-se enquanto o ardor quiser
e, ao passar do que arde,
consome-se na combustão do que em seu ardor arder.

13.

o que arde não perdura nem perpétua é sua dor:
sofre estala geme e grita
no inteiro sofrimento da verdade do momento

ascende cego e, sem flama,
ascende ao aquecer / até fenecer para sempre.

14.

o que arde não perdura.
deixa rasto marca pasto para que o ardor subtil
no rescaldo do regresso
deposite gotas de húmus ardente de comoção.
nesse lastro do ardido o húmus, incandescido,
faz-se criação sublime.
sendo o mover-se
o que não arde tudo move
e, intacto, se perdura
no esplendor de seu ardente fulgor.

15.

o modo do fogo inteiro
é o lugar da permanência:

perdurar.
o que semeia.

16.

fogo este todo fogo roxo.

alimenta-se de um cristal vibrante
«da penetrante língua da Alegria»

este fogo brada ecos suaves de brava insurreição.
gestos bravos ponderados
certos, todos sequiosos do brando roxo.

ergue-se em labaredas do consolo.

resguarda casas — roxas —
feitas cálice
e colo deste,

veias deste
farta nascente
concisa boca.
calendário do novo arco-íris.
maré que aproxima alça fascina.
painel esboço compasso. mel em tormento
espiral incontornável da passagem
deste todo todo roxo.
não evapora a noite / não destila o dia
caminha, incendiado
e, aceso,
alumia o que caminha.
o desafio.

17.

aos poucos a poeira vai baixando
até ao rés-da-terra onde a raiz
habitada pela garra se faz guitarra
brisa veia cilada que só o é
se calada se adiada a vertigem / da seiva
aos poucos volta à origem do caule
poroso tempo pousa no rés-da-terra ver-
de matriz obscena, travo da sede plena
baixios de inverno, telhas de andorinha
bravas calçadas polidas dia-a-dia
turvas esquinas, / esconsos recantos / becos desmedidos
lentos, não precavidos
marcados ao de leve com teus cinco sábios cantos
sítios de sandálias lisas mãos puídas e cântaros guardadores da maravilha

aos poucos
a poeira torna ao pó
renasce rente à terra
faz raiz.

Poema em Água Viva

ao contacto do ar com a tua voz
reconheço o timbre da tua boca.

distância estranha rúcula do gesto
entranhadamente ausente tocante
aguardo, enternecida, pelo passo alagado que conheço
distância estranha cadência do verso
sussurro encantado permanente prece

ao contacto da mão com o papel
reabito o húmus da tua boca
cintilante
na quase amarga ternura sobe a veia da nostalgia
e sob este intenso e sisudo verso
já nem me apetece sorrir
mas logo vem o laço da chama dar a fazer o nó.
vem o laço
cadenciadamente
abraça de lume a claridade
abre encadeados veludos
desmesurados veios da flama.

não, não há vozes silêncios obscuros gestos brandos tontas intenções não há vozes porque tudo aqui fala:
da raiz do choupo à verde cabeleira aves dançam bossa-nova. um zig-zag junto à borda do lago relembra que este poema é em água viva.
há granitos perenes por onde passo.
mas vergam-se com a emoção que me ardem pés e lábios lisos
húmidos granitos por onde ardo.

comigo
vem o lume do esplendor
asa do pousar

anúncio, em limalha, dessa noite
onde teu verso escorre para a minha boca.

também é de cristal esta asa ardente
gotícula do velho metal bruto já laço de ouro que o ouro traça ao passar.

aqui, onde ninguém
vai decifrar o tempo em que o vulcão deu sinal.
tronco situado farol amado,
comigo,
a limalha do ardor saúda Vénus que espreita
o pôr da tarde.
num aceno prateado e de chispas rosa
a deusa avoluma-se e elege o posto de onde ama
o limiar que lhe cabe em governo
trata-se dos sentidos, claro!
quando a paixão repercute pele e luz
quando o Amor amansa vadiagens a deriva conduz a esse poema em branco.
Comigo,
a limalha do Ardor encaminha-me
faz-me palavra de letras e arrepios
que também são as carícias com que escrevo
o mapa da insanidade.

ninguém pode entender nem decifrar as sílabas despojadas por onde se abriu o trilho do vulcão.
ninguém, Romeiro. / ninguém, paixão.

só, talvez, a tal chama a arder o desejo que sempre

comigo,
vem, incandescente, gesto do pousar.
um pouco mais além Vénus, estremecida,
adianta-se ao recorte lunar
já que trago a chama que ainda arde

já que comigo vem o lume do ardor.

a espaços ou espasmos cadenciados plana, insistente, a imensa gotícula que deponho
aqui, o incandescente gesto do pousar
aqui, à beira-mar salgada, aqui, onde me bordo em madeiro farol
do amado tronco da terra

o mesmo acontece com a memória
as idas e vindas desta água roçam gaivotas
rochas asas e abraços brancos de preto endurecidos
comigo,
trago a chama que ainda arde e, ao depô-la,
guardo-a eternamente
comigo vem, pois, essa asa do ardor
disfarçada.
por instantes enganou a linha do horizonte
aqui,
onde me nascem mãos e bocas e crescemos para dentro do teu poema
à beira do sal disfarçada habita-me
desde o tempo em que o vulcão deu sinal
disfarçada enganadora dissimulada
crescendo por tão eterno tempo em lume brando estalando vitrais de memórias vitais
disfarçada manhosa dissimulada
resguardou-me
no avesso do coração.
respirando ao seu ritmo andei, vivi, arfei em espasmos cadenciados na desordem do que mais quero saborear
aqui guardo a chama que ainda arde e deponho-a
com maresia
pelas linhas deste poema em água viva.

---

língua

embrenho-me de novo na alínea do inocente espanto.

sopro
lambo
sorvo e bebo

limbos do que somos.

[Coimbra, entre Dezembro / 2004 e Setembro / 2005]

CANTO V – Do Branco | 2014v. **20.º ANDAMENTO.** ***ao que vim.*** [2008--2013]

ainda agora nasci.

ainda agora sorvo o oxigénio, o sol,
o vapor do humano odor.

ainda agora inicio
esta incorporação, esta contenção
e já a luz me fere os olhos
e me alicia.

dedo a dedo começo a reconhecer mágicos limites de corpos e peles.
suspeito que hão-de ajudar-me a ser feliz.

mão a mão descubro o arrepio da ternura:
estar inteiramente com o outro
em silêncio.
passo a passo
periclitante
erguer-me do rastejar lúdico
não escravo
aprender a dignidade de olhar
coisas, animais, mundos e gentes. de frente.

pela corrida atabalhoada aspiro o desafio da velocidade.

e, ao sentar-me nas minhas coxas generosas
repouso da marcha
reconheço mil possibilidades para este redondo e promissor sítio
físico de mulher.

ah quantas descobertas e invenções por!

ah quantas sensações e surpresas a!

ah! tantas!

ah!

no meio do caos criativo apenas um
abraço
pode devolver-me à paz primeva.
ter essa doçura amiga é prova de nobre amizade.

ah! como um abraço ainda nos pode salvar!
[(docemente comovida) Coimbra, Celas.15 de Maio / 2013. 13:37 hs.]

---

a demora faz parte da urgência.

são o pleno reverso uma da outra
quando o desejo anseia pelo cuidado
e a inocência é aliada da vontade.

o dilatar da chegada dos gestos
cuida dos pormenores do encantamento.

mesmo assim, confesso-me irrequieta
mesmo a amansar sofreguidão e pressa puras.

"Neste lugar, não há pedacitos. / Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades."
Mia Couto

sim, reitero desprezar as gavetas
e todas as partições rígidas para o ser:
não cabem em restritas dimensões, horizontes largos onde nasci e sou.
reafirmo ser incorrigivelmente ampla
mesmo se o meu corpo devém leve, formas delgadas
mesmo quando meus limites mudam de cor volume formas
mesmo quando revisto e reinvento os meus contornos
sou a chama dessa mudança.
só através dessa mudança me reencontro e sobrevivo. e sou.
de aparências e gavetas vivem a imperfeição, a falsidade e a dor.
reafirmo ser filha e gestante do amor.
brotam, das minhas mãos, subtis linhas de consolo
sábias?, sim!, concerteza, por isso pequenas
minhas mãos de encantamentos imprevistos,
raros, de incómodos afectos
fora de época, fora de ordem *off the side*.
reafirmo habitar o lado do amor louco.
reafirmo vibrar a cada palavra que oiço
quando nos falamos, eternamente doces, ao ouvido
sim, reafirmo: preciso de te ouvir, sempre
agora e sempre ouvir essa rara voz serena
emergindo do do fel do conduto do sal,
voz e timbre e balada serenada dentro de mim.
onde andas, tu, que já nos fomos um?
porque foges à vertigem mais sublime
girando em círculos de tontas feras baratas
tu, que da fera nobre podes ser arauto?
onde te escondes que não te atinja esta alegria
tão subtil como terrÍvel pode,
pode ela também afastar-se também.
reafirmo a casa ampla, o quarto livre, a mão estendida.
basta um segredo corajoso no agora, livre.

abrir as asas brancas...

abrir as asas brancas
aprimoradas no encontro dos contrários
nascidas nos contrastes e na distância
entre a permanência e a lembrança
tão confundidas pelos passantes.
distintas são estas potências:
a lembrança baralha longes e verdade.
a permanência, por mais cerrada que a sombra seja,
aninha-se ao colo, amorosamente,
até devir claridade.

---

veludo, astuto, protegido pelos poemas
a escrever

colar de pétalas translúcidas, recatado
entre os versos a ser

ombro inteiro abraçado ao outro
e pousados, ambos, na nuca curta
na pequenina pausa a fazer após ser *faber*.

espanto, entranhado na pele do rosto,
pouco enrugada

sorriso sério, aguardando a vez.

olheiras desses olhos cinquentenários, in
cansados de olhar para ver.
a constância férrea a esperança líquida
o beijo novo

aqui se encontram, junto da mão só.

aqui te esperam:
fala estremunhada
pelo brilho
do ardor.

---

tomai e recebei...

" Tomai e recebei, as horas dos meus dias / Alegrias e dores, penas e trabalhos
Fosse eu rico, Senhor, e muito Vos daria / Mas sei que nada valho."
(Cântico Católico)

tomai, por isso, essa pele ainda luminosa
os firmes ombros fiéis — mesmo que não pareçam —
o colo e útero intactos, virgens, puros,
enquadramentos de coxas e febres loucas. loucas.
tomai o rodopio de pés e pernas,
joelho roliço, tornozelo perfeito,
tomai, e esses olhos magistrais. mas, acima de tudo,
as mãos, tomai; e os sais, doces exalados
vapores exalados da poesia e do canto
onde, soberana, a poesia encanta: tomai.
— os que possam, os que saibam — tomai, assim.
então, podereis, depois, descansar
eternamente
de nostalgias, dores, penas e trabalhos.

[Coimbra, Casa Verde, Pastelaria Tosta Rica, Restaurante 'Allô-Pizza': Março / 2012 e Janeiro-Agosto / 2013.]

---

lembro-me de ti todos os dias

1.

lembro-me de ti todos os dias
para me dizeres o nome de algum objecto ou artefacto
o tempo de certos moveres naturais
as horas das idas e vindas das águas
e, com elas, as marés de nuvens versos e asas.
lembro-me de ti todos os dias em que faz sol
ou quando a neblina encandeia a luz das estrelas.

sobre o teu passo chovem pétalas de esperança
a contrariar os medos e infâmias que te cercam.
lembro-me de ti todos os dias, silenciosa,
alojada entre aquele sorriso e um mural
a preceito erguido por verdade, pureza e encantamentos.

como deve ser custosa a passagem nestes tempos
aos seres intranquilos, ansiosos e despeitados!
por nunca terem sabido o amor nem a raiz do oceano
onde germinam paz, entrega e o pleno sentimento.

2.

lembro-me de ti todos os dias
e, sobretudo, antes de todas as noites
quando o crepúsculo abraça o molhe ou engana a vista
com ínfimas lantejoulas bordadas ao cimo das ondas molhadas.
lembro. lembro o olhar e as pestanas.
lembro. lembro o delineado fio dos lábios
por onde o sereio que te habita encanta e luta
desatinadamente carente.
lembro-me de ti a cada desafio,
em cada limite
em cada orifício por onde o medo insista assomar
em cada precipício por onde a raiva teima em se lançar
desesperadamente dolosa.
lembro-me de te lembrar e me buscares.
lembro-me de te aceitar e me acatares.
lembro-me de termos olhos desmedidos
gigantes ângulos de expansão e aconchego.

lembro-me de ti todos os dias e antes de todas as noites reinarem.

lembra, tu, então, a puríssima batida deste infante coração.

superfície sem relevo

fechar uma tarefa ou o coração
é assim como fechar uma gaveta.

ilesa superfície sem relevo

cumpre-se no resguardo
cumpre-nos na missão de ser.

[Coimbra, 1.º de Maio / 2008]

---

o problema do amor

o problema do amor com a primeira vogal maiúscula é que, de facto, perdoa tudo aceita e mesmo às diferenças dá o direito de permanecer. por exemplo, os assassinos ou os ladrões que continuam a receber visitas ou cartas das esposas amantes ou namoradas, ou, por exemplo, as mães esposas namoradas ou amantes que não renegam aqueles.
assim, o problema do amor com a primeira vogal maiúscula é a sua raridade.
e a sua raridade causa estranheza.
e a estranheza provoca perguntas e ilações e pressuposições e interpretações e tudo isto,
mais a má-vontade e a cobiça, aliadas à inveja, são os ingredientes da demolição
de qualquer sentimento com a primeira vogal maiúscula, de facto, os grandes sentimentos.

escrevo-te com a primeira vogal maiúscula acesa. incendiada. iluminada. presente.

escrevo-te com silêncio interior
e um fascinante ruído de traineiras lá fora, na sua procissão para a caça no mar.

escrevo-te com letras — ou será com linguagem?

escrevo-te com intenções — ou será com emoções?

escrevo-te sentada, embora o piso flutue
e os meus pés dancem suavemente na ausência da tua mão.

estranho-te, sim.
mesmo sabendo do hediondo crime que transportas e sempre te assinalará
uma das rugas do rosto
escrevo-te sentada, com o lábio de cima ameaçando tremer,
como se tremer fosse uma função esperada dos lábios
estas peles rosadas e saborosas por onde passam alimentos
como o ar, o sorriso ou a comida.

escrevo-te, encarcerada na memória do que fomos,
sabendo-te, aí, fechado no hediondo crime que transportas
e sempre te assinalará uma das rugas do rosto.

o problema do amor com a primeira vogal maiúscula é que, de facto, perdoa tudo aceita
e mesmo às diferenças dá o direito de permanecer.

escrevo-te com diferença cultural e de género, neste Agosto ocidental de praia e pouco mais,
no país das maravilhas
de uma alice atlântica que ainda espera pela baixa-mar para se entregar às vagas da mudança.

escrevo-te / e a consciência do paradoxo afoga as ondas do mar
— afinal,
    o maior problema do amor com a primeira vogal maiúscula.

---

ao que vim

a ser mais líquida.

a ser mais asa e, mesmo, volátil.

eu que sou a raiz de todo o Alentejo
e contenho, em meus ombros, a história da brava floração de planícies
seca exploração torrões ricos
ao trabalhar o grão e a oliveira, azinheiras e chaparros,
âncoras firmados no meio da luta dorida de classes

e do fogo do amor.

a ser mais serra, também.
e horizonte
onde a frescura apetece, retempero dos passos.

a ser mais nuvem, areia e silêncio
sonho fantasia intensa utopia.

a ser mais intensa no aquietar dos tempos
no pousar dos gestos
na renúncia ao medo
e em todas as frases de cómoda acção.

a ser mais poesia.
a ser mais amor.

e, ao ser mais, ser muitíssimo menos:
gota ar vapor grânulo folha mão
a ser menos coisa sendo-me mais pessoa:
parte ínfima mas única da co-criação.

[Nazaré,11 Maio / 2013]